

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ivanilson José da Silva

**A MODALIZAÇÃO VERBO-GESTUAL EM ENTREVISTAS DO PROGRAMA
*RODA VIVA***

Recife
2018

IVANILSON JOSÉ DA SILVA

**A MODALIZAÇÃO VERBO-GESTUAL EM ENTREVISTAS DO PROGRAMA
*RODA VIVA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Medianeira de Souza.
Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Thaís Ludmila da Silva Ranieri.

Recife
2018

Catalogação na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

S586m Silva, Ivanilson José da
A modalização verbo-gestual em entrevistas do programa Roda Viva /
Ivanilson José da Silva. – Recife, 2018.
178 f.: il., fig.

Orientadora: Maria Medianeira de Souza.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro
de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

Inclui referências e apêndices.

1. Modalização. 2. Verbo-gestual. 3. Multimodalidade. 4. Entrevista. 5.
Roda Viva. I. Souza, Maria Medianeira de (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2018-115)

IVANILSON JOSÉ DA SILVA

A MODALIZAÇÃO VERBO-GESTUAL EM ENTREVISTAS DO PROGRAMA RODA VIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM 23/4/2018:

Profª. Drª. Maria Medianeira de Souza
Orientadora – LETRAS - UFPE

Profª. Drª. Elizabeth Marcuschi
LETRAS - UFPE

Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde
UAST - UFRPE

AGRADECIMENTOS

Às Forças Supremas do Universo, a Deus e aos Deuses, pela força, pelo sopro de vida e pela existência da espécie que é diversa em pensamentos e escolhas, pelo arbítrio LIVRE...

Aos meus pais Jacileide (dona Já) e José (Zé Leite), meus irmãos (*Edinho* e *Dido*) e minhas irmãs (*Lena*, *Cíntia*, *Vanha* e *Jane*) que *severinamente* labutam todos os dias e que todos os dias torcem por mim. À minha mãe que, desde que me entendo por gente, *faz das tripas coração* para me ver subir mais um degrau, que inventa, que administra o pouco, que faz até novena para me ver ir além das *cercas do quintal no Sítio Baião*, mesmo sem muita consciência desses “estudos que eu fiz/faço em Serra Talhada e agora em Recife”. Mãe, *São as Lutas Dessa Nossa Vida / Que Eu Estou CANTANDO...*

À professora, amiga e um pouco de mãe também que a UFRPE/UAST me deu. Aquela que orienta, incentiva, torce por mim, acredita em mim, uma das pessoas que mais admiro e tenho um carinho que não se mede. Obrigado por a cada reunião de coorientação (a domicílio) me dar energias para continuar. Obrigado pela *Força Pra Cantar*, Thaís Ranieri!

À professora Medianeira Souza, pela orientação e paciência diante dos meus atrasos, pelo profissionalismo e pelo ser humano que demonstrou ser, sempre me respondendo de forma serena, e compreensiva. Obrigado por acreditar no meu trabalho e que eu tinha capacidade de desenrolar a danada dessa dissertação.

Aos professores Elizabeth Marcuschi e Cleber Ataíde, por aceitarem compor a banca de defesa e pelas contribuições na leitura cuidadosa deste trabalho. Aos professores Susana Cortez (UFPE) e Emanuel Cordeiro (UFRPE), por aceitarem compor a suplência da banca.

Em especial ao professor Cleber pelas contribuições também na banca de qualificação e na minha vida acadêmica desde a graduação, como meu orientador desde o primeiro período. Descobri um grande profissional e um ser humano de coração gigante desde que o conheci. Obrigado por *Ver o Brilho dos Meus Olhos* e me ajudar a crescer.

Aos amigos que me incentivavam sempre na academia e na vida: *Gilson* e *Diego*, com quem dividi moradia e grandes risadas nesse último ano. De amigos

viraram meus irmãos. À *Juju, Jamis e Drica*, “Uastianas in REC”, com quem dividi a experiência de ‘ruralista’ na capital, pelo carinho, afago e incentivo de sempre. À *Dayane, Toni, Jô, Glorinha, Gabi e Fabiana* amigos de longa data, por mandarem energias boas de Serra para Recife e sempre me darem apoio e incentivo. À Alane, pelo incentivo, encorajamento e apoio, aqui em Recife, pela atenção e por me mostrar um norte em muitos momentos. A *Victor* pelas ‘terapias’ ainda em Serra Talhada – querido, você não sabe como me ajudou a ser quem sou hoje. A *Edu e Rodrigo* pelo afeto incomum, pelas conversas, pelas trocas de experiências de e para a vida, pela inspiração.

Aos amigos de data mais recente, mas que igualmente me inspiram e me trazem boas energias: *Edinho*, amigo que a vida me deu na conexão Serra-Bezerros-Recife, obrigado pelas *nights*, pelas risadas pelos incentivos. À Ceuline (*Céu*), Josiene e Renato Suellisom, amigos que ganhei no PPGL, pelas conversas, pela troca de energias positivas e incentivos mútuos. Muito sucesso para nós!

A Wesley (*Ueli*) que ressurgiu de um encontro desencontrado ainda em Serra Talhada e nesse ressurgimento, agora na conexão Recife-Jampa, trouxe consigo muita a luz e energias positivas. Pelo afeto, pela alegria... e pela ajuda no *abstract (rs)*, obrigado.

A todos os ex-professores da graduação e do ensino médio que vibraram com a minha aprovação no PPGL-UFPE, que também me deram apoio e incentivo. Muito obrigado, graças também a vocês mais um ciclo se fecha... e logo outro se abre.

Aos docentes do PPGL que tive contato através das ricas discussões nas disciplinas cursadas, e a Adriel e Claudyvanne, da secretaria da Pós, pela cordialidade e atenção.

À Facepe (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco) pelo financiamento do meu trabalho através da bolsa de pós-graduação que possibilitou a minha estadia em Recife durante os dois anos de curso. Sem o incentivo da Facepe este sonho não estaria se tornando realidade.

A todos e todas, muito obrigado!

CARTA AO LEITOR

Nosso trabalho faz uso de um *corpus* oriundo de material gravado em vídeo e todos os elementos presentes nessas gravações são de fundamental importância para que nosso leitor compreenda, da melhor forma possível, nossas considerações acerca da relação verbo-gestual que analisamos.

O acesso aos vídeos, e, mais especificamente, aos excertos analisados, demonstra a dimensão do texto multimodal e faz com que nossas considerações sejam respaldadas não apenas na transcrição verbal e descrição gestual, mas no próprio registro da imagem e do som, da ação.

Para que nosso leitor tenha acesso a tais excertos, utilizamos da ferramenta QR Code (Código de Resposta Rápida), que através da leitura dos códigos gerados teremos acesso aos *links* dos vídeos disponíveis *on-line*. Aos leitores, solicitamos seguir as orientações abaixo para acesso aos vídeos.

1. Durante toda o **Capítulo 5** estão distribuídos códigos similares a este:



2. Na loja de aplicativos do seu celular ou *tablet*, faça *download* de um leitor QR Code para escanear os códigos. É necessário que o modelo do seu aparelho seja *smartphone* ou superior. Sugerimos o seguinte leitor: **QR Code Reader**, disponível para os sistemas operacionais Android, IOS e Windows.

Disponível em:

<<https://play.google.com/store/apps/details?id=me.scan.android.client>>

3. Após o *download*, abra o aplicativo e aproxime a câmera do aparelho do código impresso para escaneá-lo e ser direcionado ao excerto do vídeo.



Sangrando

**Quando eu soltar a minha voz
Por favor entenda
Que palavra por palavra
Eis aqui uma pessoa se entregando**

Coração na boca
Peito aberto
Vou sangrando
**São as lutas dessa nossa vida
Que eu estou cantando**

Quando eu abrir minha garganta
Essa força tanta
**Tudo aquilo que você ouvir
Esteja certa
Que estarei vivendo**

**Veja o brilho dos meus olhos
E o tremor nas minhas mãos
E o meu corpo tão suado
Transbordando toda a raça e emoção**

**E se eu chorar
E o sal molhar o meu sorriso
Não se espante, cante
Que o teu canto é a minha força
Pra cantar**

Quando eu soltar a minha voz
Por favor, entenda
**É apenas o meu jeito de viver
O que é amar**

(Gonzaguinha)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar a relação verbo-gestual em construções modalizadoras realizadas em interações face a face. Como base teórico-metodológica trabalhamos com um diálogo entre a Linguística Sistêmico-Funcional, a partir do sistema de modalidade, afunilando para modalização, e a Multimodalidade, no que diz respeito às práticas gestuais e suas categorizações. Partimos do princípio de que as nossas atividades discursivas, muitas vezes, estão repletas de formulações modalizadoras. Elas estão presentes em opiniões, julgamentos, dúvidas e ações sutis para sermos polidos ou livrarmos a face em determinadas circunstâncias. Quando se trata de interação face a face, ainda temos a presença de gestos e expressões faciais que também podem denotar muito sobre o que se fala, a depender da postura e feição de quem fala. A partir da perspectiva do texto multimodal, utilizamos como *corpus* um recorte de três entrevistas gravadas em vídeo no programa *Roda Viva*, da TV Cultura. Neste recorte, escolhemos entrevistas com foco no processo de *impeachment* da ex-Presidente Dilma Rousseff. Na transcrição do *corpus* e nas análises, procuramos descrever detalhadamente as características não verbais presentes nas falas dos entrevistados e ainda utilizar capturas de imagens das ocorrências gestuais para melhorar a qualidade das considerações. Por tratarmos de uma abordagem qualitativa, prezamos pela análise dissertando ponto a ponto de cada ocorrência. Diante disso, percebemos que não apenas há uma relação interligada entre fala e gesto(s) na maioria das modalizações, como também existe um preenchimento do que é limitado em um modo com o que é potencial em outro. Nas categorias analisadas, foram bastante recorrentes os usos de expressões modalizadoras e adjuntos modais associados a gestos metafóricos. Embora em menor número, também tivemos associações entre verbos modais e gestos icônicos e dêiticos. A metaforização gestual frequente pode representar a relação com o processamento cognitivo altamente complexo da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Modalização. Verbo-gestual. Multimodalidade. Entrevista. Roda Viva.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the relation verb-gesture in constructions of modalization carried out in interactions face-to-face. As a theoretical-methodological basis, we worked with a dialogue between Systemic-Functional Linguistics, from the modality system, tapering to modalization, and Multimodality, with regard to gestural practices and their categorizations. We assume that our discursive activities are often replete with formulations of modalization. They are present in opinions, judgments, doubts and subtle actions to be polite or rid face in certain circumstances. When it comes to face-to-face interaction, we still have the presence of gestures and facial expressions that can also denote much about what is spoken, depending on the posture and feature of the speaker. From the perspective of multimodal text, we use as a *corpus* a share of three interviews recorded on video in the program *Roda Viva*, TV Cultura. In this selection, we chose interviews with a focus on the process of *impeachment* of ex-President Dilma Rousseff. In the transcription of the *corpus* and in the analyses we describe fully the characteristics of non-verbal cues shown in the speech of the respondents and still use snapshots of the occurrences of the gesture to improve the quality of the considerations. By treating a qualitative approach, we value the analysis, drawing point-to-point of each occurrence. Thus, we realize that not only is there an interconnected relationship between speech and gesture(s) in most modalizations, but there is also a filling of what is limited in one way to what is potential in another. In examined categories, were recurrent the use of modalization expressions and modal adjuncts associated with metaphorical gestures. Although in a smaller number, we also had associations between modal verbs and iconic gestures and deictics. Frequent gestural metaphorization may represent the relationship with highly complex cognitive processing of language.

KEYWORDS: Modalization. Verb-gesture. Multimodality. Interview. Roda Viva.

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COGITES	Cognição, Interação e Significação
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
FACEPE	Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco
GELNE	Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste
L	Linha
LFS	Linguística Sistêmico-Funcional
LT	Linguística Textual
NELIN	Núcleo de Estudos Linguísticos Interacionais
NIG	Núcleo de Investigações sobre Gêneros Textuais
NURC	Projeto Norma Urbana Culta
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
QR Code	<i>Quick Response Code</i> (Código de Resposta Rápida)
RR	Roraima
SP	São Paulo
STF	Supremo Tribunal Federal
STJ	Superior Tribunal de Justiça
TELERJ	Telecomunicações do Estado do Rio de Janeiro
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
V1	Vídeo 1
V2	Vídeo 2
V3	Vídeo 3

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Texto em contexto.....	23
Figura 2: Variáveis do contexto de situação e as metafunções.....	27
Figura 3: Relação da modalidade com polaridade e modo	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	As metafunções e seus desdobramentos.....	28
Quadro 2:	Exemplificação de modalidades.....	30
Quadro 3:	Recursos linguísticos da modalidade.....	34
Quadro 4:	Mapeamento de três abordagens para a multimodalidade: LSF, Semiótica Social e Análise de Conversação.....	49
Quadro 5:	Representação do <i>Continuum</i> de Kendon.....	62
Quadro 6:	As três principais etapas do <i>impeachment</i> de Dilma Rousseff.....	70
Quadro 7:	Levantamento de informações sobre os vídeos/entrevistas analisadas.....	70
Quadro 8:	Normas de transcrição (RANIERI, 2015a).....	74
Quadro 9:	Exemplo de disposição da transcrição.....	76
Quadro 10:	Ilustração das ocorrências verbo-gestuais por categorias de análise.....	120

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E A MODALIDADE.....	20
2.1	AS BASES DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: PERCURSOS E DEFINIÇÕES.....	20
2.2	A NOÇÃO DE <i>TEXTO</i>	24
2.3	AS METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM.....	26
2.4	A MODALIDADE.....	29
3	REFLEXÕES SOBRE AS PERSPECTIVAS DA ANÁLISE MULTIMODAL.....	36
3.1	PRIMEIRAS PREOCUPAÇÕES ACERCA DA MULTIMODALIDADE.....	36
3.2	ASPECTOS DA MULTIMODALIDADE.....	38
3.2.1	Premissas para estudos em Multimodalidade.....	43
3.3	DIÁLOGO TEÓRICO-METODOLÓGICO ENTRE A LSF E A MULTIMODALIDADE.....	48
4	A GESTUALIDADE NAS INTERAÇÕES HUMANAS.....	51
4.1	SOMOS SERES FEITOS DE LINGUAGEM.....	51
4.2	A PREOCUPAÇÃO COM OS GESTOS.....	52
4.3	OS GESTOS NAS INTERAÇÕES HUMANAS.....	55
4.4	O QUE SÃO OS GESTOS E COMO DEFINI-LOS.....	58
4.4.1	A tipologia dos gestos, de McNeill, a partir do <i>Continuum de Kendon</i>	61
4.4.2	O fator cultural nas gestualidades.....	63
5	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	66
5.1	TIPO DE PESQUISA E ETAPAS ELABORAÇÃO.....	66
5.2	O CORPUS: PROGRAMA RODA VIVA.....	68
5.2.1	Os recortes para a análise.....	69
5.2.2	O gênero entrevista.....	71
5.3	O TRABALHO COM MATERIAL AUDIOVISUAL E SUA TRANSCRIÇÃO.....	73
5.3.1	Sobre as unidades de análise.....	77

6	A RELAÇÃO VERBO-GESTUAL NA MODALIZAÇÃO.....	80
6.1	VÍDEO 1: ENTREVISTA COM MARCO AURÉLIO MELLO.....	80
6.2	VÍDEO 2: ENTREVISTA COM GILMAR MENDES.....	86
6.3	VÍDEO 3: ENTREVISTA COM JOSÉ EDUARDO CARDOZO.....	102
6.4	SÍNTESE ANALÍTICA.....	116
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
	REFERÊNCIAS.....	128
	APÊNDICES.....	133
	Apêndice A: Transcrição de entrevista - Vídeo 1.....	134
	Apêndice B: Transcrição de entrevista - Vídeo 2.....	147
	Apêndice C: Transcrição de entrevista - Vídeo 4.....	161

1 INTRODUÇÃO

Nossa proposta, neste trabalho, foi investigar a relação de elementos da linguagem verbal com a não verbal na construção ou complementação de sentidos no texto. Explicitando melhor, procuramos investigar a relação de recursos da gestualidade, presentes nas nossas situações de interação interpessoal com as nossas escolhas verbais nos atos de fala. Para tanto, no que se refere às escolhas verbais, enfocamos no uso das expressões modalizadoras, e no âmbito das questões que envolvem a gestualidade, nas manifestações gestuais que envolvem mãos, cabeça e expressões faciais.

Nossa base teórica foi composta pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), através da Metafunção Interpessoal, na qual analisamos os aspectos da Modalidade, especificamente no que se refere à *Modalização*, comumente perceptíveis nas produções linguísticas com interação face a face. Além disso, buscamos subsídios em pesquisas que tratam da Multimodalidade que, entre outras coisas, estudam questões ligadas aos gestos corporais e expressões faciais.

Ao discutir a Modalidade, Fuzer & Cabral (2014, p. 114) afirmam que ela “[...] é um recurso interpessoal utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus. Refere-se a como falantes e escritores assumem uma posição, expressam uma opinião ou ponto de vista ou fazem um julgamento”. Já no que tange à Multimodalidade, Dionísio (2007) afirma que as nossas interações face a face são compostas de semioses ligadas à fala que, muitas vezes, são capazes de substituir inclusive expressões linguísticas. Isso denota que a nossa fala e as nossas conversas espontâneas estão repletas dessa mistura de semioses que envolve o verbal e o gestual, e, assim sendo, as nossas práticas de linguagem são, por natureza, multimodais.

Posto o que apresentamos até o momento, algumas das inquietações motivadoras do desenvolvimento deste trabalho são:

- (1) Como as semioses não verbais¹, presentes nos atos de fala, se comportam durante a modalização verbal?

¹ A expressão “semioses não verbais” é usada por Morato em vários trabalhos. Em *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas* (2013), logo na introdução, a autora afirma que as semioses não verbais “incluem a questão da corporeidade, da gestualidade, dos enquadres e rituais interacionais”. Ranieri (2015b), também discute que as semioses não verbais são constituídas de

(2) A produção de gestos ou expressões faciais contribui e corrobora com a modalização verbal ou pode haver uma discrepância entre os modos?

O *corpus* da pesquisa foi constituído de entrevistas, no formato audiovisual, realizadas no programa *Roda Viva*, da TV Cultura, que vai ao ar, em canal de TV aberto, às segundas-feiras; além de ser veiculado também pelas mídias sociais e disponibilizado em um canal na plataforma do YouTube. Dentre as várias temáticas tratadas nas entrevistas do *Roda Viva*, optamos por recortar o tema *política*. Para tanto, como cada edição contém cerca de uma hora e vinte minutos, por questões metodológicas, a partir de um recorte de três programas, definimos nossas análises no primeiro bloco de cada edição, cada um com mais de vinte minutos.

A escolha do *corpus* se deu, entre outras coisas, porque além de ser muito conhecido e de amplo acesso, o *Roda Viva* é exibido ao vivo, sem gravação prévia para edição e cortes. Isso justifica nossa escolha ao considerarmos que a materialidade gestual e verbal não foi previamente esquematizada e ou ensaiada (ao menos) pelo entrevistado, como é comum na maioria dos programas de TV, sobretudo em programas jornalísticos de bancada. Assim, neste caso, há pouco monitoramento de fala e gestos, como acontece nas situações informais de uso da língua. O gênero que compõe o *corpus* também possibilita que tenhamos situações de uso da língua em seu contexto real, como defendem as correntes teóricas filiadas ao Funcionalismo Linguístico, vertente na qual o nosso trabalho também se filia.

A justificativa para este trabalho dá-se, sobretudo, pelo fato de ainda termos poucos registros de estudos que tenham desenvolvido uma investigação sobre a associação entre a linguagem verbal e gestual. Através das nossas leituras, encontramos alguns pesquisadores que trabalham de forma mais efetiva nessa temática, associada à Linguística Textual (LT), dentro do escopo da referenciação, que procuram explicar como se dá essa relação entre a materialidade verbal e a gestual, entre eles podemos citar autores como Mondada & Dubois (2003), Mondada (2005), além de Bentes & Rio (2005), Cavalcante & Custódio Filho (2010), Cavalcante (2012), Ramos (2012) e Ranieri (2015a; 2015b). Estes pesquisadores discutem que práticas gestuais, movimentos no espaço/corpo, expressões faciais e orientação no olhar, são manifestações que não são preexistentes, mas produzidas

aspectos visuais que podem envolver cores, tamanhos, formatos (podemos incluir gestos faciais, movimentos corporais) e, em um contexto de produção de linguagem, essas [...] semioses podem estar organizadas em prol da construção de sentido [...]. O sentido é construído na relação dos elementos sígnicos depreendida pelo contexto e pelos elementos cognitivos". (p. 1284).

no desenrolar da prática linguística, onde se dá a construção dos referentes, objeto de análise em seus estudos.

Outra consideração sobre a relação verbo-gestual² é a que defendemos em Silva (2015), ao analisarmos a relação da construção de referentes verbais com a materialidade gestual em um programa de TV *web*. Nossos achados demonstraram a influência direta de semioses não verbais, como gestos com as mãos e os braços, além de maneios de cabeça, movimentos com a boca e olhos na construção e/ou recategorização de referentes. Naquela oportunidade, defendemos não apenas que os referentes verbais poderiam ser construídos a partir da relação com os gestos e que poderiam ser recategorizados, ganhando novas configurações de sentido, mas também que aqueles elementos gestuais deveriam ser incluídos como parte fundamental da entidade texto, isto é, a concepção de texto para além de elementos verbais, corroborando, portanto, com o que defendem a maioria dos autores citados no parágrafo anterior.

Em um levantamento feito através de uma busca com palavras-chave que envolvem a nossa temática de trabalho no *site* do Banco de Teses e Dissertações da CAPES³, correspondendo aos anos de 2013 a 2016, não encontramos nenhum trabalho que fizesse a associação entre modalização verbal, tendo por base teórica a LSF, e gestualidades, ou em caráter mais amplo, a Multimodalidade. Os trabalhos encontrados, na sua maioria, que consideravam a relação entre verbal e não verbal, estavam voltados para textos impressos, sejam relacionados a questões verbais, sejam a questões não verbais, como análise de fotolegendas e capas de jornais ou revistas. Ou seja, os aspectos multimodais considerados nos trabalhos identificados no levantamento, na maior parte, não estavam voltados para questões que pretendemos trabalhar; tais como, material audiovisual com textos orais, com interação face a face, em que, além desses aspectos, levamos em consideração as questões corpóreas como fundamentais para o processo de interação linguística e que se fazem presentes nos contextos reais de uso entre os interlocutores.

² O uso que optamos por fazer do termo *verbo-gestual* nada mais é do que a junção de verbal e gestual, do que chamamos de linguagem verbal e linguagem gestual, entendemos que cada uma dessas partes possui características particulares, mas ao mesmo tempo compreendemos que a relação entre o que é verbalizado e o que se dá por meio das expressões gestuais (incluindo também as faciais) se apresentam com um mesmo propósito que é a prática da comunicação com qualquer interlocutor.

³ Disponível em: <[http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>](http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/).

Estas e outras investigações, que nos aprofundamos no decorrer da execução desta proposta, mostram a necessidade de se trabalhar mais a relação da linguagem verbal com a não verbal, considerando que as semioses não verbais representam, em grande parte, um fator de extrema relevância para a produção de sentidos e estão presentes em todos os momentos de interlocução entre os sujeitos falantes de uma língua. A partir daí, reforçamos a necessidade de investigá-las.

Dadas as questões iniciais, a nossa fundamentação teórica, portanto, no que tange à Metafunção Interpessoal e o sistema de Modo, chegando na Modalização, se desenvolve principalmente a partir dos seguintes nomes da LSF, Halliday (1976); Souza (2006); Gouveia (2009); Furtado da Cunha & Souza (2011); Fuzer & Cabral (2014); Souza & Mendes (2015), entre outros.

Já no campo da Multimodalidade e dos trabalhos sobre a linguagem não verbal, sobretudo em relação aos gestos, destacamos as pesquisas de Rector & Trinta (1986); Steinberg (1988); McNeill (1992); Knapp & Hall (1999); Dionísio (2007; 2014); Pereira (2010); Ranieri (2015a); Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016), entre outros.

Levando em consideração a delimitação da nossa proposta de pesquisa, nossos objetivos são os seguintes:

Objetivo geral

- Analisar a articulação entre o verbal e o gestual nas práticas de modalização desenvolvidas pelos entrevistados nas interações face a face com os entrevistadores do programa *Roda Viva*.

Objetivos específicos

- Avaliar se a produção de expressões modalizadoras verbais sempre estão em consonância com as expressões gestuais/faciais, ou se estas últimas algumas vezes atuam de forma a negar o que foi verbalizado;
- Identificar quais as estratégias corporais e faciais (tipos de gestos) são mais recorrentes quando, na tentativa de modalizar uma questão polêmica, o entrevistado tenta evitar o atrito na interação face a face com o entrevistador.
- Averiguar se a relação entre as expressões modalizadoras e gestos e/ou expressões faciais produzidas contribuem para o reforço de argumentos ou defesa do ponto de vista expressos por quem fala;

Para o desenvolvimento destes objetivos, nosso trabalho está dividido em cinco capítulos. O capítulo 2 trata da teoria da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), e a base teórica que teremos para analisar no *corpus* a presença de elementos modalizadores. Entre outras coisas, apresentamos um breve apanhado da LSF fundada por Halliday, afunilando para nosso foco de análise que é, dentro da Metafunção Interpessoal, o sistema de Modo e as questões envolvendo a Modalização e formulação de expressões modalizadoras no discurso.

Os dois capítulos seguintes estão mais conjugados entre si porque funcionam como uma complementação do outro. O capítulo 3 faz a apresentação da perspectiva teórica da Multimodalidade, destacando os marcos iniciais e as bases de fundação, as características e pressupostos de estudos multimodais. Além de apresentar algumas possibilidades de diálogo com outras perspectivas.

O capítulo 4 discorre sobre as gestualidades humanas e suas implicações na significação. Entre outras coisas, tratamos da preocupação dos Antigos com a importância dos gestos nos atos retóricos, as várias tentativas de classificação, desembocando na perspectiva classificatória que adotamos, além de pincelarmos um pouco sobre a importância dos fatores culturais nas práticas de gesticulação.

O capítulo 5 é destinado à apresentação dos aspectos metodológicos usados para esta pesquisa. Nele, definimos o tipo de pesquisa, falamos do trabalho conjunto entre a LSF e a Multimodalidade, além de apresentarmos o *corpus*, recorte feito para a análise e explanarmos sobre o trabalho com material audiovisual.

No capítulo 6, temos o desenvolvimento das análises começando com uma breve contextualização de cada um dos vídeos trabalhados e seguindo para a explanação dos excertos que aparecem as ocorrências. Na análise caso a caso levamos em consideração as categorias de análise definidas pela LSF e pela Multimodalidade.

Por último, apresentamos nossas considerações finais, as referências e a parte pós-textual, contendo o apêndice.

2 A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E A MODALIDADE

Este capítulo apresenta a primeira parte da base teórica que dá suporte a nossa pesquisa. Nele, fazemos um panorama do surgimento da Linguística Sistêmico-Funcional e das definições que compõem a teoria. Nossa discussão vai dos contextos de cultura e situação, incluindo suas variáveis – Campo, Relação e Modo –, passando pela noção de texto e pelas metafunções textuais até o afunilamento da discussão que focaliza na Metafunção Interpessoal. A discussão segue pela via da Modalidade, aonde chegamos a um dos nossos objetos de investigação: a modalização verbal.

2.1 AS BASES DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: PERCURSOS E DEFINIÇÕES

O desenvolvimento da ciência linguística na atualidade tem se mostrado cada vez mais firme e promissor, dadas as diversas áreas e subáreas do conhecimento que a linguística tem incorporado. Esse desenvolvimento teve início, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, com o aparecimento das teorias denominadas como Funcionalistas. Até então, o Formalismo linguístico era o que havia de mais moderno sobre Língua, tendo em vista as ideias de Ferdinand de Saussure (1857-1913), vindas a público através do *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma organizada pelos seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye, publicada em 1916.

Dentre as várias perspectivas teóricas consideradas de cunho Funcionalista, estudadas na atualidade, está a Linguística Sistêmico-Funcional⁴ (LSF) que surge a partir de 1960, através das pesquisas do seu fundador e principal expoente, o britânico Michael Alexander Kirkwood Halliday.

Ao fazer um panorama do percurso da LSF, vários pesquisadores da área afirmam que foram dois os principais nomes que serviram como base para o desenvolvimento das ideias e a formulação da teoria hallidayana: o antropólogo

⁴ Também chamada de Gramática Sistêmico-Funcional. A opção pelo uso do termo *Linguística* ao invés de *Gramática*, conforme notas em alguns estudos da área, dá-se para fazer destacar a natureza científica da teoria.

Bronislaw Malinowski (1884-1932), que estudou a relação entre língua e povo, e “introduziu o reconhecimento de que a língua é uma das mais importantes manifestações da cultura de um povo” (FUZER; CABRAL, 2014, p.17); e o linguista John Rupert Firth (1890-1960), de quem Halliday foi aluno, que, influenciado por Malinowski, trabalhou com as primeiras sistematizações do princípio de linguagem que Halliday, posteriormente, vem desenvolver e fundar propriamente a Teoria Sistêmico-Funcional.

Em 1970, conforme Gouveia (2009), Halliday apresenta seu artigo seminal sobre a teoria de descrição gramatical, que tem como título *Language structure and language function*. Entretanto, o trabalho mais importante para sua teoria foi publicado em 1985, com o título de *An Introduction to Functional Grammar*. Nesta obra, o linguista apresenta e sistematiza as categorias léxico-gramaticais utilizadas na sua teoria. Em 1994, a obra é revisada e, na terceira edição, publicada em 2004, Halliday conta com a colaboração do também linguista Christian M. I. M. Matthiessen para a sua revisão e ampliação. A LSF se difundiu pelas mais diversas regiões do mundo e, atualmente, vários pesquisadores trabalham sob essa perspectiva, fazendo sua associação a outras áreas do conhecimento. Dentre as várias possibilidades de desenvolvimento de pesquisas associando a LSF a outras teorias, Fuzer & Cabral (2014) afirmam que está a possibilidade de associação da teoria hallidayana à Multimodalidade, que se encontra em amplo desenvolvimento no âmbito das pesquisas linguísticas.

Com o desenvolvimento da LSF, sobretudo, a partir da década de 1980, são definidas as bases de atuação e objetos de pesquisa da teoria. Em linhas gerais, a proposta de Halliday é estudar a língua nos seus contextos de uso, procurando “[...] compreender e descrever a linguagem em funcionamento como sistema de comunicação humana e não como um conjunto de regras gerais, desvinculadas de um contexto de uso” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 24). Gouveia (2009) nos explica que além de ser uma teoria de descrição⁵ gramatical que procura investigar como e porquê a língua varia entre grupos de falantes e contextos de uso, a Linguística Sistêmico-Funcional disponibiliza de técnica e metalinguagem para a análise de textos, por isso é considerada também como um modelo de análise.

⁵ Por isso ainda se admite que também seja chamada de Gramática Sistêmico-Funcional, que inclusive nomeia a obra de Fuzer & Cabral (2014).

Para a LSF a língua está organizada em dois pontos, que seriam a *cadeia* e a *escolha*, que por sua vez são representados, respectivamente por dois eixos: (1) o *eixo sintagmático*, que diz respeito ao *nível da estrutura* da oração, como uma cadeia que ordena linearmente os elementos linguísticos, e (2) o *eixo paradigmático*, onde se apresenta o *nível das escolhas* linguísticas dos falantes. Essas escolhas não necessariamente são conscientes ou planejadas, mas embora possam ser inconscientes, elas são influenciadas de alguma forma pelo contexto no qual são usadas (BUTT *et al.*, 2000 (sic), *apud* SOUZA, 2006, p. 37). Dessa forma, por exemplo, a escolha (inconsciente) de um tipo de processo verbal⁶ em um contexto de oposição ideológica quando ocorre um diálogo entre duas pessoas, pode atribuir um significado negativo a determinado posicionamento ou atitude do opositor. Entendemos então que as escolhas são as responsáveis diretas pela produção dos significados⁷ que são processados a partir do desenvolvimento da oração (por exemplo) que se apresenta no eixo sintagmático.

A LSF está preocupada principalmente com as questões que dizem respeito ao eixo paradigmático, pois, conforme Furtado da Cunha & Souza (2011, p. 24), estas estariam em um “nível mais profundo e abstrato da linguagem”. O olhar para as questões relacionadas ao eixo paradigmático é que permite que a Linguística Sistêmico-Funcional chegue a pontos que não estão apenas no nível mais linear e estrutural das construções linguísticas. Estes dizem respeito ao caráter da língua enquanto atividade sociocultural, por isso uma pesquisa em LSF deverá sempre considerar as outras questões que não são estritamente verbais, mas que estão interligadas às condições de produção linguística.

Essa teoria defende também que suas análises sejam desenvolvidas sempre a partir de contextos reais de produção e da língua em uso, trabalhando com produtos autênticos de interação social, que seriam os *textos*. Esses textos estão arraigados de questões que constroem a identidade do falante a partir do seu

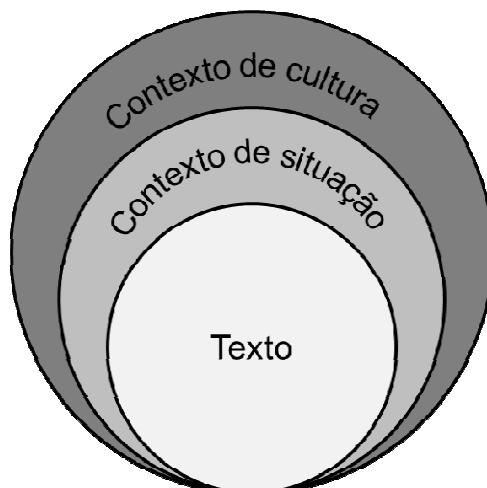
⁶ Processo é um termo usado pela Linguística Sistêmico-Funcional para se referir ao que a gramática chama de verbo. A partir da apresentação das metafunções da linguagem tratadas pela LSF, os processos verbais são destacados na Metafunção Ideacional e o sistema de transitividade.

⁷ Um exemplo em que o significado pode ser alterado conforme a escolha do processo verbal está na construção de manchetes de jornal para tratar do mesmo assunto. Havendo ou não algum interesse não explícito, durante a discussão sobre a reforma trabalhista ocorrida em 2017, no Brasil, muitos jornais noticiaram que o governo pretendia *flexibilizar* a jornada de trabalho estabelecida em Lei, enquanto outros veículos noticiaram que o governo pretendia *aumentar* a jornada de trabalho. No primeiro caso, o processo *flexibilizar* funciona de forma aberta, dando possibilidade para elevação ou redução da jornada, parece mais *palatável*. Já o uso do processo *aumentar*, é rígido e não há abertura para outro entendimento a não ser o de que a jornada de trabalho ficará mais dura.

convívio em cultura com seus grupos sociais; convívio esse que requer interlocução que, por sua vez, se dá por meio dos diversos textos. Halliday (1976, p. 137) assegura que a linguagem, além de possibilitar a seus usuários a capacidade de “interagir com as outras pessoas, serve também para a manifestação e desenvolvimento da sua própria personalidade”; o que respalda o que acabamos de dizer.

Sabendo que as práticas linguístico-sociais se dão por meio de textos, a Teoria Sistêmico-Funcional mostra que a produção desses textos está imersa em dois contextos: o *contexto de cultura*, em nível mais abrangente, reunindo todos os significados que possam fazer sentido em uma cultura em particular, e o *contexto de situação* (que está dentro do contexto de cultura), onde se observa como os falantes e ouvintes usam a linguagem em situações específicas (cf. FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011).

Figura 1: Texto em contexto



Fonte: Fuzer & Cabral (2014, p. 26).

A partir da representação acima, vemos que embora o texto ocupe a esfera central, ele é revestido pelo *contexto de cultura* e o *contexto de situação*. Mesmo sendo elementos extralingüísticos no processo de formulação do texto, ambos os contextos possuem grande representatividade na produção de sentidos desenvolvidos a partir do texto. O contexto de cultura envolve questões mais amplas que não se restringem ao plano local do que está ocorrendo durante a construção de uma mensagem, ele é, nas palavras de Souza (2006, p. 37), “a soma de todos os significados possíveis de fazer sentido em uma cultura particular”. Já o *contexto de*

situação é marcado quando os falantes usam a linguagem em contextos específicos. Ele marca, por exemplo, as escolhas lexicais ou padrões gramaticais que auxiliam na construção dos diferentes gêneros que, por sua vez, são atribuídos diferentes significados (cf. SOUZA; MENDES, 2015; SOUZA, 2006).

Na composição do contexto de situação, três variáveis precisam ser destacadas, o *Campo*, a *Relação* e o *Modo*. Conforme Souza & Mendes (2015), no contexto de situação, essas variáveis contribuem para a construção de diferentes sentidos que serão desencadeados a partir do desenvolver das interações entre os falantes de uma língua. Tomando como base estudos de Butt *et al* (2001), os linguistas explicam que

- (i) **Campo** (ação social) – faz referência ao ambiente institucional em que ocorre o evento: o assunto, o que está acontecendo, a natureza da ação social;
 - (ii) **Relação** (estrutura de papel) – faz referência à relação entre os participantes (papéis e *status*): a relação permanente ou temporária, os papéis discursivos que os participantes desempenham no diálogo e a conexão total de relações significativas nas quais estão envolvidos, o grau de carga emocional;
 - (iii) **Modo** (organização simbólica) – faz referência ao canal adotado para a constituição do texto: oral ou escrito, a organização simbólica do texto e a importância que ele tem e sua função no contexto.
- (SOUZA & MENDES, 2015, p. 197 – grifos dos autores).

Essas variáveis, embora não possam ser compreendidas como “ilhas” dentro da teoria, ou seja, necessariamente estarão interligadas com todas as demais categorias, considerando algo maior que é o funcionamento da língua, elas se conectam de forma mais direta a cada uma das três metafunções, como expomos adiante (cf. Figura 2).

Destacados os contornos mais amplos da teoria da LSF, contexto de cultura e contexto de situação, falemos agora sobre o foco da análise da materialidade linguística: o *texto*.

2.2 A NOÇÃO DE *TEXTO*

Passando pela discussão do que entendemos sobre texto, que na atualidade vem sendo objeto de estudos e considerações das mais diversas, a partir dos pressupostos da Linguística Textual (LT) e do trabalho dos pesquisadores que se dedicam a este campo da Linguística, uma consideração é válida desde as primeiras diretrizes traçadas por Halliday (que também é considerado um dos precursores do

campo dos estudos do texto): ‘a linguagem se materializa por meio dos textos’. De forma clara, essa consideração nos diz o que já é sabido, mas ela nos permite, a partir daí, fazermos outras considerações tendo em vista o que é considerado como língua(gem).

A ideia defendida na atualidade sobre o estabelecimento das fronteiras do que viria a ser considerado um *texto* ou não de algum modo também já estava presente em Halliday e Matthiessen (2004, pp. 4-5 *apud* FUZER; CABRAL, 2014, p 22), quando os linguistas afirmam que *texto* é “qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido a alguém que conhece a linguagem”. Essa consideração parece ter o mesmo núcleo do que vem a ser discutido, de modo mais amplo, por pesquisadores que trabalham especificamente no campo da Linguística Textual.

No Brasil, entre tantos outros trabalhos que atualmente apresentam investigações discutindo quais seriam os limites do *texto*, um dos que é bastante referenciado foi publicado por Cavalcante & Custódio Filho (2010), na revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE). Nele, os pesquisadores apresentam o que seria uma ‘revisitação ao estatuto do texto’, discutindo as possibilidades de ampliação da noção de texto apresentada até então pelos pesquisadores da área. Bentes & Rio (2005), Ramos (2012) e Ranieri (2015a; 2015b) (entre outros) também demonstram em seus trabalhos que a entidade *texto* não deve ser entendida apenas como a materialidade verbal, muito pelo contrário, vários outros elementos que podem ser ativados cognitivamente, por exemplo, através do conhecimento de mundo, da relação intertextual, do momento histórico e situação de interlocução são necessários e fundamentais à compreensão e interpretação dos atos de linguagem, elementos estes que vão muito além da ‘concretude verbal’.

A partir de uma palestra proferida em 2008, pelo professor Carlos A. M. Gouveia, da Universidade de Lisboa, na Universidade Federal de Santa Maria, Fuzer & Cabral (2014) afirmam que, conforme lista o pesquisador, um *texto* seria basicamente:

- o que produzimos quando nos comunicamos e interagimos;
- falado ou escrito ou não verbal;
- individual ou coletivo;
- composto de apenas uma frase ou de várias (a extensão não é relevante);

- uma coleção harmoniosa de significados apropriados ao seu contexto;
 - realizado por orações;
 - um processo contínuo de eleição semântica;
- (FUZER; CABRAL, 2014, p. 22).

As pesquisadoras acrescentam que “Em essência, o texto é uma entidade semântica, isto é, um constructo de significados e, ao mesmo tempo, uma troca social de significados” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 22). Todas essas considerações nos levam às ideias que defendemos aqui e em outros trabalhos (cf. SILVA, 2015; 2017), observando sob a ótica de que os textos são repletos de elementos que ultrapassam a modalidade verbal da língua e que devemos considerá-los como de grande relevância na produção de sentidos e na efetivação da interação. Elementos considerados extralingüísticos e dispensáveis à compreensão a partir de algumas perspectivas teóricas podem ser parte complementar e até principal na construção dos sentidos que se pretende evidenciar em dada produção linguística.

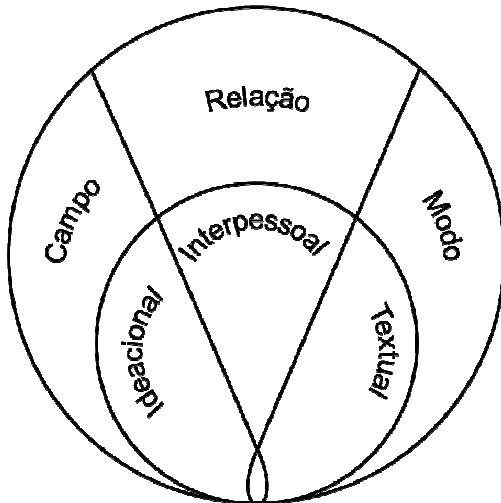
2.3 AS METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM

Como já se sabe, o *contexto de situação* é um dos planos de fundação do texto, e esse contexto é constituído por três variáveis, já citadas (Campo, Relação e Modo), que afetam diretamente as escolhas feitas nos atos de produção da linguagem. Essas variáveis estão intrinsecamente vinculadas ao que a LSF chama de metafunções da linguagem. As metafunções também são três: a Metafunção Ideacional, a Metafunção Interpessoal e a Metafunção Textual. Nas palavras de Fuzer & Cabral (2014),

Metafunções são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual) (FUZER; CABRAL, 2014, p. 32).

A vinculação das metafunções às variáveis do contexto de situação estão organizadas da seguinte maneira: a variável Campo está relacionada à Metafunção Ideacional, a variável Relação está associada à Metafunção Interpessoal e a variável Modo à Metafunção Textual, como mostra a representação através da figura a seguir:

Figura 2: Variáveis do contexto de situação e as metafunções



Fonte: Adaptado de Fuzer & Cabral (2014, p. 33).

As metafunções estão associadas entre si e funcionam em conjunto na produção de significados, mas cada uma possui, de acordo com Silva (2012), uma configuração em particular. A partir de um panorama geral de conceituação, apresentado por Fuzer & Cabral (2014), vejamos do que trata cada uma delas:

A metafunção *ideacional* é realizada por duas funções distintas: experiencial e lógica (Halliday e Matthiessen, 2004, p. 29). A função experiencial é responsável pela construção de um modelo de representação de mundo. Sua unidade de análise é a oração. A função lógica é responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais. Sua unidade de análise é o complexo oracional. Quando se analisa a oração, o sistema relevante considerado é conhecido como *transitividade*, que dá conta da construção da experiência em termos de configuração de processos, participantes e circunstâncias. Nesse sistema, a oração é vista como *representação*.

Na perspectiva da metafunção *interpessoal*, o sistema a ser examinado é o MODO, que é o recurso gramatical para expressar a interação entre os participantes de um evento comunicativo, considerando-se as funções dos elementos que constituem a oração, quais sejam: Sujeito, Finito, Complemento, Predicador ou Adjunto. Nas análises, explicitam-se informações relativas ao tempo (presente, passado e futuro) em que ocorre o evento, à modalidade (probabilidade, usualidade, obrigação, inclinação) e à polaridade (positiva ou negativa). Nesse sistema a oração é vista como *troca de informações ou bens e serviços*.

Na metafunção *textual*, a oração é vista como *mensagem* e consiste de um Tema acompanhado de um Rema, sempre nessa ordem. O que quer que seja escolhido como Tema aparece no início da oração. O Tema é o elemento que serve como ponto de partida da mensagem; é o que localiza e orienta a oração dentro do seu contexto. Assim, a variável contextual modo tende a determinar as formas de coesão (elipse, referência, substituição) [...], os padrões de voz e tema (voz ativa e passiva), as formas dêiticas (exofóricas, referenciais) e a continuidade léxico-lógica (repetição) (FUZER; CABRAL, 2014, pp. 33-34).

A explanação das pesquisadoras nos dá uma base conceitual sobre cada uma das metafunções e nos apresenta onde e como cada tipo de análise léxico-gramatical pode se desenvolver. O quadro a seguir mostra, sumariamente, quais seriam o significado e o *status* correspondente na oração de cada uma das metafunções:

Quadro 1: As metafunções e seus desdobramentos

Metafunção	Significado	Status correspondente na oração
Ideacional	Representar o mundo da experiência	Oração como representação
Interpessoal	Desempenhar relações sociais	Oração como troca
Textual	Criar relevância para o contexto	Oração como mensagem

Fonte: Halliday (1994) *apud* Santos (2014, p. 172).

Fazendo referência às discussões de Halliday, o trabalho de Silva (2012) nos mostra que, na LSF, a oração é vista sob três perspectivas, sendo elas, como *representação*, como *troca* e como *mensagem*. Cada uma destas perspectivas corresponde a um tipo de metafunção, conforme explica o **Quadro 1**, apresentado anteriormente. A citação a seguir esclarece cada uma das perspectivas oracionais supracitadas:

(a) a oração como modelador de experiência, construto de processos da vivência humana que implicam participantes ativos ou não; (b) a oração como troca, uma transação entre os interlocutores, em que há um elemento responsável pela validade do que se diz (o Sujeito); e (c) a oração como mensagem, um todo de informações em que um elemento é selecionado como Tema, ou ponto de partida da mensagem [...]. Através dos sistemas de significação de Transitividade, Modo Oracional, e Tema e Rema, respectivamente, as configurações são materializadas. (SILVA, 2012, p. 44).

Mesmo sabendo que as três metafunções são indissociáveis, conforme já afirmamos, para os objetivos deste trabalho, nosso foco de análise recai na segunda metafunção, a Interpessoal, que trata das relações subjetivas entre os usuários nos contextos de produção de linguagem.

As manifestações da interpessoalidade se fazem por meio de vários traços linguísticos presentes nos textos produzidos em nossas situações de interlocução. Fuzer, Ticks & Cabral (2012) destacam duas das principais formas, através dos Modos oracionais, declarativo, interrogativo, imperativo, e através da Modalidade.

Como nossa pesquisa se pauta principalmente neste traço linguístico, passemos agora para compreensão dessa categoria presente na Metafunção Interpessoal.

2.4 A MODALIDADE

Na perspectiva teórica defendida pela Linguística Sistêmico-Funcional, em nossas situações de interlocução, sempre fornecemos e/ou demandamos *informações* ou *bens e serviços*. Ao mesmo tempo em que fornecemos uma informação ao nosso interlocutor, nós também demandamos ou solicitamos deste interlocutor uma informação; essa troca ocorre numa via de mão dupla, que implica *dar* (convidar a receber) e *solicitar* (convidar a fornecer). Para Soares & Silva (2016, p, 318 – negritos das autoras), “ao dar ou demandar informações ou bens e serviços, nem sempre o falante afirma ou nega o que diz, pois pode lançar mão de escalas intermediárias, que muitas vezes se associam aos verbos **dever** e **poder**”⁸. Dessa forma, como nem sempre há uma polaridade definida entre sim ou não (positivo ou negativo), as escolhas feitas podem aparecer em graus intermediários, que são definidos como Modalidade. Citando Thompson (2004), Wilson (2008) diz que a modalidade ocorre em um espaço contínuo entre as posições extremas das polaridades representadas por sim e não.

A Modalidade é um recurso utilizado em todas as formas de interlocução nas quais estamos expostos, sejam em discursos orais ou escritos, sejam em contextos formais ou informais. Alguns exemplos de máxima e mínima formalidade em que sempre acabamos modalizando nossos discursos poderiam ser: em uma apresentação de comunicação oral ou palestra, na qual geralmente há uma plateia de pessoas ouvindo e, além de planejarmos nossa fala, sempre buscamos nos policiar no quê e como falamos; ou em contextos bem informais quando nos dirigimos a um amigo ou um grupo de amigos, a familiares, ou para pedirmos uma informação a um desconhecido na rua. Nós modalizamos nossos discursos por inúmeros motivos, seja para não desagradar a alguém com um discurso incisivo demais sobre determinado assunto (por mais que haja a necessidade de sê-lo), seja por não termos completamente segurança de nossas afirmações. Essas são apenas

⁸ Trata-se apenas de um exemplo apresentado pelas autoras. Elas esclarecem no texto, mais adiante, que “É importante ressaltar que a modalidade não se restringe aos verbos citados [...], principalmente porque não há um ponto convergente a respeito do tema”. (SOARES; SILVA, 2016, p. 318).

duas das possibilidades pelas quais optamos, muitas vezes de forma automática, por modalizar nossas falas.

Para sistematizar, de forma mais adequada, o que a teoria defende como sendo Modalidade, vejamos a definição de Halliday (1994, p. 75 *apud* WILSON, 2008, p. 75) e, em seguida, a de Fuzer & Cabral (2014):

Modalidade pode ser entendida como o julgamento feito pelo falante a respeito das probabilidades, ou obrigações relacionadas com o que está dizendo. Uma proposição pode se tornar discutível por ter sido apresentada como provável ou improvável; desejável ou indesejável – em outras palavras, sua relevância especificada em termos modais⁹. (HALLIDAY, 1994, p. 75 *apud* WILSON, 2008, p. 75 – tradução de WILSON).

A modalidade é um recurso interpessoal utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus. Refere-se a como falantes e escritores assumem uma posição, expressam uma opinião ou ponto de vista ou fazem um julgamento. (FUZER; CABRAL, 2014, p. 114).

A definição de Fuzer & Cabral (2014) se desenvolve parafraseando a de Halliday (1994) e nos ajuda a compreender que as posições, expressas por meio da linguagem, se apresentam nas escolhas linguísticas feitas e demonstradas em nossos discursos. Há, como afirmam as autoras, diferentes graus de significados expressos através da modalidade. Eles se distinguem em pelo menos dois tipos mais abrangentes, que se dão por meio de proposições e propostas; essas duas categorias equivalem, respectivamente, à *modalização* e à *modulação*.

Para ilustrarmos como se apresenta a *modalização* e a *modulação* nas nossas produções linguísticas, quando não há simplesmente a uma polarização positiva ou negativa, vejamos o exemplo apresentado por Soares & Silva (2016):

Quadro 2: Exemplificação de modalidades

Ele é consumista. (Sim - Afirmação)	Ele não é consumista. (Não - Negação)
Ele pode se tornar consumista. (Modalização)	Você deve consumir! (Modulação)

Fonte: Adaptado de Soares & Silva (2016, p. 318, grifos das autoras).

⁹ Versão não traduzida: “Modality means the speaker’s judgement of the probabilities, or the obligations, involved in what he is saying. A proposition may become arguable by being presented as likely or unlikely, desirable or undesirable – in other words, its relevance specified in modal terms.”

Nos dois primeiros exemplos, dispostos na primeira linha do quadro, temos casos em que a polaridade indica *sim* ou *não*, ou seja, são assertivas que não dão margem ao que é provável ou relativo. Já nos exemplos seguintes, temos a presença dos verbos *pode* e *deve*, no primeiro caso há uma relativização à medida que o verbo *poder*, neste caso, está indicando que é provável ou é possível que o sujeito ao qual quem possa ter afirmado esta frase se refere possa tornar-se consumista. Essa probabilidade é que dá a característica da modalização do que foi afirmado. No segundo caso o verbo *deve* faz com que tenhamos uma modulação, já que indica um imperativo que nos leva a algo como uma obrigação, um dever¹⁰.

A seguir apresentamos de maneira mais detalhada a distinção dos dois tipos de Modalidade, considerando a primeira como *proposição*, relacionada à troca de informações, e a segunda como *proposta*, na relação troca de bens e serviços.

- **Modalização**

A Modalização, que também é chamada de *modalidade epistêmica*, pode ser expressa por diferentes categorias semânticas reveladas por meio das proposições elencadas pelos falantes em interlocução. Essas proposições variam entre os graus de *probabilidade* e *usualidade*. Através da Modalização, por meio das proposições que são feitas, é possível um encaminhamento argumentativo nos atos de fala, seja negando, afirmindo ou duvidando (cf. FUZER; CABRAL, 2014; SOARES; SILVA, 2016). Vejamos também o que explica Neves (2002) acerca da modalização:

A avaliação [modalidade] epistêmica se situa em algum ponto do *continuum* que, a partir de um limite preciso, onde está o (absolutamente) *certo*, se estende pelos limites e indefinidos graus do *possível*. A língua dispõe de uma série de expressões para relativizar os diversos pontos desse espaço, conforme convenha à intenção comunicativa. (NEVES, 2002, p. 187 – itálicos da autora, inserção nossa).

A partir da discussão apresentada pela pesquisadora, entendemos que a prática da Modalização pode ocorrer por meio de diversos recursos léxico-

¹⁰ É preciso, porém, que façamos uma ressalva. Nem todas as vezes o verbo *dever* será considerado como modulação. Ele também pode indicar uma probabilidade, ou seja, ser relativizado no exemplo seguinte: “Amanhã José **pode** não comparecer ao trabalho porque ainda está doente”. Neste caso, temos a ideia de que é *possível* que José não compareça..., temos uma relativização. A polaridade, neste caso está entre o *sim* e o *não*, diferentemente de dizermos que “José **não** irá ao trabalho porque está doente”, que temos um caso de polaridade negativa.

gramaticais. No campo da probabilidade podemos citar advérbios como *certamente*, *provavelmente* e *possivelmente*, no campo da usualidade temos *frequentemente*, *usualmente*, *algumas vezes*, mas há várias outras categorias léxico-gramaticais, tais como verbos modais, adjuntos modais e expressões modalizadoras. Vejamos exemplos:

- (1) Comissão **deve** votar reforma trabalhista nesta terça [...] (G1, 30/05/2017)¹¹.
- (2) Michel Temer **pode** sair do cargo por quatro maneiras [...] (FSP, 18/05/2017).
- (3) Lula diz que eleições diretas **seriam** melhor em caso de cassação (O Globo, 04/04/2017).

Nos exemplos apresentados temos casos de Modalização através dos verbos/processos *dever*, *poder* e *ser*. Em todos eles temos a presença da possibilidade, do que é provável que aconteça ou que seria melhor que acontecesse.

- **Modulação**

A modulação, chamada também de *modalidade deôntica*, se expressa através de comandos, ofertas e sugestões direcionadas ao interlocutor. Por se tratar de uma proposta, o que diferencia da proposição, ela tem um caráter do tipo imperativo, conforme Neves (2002) também esclarece:

A modalidade deôntica se situa no domínio do *dever* (obrigação e permissão) e se liga à volição e à ordem. Obrigação e permissão podem corresponder, pois, a atos diretivos de fala, ligando-se ao imperativo, que é característico de interações espontâneas, nas quais se pode esperar que um interlocutor leve outro a fazer algo (NEVES, 2002, p. 196 – itálico da autora).

Os recursos léxico-gramaticais usados nessa modalidade podem aparecer como graus de obrigação através de expressões como *necessário*, *aceitável* e *permitido*, e de inclinação em *determinado*, *desejoso* e *inclinado*. Também há outras categorias léxico-gramaticais, como citamos anteriormente, verbos modais, adjuntos e expressões modalizadoras. A seguir, vejamos exemplos:

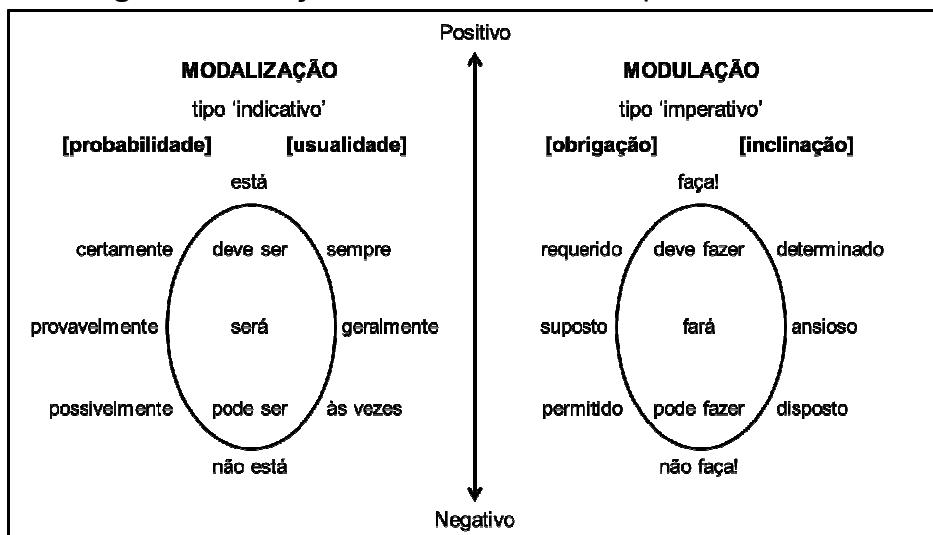
¹¹Os exemplos apresentados, de (1) a (6), foram coletados de manchetes online da Folha de São Paulo (FSP), Portal G1, O Globo, Portal UOL e Revista Exame. As referências completas estão presentes no final da dissertação.

- (4) Lula diz que Temer **tem que** 'sair logo' e defende eleições diretas (Exame, 20/05/2017).
- (5) [...] Palocci diz a Moro que **está disposto a** revelar 'nomes e operações' (UOL, 20/04/2017).
- (6) '**É preciso** reagir à reforma tal como querem impô-la', diz leitor (FSP, 17/03/2017).

Temos nos casos expostos a presença da Modulação, que ocorre através das expressões que estão em destaque. Em (4) *tem que* e (6) *é preciso* temos algo que se assemelha a uma obrigação, portanto elas estão mais próximas do polo positivo do tipo imperativo. Já em (5) *está disposto a*, temos uma modulação mais próxima da inclinação, e, portanto, mais próxima do polo negativo.

Para melhor visualização das ideias apresentadas, reproduzimos a seguir um esquema de Halliday (1994), disponível e traduzido por Santana (2013), em que se sumarizam as disposições do plano da modalização e modulação, levando em consideração a aproximação ou distanciamento das polaridades positiva e negativa, realizadas a partir das escolhas que se apresentam nos momentos de troca de informações ou bens e serviços.

Figura 3: Relação da modalidade com polaridade e modo



Fonte: Halliday (1994, p. 357) apud Santana (2013, p. 47).

Conforme o disposto no esquema, os graus de modalização e modulação se estabelecem a partir dos polos positivo e negativo, e as escolhas realizadas durante o processo de produção linguística aproximam os graus de probabilidade e usualidade da modalização do polo mais positivo, próximo do *sim*, ou do negativo, próximo do *não*. Assim, como está exposto na figura, o uso do modalizador *certamente* está mais para o polo positivo, ou seja, com mais probabilidade de

acontecer, enquanto o *possivelmente* está mais para o negativo, com menos chances de se concretizar. O mesmo ocorre com a modulação, o grau de obrigação estará mais próximo do polo positivo quando o falante mostra que é necessário, *você deve fazer*, e mais próximo do polo negativo quando o grau de obrigatoriedade é reduzido, *você pode fazer*. Esses graus, que se estabelecem em de alto, médio e baixo, representados pelos polos positivo e negativo, dizem respeito ao valor do julgamento que está sendo emitido através da opinião do falante (FUZER; CABRAL, 2014), que se dá por meio da modalização ou modulação.

A seguir, reproduzimos um quadro, adaptado a partir de Fuzer & Cabral (2014), dando foco aos três tipos de recursos mais recorrentes nas práticas de modalização (verbos, adjuntos e expressões modalizadoras) e indicando o significado e exemplo de recurso na modalização e modulação.

Quadro 3: Recursos linguísticos da modalidade

Recurso	Tipo	Significado	Exemplos
Verbos modais	Probabilidade	Quão provável?	poder, parecer, dever...
	Usualidade	Quão frequente?	costumar...
	Obrigação	Quão necessário?	dever, ter que...
	Inclinação	Quão propenso?	dispor-se a, determinar-se a...
Adjuntos modais	Probabilidade	Quão provável?	talvez, possivelmente, provavelmente, certamente...
	Usualidade	Quão usual?	raramente, às vezes, usualmente, frequentemente, sempre, nunca...
	Prontidão	Quão disposto?	prontamente, prazerosamente...
	Obrigação	Quão obrigatório?	obrigatoriamente, absolutamente, a qualquer custo...
Expressões modalizadoras	Probabilidade	Quão provável?	é possível, é provável, é certo...
	Usualidade	Quão frequente?	é raro, é usual, é frequente, é constante...
	Obrigação	Quão necessário?	é permitido, é aceitável, é preciso, é necessário...
	Inclinação	Quão propenso?	está disposto a, é desejável, está determinado a, está decidido a...

Fonte: Adaptado de Fuzer & Cabral (2014, p. 120).

Através deste quadro é possível vislumbrarmos um pouco do universo dos recursos linguísticos disponíveis e utilizados nas mais diversas situações comunicativas em que ocorrem as práticas de modalização. Estes são apenas alguns dos recursos, já que consideramos outras questões, como a gesticulação, envolvidas nas práticas de linguagem, que nos levam modalizar nossa atuação frente a nossos interlocutores.

No capítulo a seguir, apresentamos a partir dos debates que se desenvolvem no entorno da Multimodalidade, considerações acerca dos estudos desenvolvidos no

âmbito da comunicação não verbal nas relações de interação humana. A partir da literatura acessada, pautamos questões que evidenciam nitidamente o fato de as práticas de linguagem desenvolvidas em todos os meios sociais serem consideradas multimodais. Além de apresentarmos considerações já levantadas por outras pesquisas, que dão conta da alta relevância do que nos estamos chamando de relação verbo-gestual para a produção e complementação de sentidos advindos das nossas práticas de linguagem, trataremos das classificações e definições dos elementos não verbais mais presentes nas situações de interação humana.

3 REFLEXÕES SOBRE AS PERSPECTIVAS DA ANÁLISE MULTIMODAL

Neste capítulo apresentamos a segunda parte da discussão teórica que dá sustentação às nossas considerações acerca desta pesquisa. As proposições sobre a Multimodalidade, aqui apresentadas, estão conjugadas com o que apresentaremos *a posteriori*, no **Capítulo 4**. Por questões de organização e distribuição do conteúdo, optamos primeiro por tratar da base teórica relacionada à Multimodalidade e em seguida desenvolver uma discussão sobre nosso foco dentro da Multimodalidade, que são as gestualidades. Em linhas gerais este capítulo procura contemplar um breve histórico sobre os primeiros estudos que foram desenvolvidos no sentido da preocupação com os *multimodos*, isto é, com as várias semioses presentes nas nossas interações linguísticas. Com isso, também adentramos nas formulações teóricas e metodológicas que tratam das premissas para estudos em Multimodalidade.

3.1 PRIMEIRAS PREOCUPAÇÕES ACERCA DA MULTIMODALIDADE

Na história dos estudos linguísticos, desde as primeiras delimitações de Saussure (2003 [1916])¹² para então termos a Linguística considerada como ciência, sempre houve uma preocupação centrada nas questões estruturais da língua, mas, conforme já havíamos mencionado no capítulo anterior, os avanços a partir das correntes funcionalistas trouxeram várias possibilidades de investigações antes desconsideradas como parte do universo linguístico. Temos hoje a possibilidade de investigar diversas semioses consideradas como essenciais nas práticas de linguagem, uma vez que o processamento da língua dá-se envolto de todas essas questões.

A respeito dessas possibilidades de investigações que vários pesquisadores têm apontado, inclusive, como um dos novos desafios para linguística, também devemos considerar os embates surgidos entre os que defendem e os que

¹² No seu trabalho de delimitações de objeto da Linguística, Saussure considerou a necessidade de uma ciência geral que seria responsável pelo estudo de todos os signos, que seria a Semiótica. A linguística, pois, seria uma ramificação da Semiótica, responsável apenas pelo estudo de uma parte desses signos.

desconsideram tais estudos como parte do ‘fazer linguística’. Ora, se devem ser consideradas ou não como parte da linguística, o fato é que esses pontos de pesquisa se desenvolvem a partir de fenômenos registrados na língua, no desenvolver das nossas práticas de interlocução para nos fazer compreender, demonstrar que estamos de acordo ou contrários a determinadas proposições. Portanto, nosso ponto de defesa aclara que nossas práticas de linguagem, antes de tudo, emergem de situações reais em que as pessoas se comunicam de formas diversas, com propósitos e intenções diversas. Pesquisar sobre estes fatos é o que nos interessa!

A Multimodalidade, que considera, entre outras coisas, a relação intrínseca da língua com outras semioses de ordem não verbal, é uma das perspectivas teóricas que mais tem se difundido em relação aos estudos da língua. Essa perspectiva fixa seus marcos iniciais, conforme Dionísio (2014), a partir das obras *Reading Image: The Grammar to Visual Design*, de Gunter Kress e Theo van Leeuwen, publicada em 1996, e *Social Semiotics*, de Robert Hodge e Gunter Kress, publicada em 1998. Estes autores desenvolvem suas teorias, sobretudo, a partir das ideias originadas de Halliday através da Linguística Sistêmico-Funcional.

Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016) afirmam que o termo *Multimodalidade* aparece na segunda metade da década de 1990, e registram como percussores os trabalhos de Charles Goodwin, nos Estados Unidos, sob a perspectiva da Etnometodologia e da Análise da Conversação, e Kress e van Leeuwen, no Reino Unido, sob a perspectiva da Semiótica Social¹³. Outra contribuição para a área teria sido a de O'Halloran que tomou por base trabalhos de O'Toole (1994) e Kress e van Leeuwen (1996), para descrever o caráter multimodal de textos de matemática, embora este ainda usasse o termo *multisemiótico* ao invés de *Multimodalidade*.

De toda forma, os registros de Dionísio (2014) e Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016) mostram que as contribuições de Kress e van Leeuwen no campo da multimodalidade são as mais proeminentes; uma vez que eles não só construíram as bases para essa nova perspectiva de estudos linguísticos como também continuam a produzir discussões relevantes para a área.

¹³ Em relação ao trabalho de Goodwin, os pesquisadores destacam seu artigo seminal submetido ao *Journal of Pragmatics*, em 1998, e ao trabalho de Kress e van Leeuwen, *Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication* (2001), que estaria em andamento há vários anos.

No Brasil, as pesquisas em Multimodalidade, ou fazendo a sua associação com outra base teórica, na área de Letras/Linguística, têm nomes que merecem destaque, entre eles o da professora Marianne Cavalcante, da UFPB, que desenvolve um trabalho com grupo de estudos NELIN (Núcleo de Estudos Linguísticos Interacionais) cujas pesquisas se desenvolvem acerca o processo de aquisição de linguagem em bebês, destacando o aspecto multimodal na interação mãe-bebê. Também na UFPB, temos a professora Danielle Almeida, que tem pesquisado em Multimodalidade tendo como principal perspectiva a Gramática do Design Visual, de Kress & van Leeuwen, que estuda aspectos multimodais de imagens fixas, como a fotografia.

Outros dois nomes com contribuições nessa área são os das pesquisadoras Angela Dionísio, da UFPE, e Edwiges Maria Morato, da UNICAMP. Dionísio desenvolve contribuições ligadas ao ensino, com publicações voltadas a análise de imagens e textos escritos, usando a perspectiva da multimodalidade, principalmente, através de seu grupo de estudos, o NIG (Núcleo de Investigações sobre Gêneros Textuais). Já Morato desenvolve um trabalho com o grupo de sua coordenação, o COGITES (Cognição, Interação e Significação), que faz pesquisas nas relações entre linguagem e cognição por meio da análise de práticas linguístico-interacionais, em especial as que envolvem indivíduos com afasias, abordando também questões ligadas às gestualidades.

Ao fazermos um levantamento no site do banco de Teses e Dissertações da CAPES, com filtro entre os anos de 2013 a 2016 e tendo como palavra-chave *Multimodalidade*, encontramos o registro equivalente a noventa e cinco dissertações e quarenta e duas teses na área de Letras/Linguística. Desse total, a sua maioria, em relação às demais regiões geográficas do país, foi desenvolvida em universidades do Nordeste, com o equivalente a quarenta trabalhos em nível de mestrado e vinte e um em nível de doutorado.

3.2 ASPECTOS DA MULTIMODALIDADE

O termo Multimodalidade poderia, em linhas gerais, ser simplificado na seguinte proposição: “Se um ‘meio para fazer sentido’ é uma modalidade, ou ‘modo’, como geralmente se chama, então podemos dizer que o termo ‘multimodalidade’ foi usado para destacar que as pessoas usam múltiplos meios de fazer sentido”

(JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016, p. 2, tradução nossa)¹⁴. Esta proposição não está desconexa da ideia que se tem a respeito do uso do termo para designar o que se considera por multimodal. Entretanto, ao concluir tal hipótese, Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016) afirmam que essa formulação não descreve suficientemente a mudança conceitual que se pretendia destacar e promover, pois, bem antes da Multimodalidade, outras disciplinas já traçavam planos e investigavam as diferentes formas de fazer significados, entre elas a própria linguística, a semiótica e a sociologia.

Antes de prosseguirmos convém definirmos o que seria um *modo*, para a teoria multimodal. O *Glossary of Multimodal Terms* (Glossário de Termos Multimodais), um trabalho desenvolvido dentro do *National Centre for Research Methods* (NCRM)¹⁵, define como *modo*:

[...] um conjunto de recursos moldados socialmente e culturalmente para fazer sentido. O modo classifica um “canal” de representação ou comunicação para o qual anteriormente nenhum nome abrangente havia sido proposto (Kress e van Leeuwen, 2001). Exemplos de modos incluem escrita e imagem na página, estendendo-se para imagem em movimento e som na tela, e fala, gesto, olhar e postura na interação incorporada. [...] Os modos não são autônomos e fixos, mas, criados através de processos sociais, são fluidos e estão sujeitos a mudanças. (*In: <https://multimodalityglossary.wordpress.com/mode-2/>*. Acesso em: 06 set. 2017, tradução nossa).¹⁶

Ainda acerca dessa definição, o artigo esclarece, por último, que as definições de *modo* continuam a ser refinadas e desenvolvidas a partir da ampliação das pesquisas. Isso se dá também ao fato de que os modos podem passar por mudanças de significados (JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016), a depender

¹⁴ No original: If a ‘means for making meaning’ is a modality, or ‘mode’, as it is usually called, then we might say that the term ‘multimodality’ was used to highlight that people use multiple means of meaning making.

¹⁵ O centro fica localizado na *University of Southampton*, na Inglaterra. O glossário, que foi desenvolvido por pesquisadores da área, conta com quarenta e cinco verbetes apresentados em forma de mini artigos, contendo definições e exemplos, elaborados/editados por nomes como Jewitt e Mavers, fazendo referências, entre outros, a produções de Norris (2004), Jewitt (2009), Kress (2010) e O'Halloran & Smith (2011).

¹⁶ No original: [...] a set of socially and culturally shaped resources for making meaning. Mode classifies a ‘channel’ of representation or communication for which previously no overarching name had been proposed (Kress and van Leeuwen, 2001). Examples of modes include writing and image on the page, extending to moving image and sound on the screen, and speech, gesture, gaze and posture in embodied interaction. [...] Modes are not autonomous and fixed, but, created through social processes, are fluid and subject to change.

do processo social e das situações comunicativas que eles são usados, podendo ganhar ou perder significados.

Mavers & Kress (2015) afirmam que existe uma distinção fundamental entre os modos que, na sua materialidade, se apresenta entre *espaço* e *tempo*. Para eles existem os (i) *modos baseados no tempo* (exemplos: fala, música), os (ii) *modos baseados no espaço* (exemplos: imagem, disposição, escultura) e os (iii) *modos que combinam tempo e espaço* (exemplos: dança, gesto, ação), todos eles com potencialidades¹⁷ diferentes. Explicando melhor, nas palavras dos autores:

Estes tipos de modos fundamentam-se em lógicas diferentes: a ***lógica do tempo*** propicia as possibilidades de construir significado mediante a sucessão temporal de elementos, seu lugar numa sequência constitui um recurso para o significado. A ***lógica do espaço*** propicia as possibilidades de construir significado mediante a distribuição espacial de elementos simultaneamente presentes; as relações entre elementos no espaço são um recurso para o significado. Em todos os modos, isto resulta em formas textuais/genéricas preferidas: ***narrativa*** na fala e na escrita, ***exibição*** nos modos visuais (e talvez ***narrativa exibida*** no caso de modos que se baseiam em ambas as lógicas). (MAVERS; KRESS, 2015, p. 228, grifos dos autores).

É na lógica do tempo e do espaço que nossa proposta de trabalho se desenvolve, já que estamos tratando de modos que se dão, da mesma forma, entre essas duas lógicas: a fala na lógica do tempo e os gestos na lógica do tempo e do espaço. E embora possuam potenciais distintos, é na perspectiva de que a língua é multimodal que trabalhamos.

Retomando as definições de Multimodalidade, Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016), esclarecem que ela questiona e busca explicar que, diferente de algumas disciplinas que procuram compreender significados em separado e que se estabelecem por meio de um modo restrito, é preciso compreender que os sentidos se dão através de diferentes modos – e por meio da integração de vários elementos – que quase sempre estão juntos. Por exemplo, imagem com escrita, fala com gesto, simbolismo matemático com escrita, entre outros. O uso do termo *Multimodalidade* começou a ser empregado quando pesquisadores reconheceram a necessidade de estudar de que forma os diferentes tipos de significados são combinados em um todo integrado, multimodal (JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN,

¹⁷ Em (3.2.1) trataremos, de forma mais precisa, sobre essas potencialidades.

2016). O termo, portanto, conseguiria explicar essa conexão de mais de um modo de significado.

A proposta da Multimodalidade é reconhecida também pela necessidade de

[...] ultrapassar limites empíricos de disciplinas existentes e desenvolver teorias e métodos que possam explicar as maneiras pelas quais usamos o gesto, a escrita, a fala e outros meios juntos a fim de produzir significados que não podem ser explicados por nenhuma das disciplinas existentes. Este fato apenas tornou-se mais visível com a introdução de tecnologias digitais, que permitem que as pessoas combinem meios de fazer significados que eram mais difíceis ou impossíveis de disseminar antes – para a maioria das pessoas [...] (a imagem em movimento sendo um exemplo pertinente). Então é assim que a introdução da noção de multimodalidade marca uma virada significativa na teorização e análise do significado. (JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016, pp. 2-3, tradução nossa).¹⁸

Essas considerações se aplicam muito bem no tipo de material que analisamos e o contexto em que ele é produzido; graças a tecnologia e ao fácil acesso que temos a ela atualmente, existe a possibilidade de gravação em vídeo que captura e projeta para nossos interlocutores uma gama de recursos semióticos, isto é, uma série de recursos que juntos expressam significados multimodais. Isso se dá de várias formas, seja por meio de programas de TV, exibidos ao vivo ou arquivados na internet, que trabalham com recursos mais sofisticados ou através de amadores, como no caso dos *youtubers*. Estes que, através de edições simples, além dos recursos próprios expressos pelo corpo e voz, usam de recursos como a inserção de memes, textos escritos, vídeos, imagens, originalmente externas aos seus vídeos, mas que passam a integrá-los, trazendo assim um universo de referências que são coerentes com as temáticas dos seus vídeos.

No caso do campo de pesquisa que optamos por trabalhar (a televisão), não seria possível o tipo de análise que pretendemos sem uma gravação de vídeo e a projeção desse material por meio da internet. Primeiro, porque se trata de um ambiente de gravação restrito a convidados e entrevistadores; mas graças a internet e a disponibilização dos programas, na íntegra, em que qualquer pessoa pode ter

¹⁸ No original: [...] need to move beyond the empirical boundaries of existing disciplines and develop theories and methods that can account for the ways in which we use gesture, inscription, speech and other means together in order to produce meanings that cannot be accounted for by any of the existing disciplines. This fact only became more noticeable with the introduction of digital technologies, which enable people to combine means of making meaning that were more difficult or impossible to disseminate before - for the majority of people anyway (moving image being one pertinent example) So that is how the introduction of the notion of multimodality marks a significant turn in theorizing and analysing meaning.

acesso e, inclusive, salvar a qualquer momento, é possível o manuseio do material de acordo com os objetivos pretendidos na análise. Em segundo, e mais importante, porque seria impossível capturar todos os recursos semióticos, utilizados pelos participantes do programa, através de anotações em papel ou simplesmente pela captação do áudio, tais recursos não seriam suficientes.

Por se tratar de questões muito sutis e algumas vezes despercebidas, dadas a velocidade e as condições automáticas como ocorrem as movimentações dos nossos corpos e nossa face, o recurso da gravação em vídeo¹⁹ permite que possamos ver e rever a mesma cena várias vezes. Esse recurso também possibilita pausa e retomada, em várias velocidades, observando assim ângulos, expressões faciais, gestuais e vocais (se alongadas, graves, entre outros); em suma, vários recursos ocorrendo simultaneamente e contribuindo para a construção de significados. A gravação em vídeo é uma das ferramentas mais adequadas para trabalhos multimodais que busquem investigar aspectos da língua que envolvem recursos da fala e dos gestos, este é um ponto que retomaremos, a partir de Mavers & Kress (2015), no capítulo metodológico.

Para Dionísio (2014), é na prática da linguagem que se dá a multimodalidade. Ela se concretiza, obviamente, através dos textos que são a materialização da linguagem:

[...] é no texto, materialidade dos gêneros, onde os modos (imagem, escrita, som, música, linhas, cores, tamanho, ângulos, entonação, ritmos, efeitos visuais, melodia etc.) são realizados. O que faz com que um modo seja multimodal são as combinações com outros modos para criar sentidos. Ou seja, o que faz com que um signo seja multimodal são as escolhas e as possibilidades de arranjos estabelecidas com outros signos que fazemos para criar sentidos, com os mesmos, quais as articulações criadas por eles em suas produções textuais (DIONÍSIO, 2014, p. 42).

A partir das suas considerações, a autora nos leva compreender que a língua e as práticas de linguagem, ambas materializadas através dos gêneros, são multimodais por natureza, já que estão revestidas de diferentes semioses conectadas para a criação de sentidos.

A multimodalidade é um campo que envolve uma série de modos e elementos que não necessariamente representam o ser humano, mas que, ainda assim, podem

¹⁹ No capítulo da metodologia ampliaremos a discussão sobre as vantagens e as limitações que ainda ocorrem (como em qualquer tipo de captação) na gravação de vídeo.

ser incorporados de forma espontânea ou proposital às práticas da linguagem humana, com a intenção de causar determinados efeitos. Dadas as possibilidades de abrangência da Multimodalidade, e a impossibilidade de considerar todas elas em um trabalho como este, que precisa de um foco de análise, nossa atenção se volta principalmente para as semioses desenvolvidas a partir do corpo humano. Assim, o nosso foco se centraliza nas gestualidades que se desenvolvem a partir de braços, mãos, ombros, cabeça e face; além de darmos atenção também para as produções sonoras, consideradas efeitos da paralinguagem²⁰, que envolvam situações de modalização verbo-gestual.

3.2.1 Premissas para estudos em Multimodalidade

A ideia que se desenvolve em entorno de trabalhos em Multimodalidade, conforme definição de Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016), precisa obedecer a três premissas, a saber:

1. O significado é feito com diferentes recursos semióticos, cada um oferecendo diferentes potencialidades e limitações.
 2. A realização de significado envolve a produção de totalidades multimodais.
 3. Se queremos o estudar significado, precisamos tratar de todos os recursos semióticos utilizados para fazer um todo completo.
- (JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016, p. 3, tradução nossa).²¹

A primeira premissa, a respeito das potencialidades e limitações de cada um dos modos de expressão, ou dos diferentes recursos semióticos, deve ser entendida como de grande relevância para os estudos linguísticos. Reconhecer que os modos possuem potencialidades e limitações é reconhecer que nenhum deles é superior ao outro, mas sim que cada um possui características particulares, que podem suprir o

²⁰ A paralinguagem se dá por meio de sons emitidos pelo aparelho fonador, mas que não fazem parte do sistema sonoro do idioma. Os atos de paralinguagem definem-se em dois tipos de sons: "1) variações sonoras produzidas pelas cordas vocais durante a conversa, que consistem em mudanças na altura, duração, intensidade e silêncio; 2) sons primeiramente resultantes de outros mecanismos fisiológicos que não as cordas vocais, como as cavidades faríngea, nasal ou oral" (KNAPP & HALL, 1999, p. 28). Exemplos seriam os sons representados verbalmente por *ah*, *humm*, entre outros.

²¹ No original: 1. Meaning is made with different semiotic resources, each offering distinct potentialities and limitations. 2. Meaning making involves the production of multimodal wholes. 3. If we want to study meaning, we need to attend to all semiotic resources being used to make a complete whole.

que possa ser uma limitação para o outro. Em vários momentos do texto Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016) evidenciam a preocupação em tentar desmistificar a ideia de superioridade da língua em relação a outros modos, como na afirmação de que:

[...] uma perspectiva multimodal chama a atenção para o geral e o particular na língua, reconhecendo tanto o que ela tem em comum com outros modos como o que é completamente diferente. Numa perspectiva multimodal, portanto, a língua não é 'mais' criativa, mas 'diferentemente' criativa; não tem mais potencial, mas tem um potencial diferente para fazer sentido – assim como qualquer outro modo (JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016, p. 23, tradução nossa).²²

Evitando a ideia de que um modo poderia ser mais potencial que outro, ao observarmos as práticas de linguagem desenvolvidas em contextos reais de comunicação, sobretudo nas interações face a face, é possível dizermos que um modo age em complementação do outro; por isso defendemos a necessidade de não separar o que é gestual do que é verbal (cf. JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016), ou simplesmente considerar como irrelevantes as práticas gestuais envolvidas nos processos comunicativos.

É importante então compreendermos e reforçarmos a ideia de que:

Se quisermos mapear as potencialidades e limitações de diferentes modos, precisamos atentar para o que os modos têm em comum, tanto quanto ao que é distinto entre eles. Um conjunto de ferramentas linguísticas é, portanto, de uso limitado: as categorias linguísticas não chamarão atenção para as propriedades não compartilhadas com a língua. A questão é que não devemos assumir que todas as categorias têm equivalentes em outros modos. Pelo contrário, o objetivo de fazer multimodalidade é precisamente identificar o que é particular e o que é geral em cada modo (JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016, p. 23, tradução nossa).²³

Como todas as categorias não necessariamente apresentarem equivalentes em outros modos, é a junção dos vários modos que faz a sinfonia da língua

²² No original: [...] a multimodal perspective draws attention to the general and the particular in language, recognizing both what language has in common with other modes and how it is distinctly different. From a multimodal perspective, therefore, language is not 'more' resourceful, but 'differently' resourceful; it does not have more potential but different potential for making meaning - just like any other mode.

²³ No original: If we want to map the potentialities and limitations of different modes, we need to attend to what modes have in common as much as to what is distinct about them. A linguistic toolkit is therefore of limited use: linguistic categories will not draw attention to those properties not shared with language. The point is that we should not assume that all categories have equivalents in other modes. On the contrary, the aim of doing multimodality is precisely to identify what is particular and what is general in each mode.

funcionar. A falta de um equivalente em um modo, que se representa por meio de uma limitação, pode ser representada através de uma potencialidade de outro modo. Muitas vezes, quando não conseguimos nos fazer entender apenas por meio da nossa fala, usamos e enfatizamos nossos gestos, nossa expressão facial para realçar e mostrar/demonstrar determinadas coisas. Da mesma forma que algumas coisas só são traduzidas para um bom entendimento se nos comunicarmos através dos gestos, das ações corporais. Há também, é óbvio, situações em que apenas por meio da fala somos capazes de esclarecer ou representar determinadas coisas. Os (multi)modos de expressão estão sempre atuando em conjunto para efetivação de significados na língua, por isso defendemos a língua como sendo uma entidade multimodal.

Outra consideração, ainda acerca das *potencialidades* e *limitações*, é que quando tratamos de referentes construídos verbalmente sendo menos abstratos e, portanto, menos metafóricos, parece que temos menos gesticulação envolvida; ou seja, se temos menos recursos semióticos envolvidos, por si só a fala é capaz de definir tais referentes. Todavia, quando se trata do contrário, onde o verbal não é capaz sozinho de definir muito bem algum referente/significado, entram em cena os recursos gestuais para complementar ou preencher as limitações do sistema verbal. Diríamos então que um modo não é mais potencial nem mais limitado que o outro; cada um deles têm potencialidades capazes de suprir as limitações do outro, e essas potencialidades se expressam de acordo com as necessidades de se fazer entender e significar através da língua.

A segunda premissa, que trata da formação de conjuntos multimodais para a significação de um todo, demonstra o que o próprio termo que dá nome a teoria nos traduz: a necessidade de considerar que vários modos atuam em conjunto para a criação de significados que são expressos por meio de nossas práticas de linguagem.

Um exemplo apresentado por Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016, p. 26, tradução nossa) ilustra bem essa premissa. Trata-se de uma entrevista de emprego em que a candidata, Pippa, dirige-se a dois gerentes da empresa contratante. Pippa é convidada a falar sobre as mudanças organizacionais no volume de entregas que a empresa faz diariamente. O seguinte fragmento de transcrição do diálogo é apresentado pelos autores:

Pippa: os percursos têm aumentado
 Daniel: um pouco²⁴

No exemplo, Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016) demonstram que o fator linguístico, através desse tipo de transcrição, não seria suficiente para demonstrar as intenções e significações envolvidas na atuação da candidata. Ao considerarmos apenas a parte verbal da entrevista, perderíamos de vista vários outros elementos que poderiam ser capazes inclusive de negar o que estava sendo posto verbalmente. As proposições dos autores em torno do exemplo, considerando o contexto e as várias outras semioses, como expressões faciais, vocais e gestuais, demonstram que o que seria uma declaração seguida de silenciamento (se observados apenas os elementos verbais), passa a ser na verdade um pedido de resposta por parte de Pippa a um dos entrevistadores e possíveis patrões, para então dar prosseguimento a suas considerações.

Ao adotar uma perspectiva multimodal, Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016) afirmam que para se chegar à conclusão de que o silenciamento de Pippa se tratava de uma solicitação de resposta, seria possível, para além do verbal, considerar ao menos quatro pontos: (i) o direcionamento do olhar, (ii) a expressão facial, dando atenção a posição das sobrancelhas, (iii) os gestos desenvolvidos pelas mãos e (iv) o silenciamento, que ocorre posterior ao alongamento de vogais (como dos verbos *have* ou *double*) e/ou hesitações. Os autores desenvolvem uma explanação²⁵ acerca de cada um desses elementos, demonstrando sua relevância para a interpretação da atividade multimodal de Pippa na entrevista de trabalho. Uma das conclusões dos pesquisadores é que

[...] [a] análise de diferentes modos utilizados no mesmo fragmento pode ser usada para agregar fontes de evidência e construir um relato muito mais plausível sobre o que está acontecendo durante a entrevista de trabalho. Isso mostra que mesmo em uma atividade aparentemente dominada pela fala, há limites significativos sobre o que uma análise linguística pode oferecer (JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016, p. 29, tradução nossa).²⁶

²⁴ No original: Pippa: the walks have doubled
 Daniel: some

²⁵ Toda a explanação do exemplo e as possíveis questões a serem elencadas, a partir de uma análise multimodal da entrevista, estão disponíveis no segundo capítulo do livro, entre as páginas vinte e seis e vinte e nove.

²⁶ No original: [...] analysis of more and different modes used in the same fragment can be used to aggregate sources of evidence and build a much more plausible account of what is happening during the job interview. It shows that even in an activity that is seemingly dominated by speech, there are significant limits on what a linguistic analysis can offer.

A orientação de levar em conta sempre todo o conjunto multimodal, nos remete a análise feita através de Envelopes Multimodais. A ideia de Envelope Multimodal é discutida em vários trabalhos de Cavalcante, assim como pesquisas desenvolvidas sob a sua orientação. Em Ávila-Nóbrega (2010) e Ávila-Nóbrega & Cavalcante (2012), por exemplo, os pesquisadores explicam que a perspectiva do Envelope Multimodal dá-se quando ocorrem atuações conjuntas de mais de uma ação – ou modo –, neste caso os autores consideram como um envelope a coocorrência entre olhar, gesto e produção vocal, e levam em consideração todos esses modos na criação do significado X ou Y.

Para este trabalho, optamos, a partir desses autores, por também chamarmos de Envelopes Multimodais as várias semioses que se agrupam para a criação de um significado, ou seja, para a modalização dos discursos dos entrevistados. Assim, estamos assumindo mais uma das premissas de estudos multimodais apresentadas por Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016).

A terceira premissa mostra a necessidade de, em um estudo multimodal, dar atenção a todos os recursos semióticos utilizados para significar um todo completo. Essa premissa mostra que se faz necessária a atenção e sensibilidade do analista para questões que, como dizemos em outros momentos do trabalho, muitas vezes, são quase insignificantes, dada a sutileza com que ocorrem/aparecem, mas que estão carregadas de significados. Outro fator importante a ser considerado no quesito atenção, para captar todos os recursos semióticos, é que nas interações face a face um estudo multimodal precisa levar em conta a velocidade com que ocorrem determinadas manifestações gestuais/faciais. Isso não ocorre, por exemplo, em um estudo que analise imagens fixas. Portanto, ao analista cabe escolher a forma mais adequada possível para a seleção e manuseio do seu *corpus*.

Essas questões levantadas vão nos remeter, mais uma vez, ao tipo de metodologia mais apropriada para pesquisas em Multimodalidade, que será definida com base no tipo de *corpus*. Uma transcrição explicitando apenas as questões verbais de uma entrevista, conforme explicam Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016), será inapropriada para um estudo desse tipo, porque não evidencia características imprescindíveis à Multimodalidade. Como já mencionamos, para trabalhos que tratem de interações face a face, o recurso da gravação em vídeo, sem dúvidas, será o mais adequado para dar conta da maior quantidade possível de modos. A atenção e compreensão do analista se dará de maneira mais eficaz nestes casos.

Outro fator a ser considerado a partir da terceira premissa é a respeito do conhecimento de quem faz esse tipo de análise sobre os recursos semióticos ou modos que se apresentem no *corpus* de trabalho. A título de exemplo, dificilmente uma pessoa que não conheça, não faça parte, tenha pouco ou nenhum contato com a cultura de determinada região, sobretudo se nativa de outra língua, poderá analisar bem a relação entre gestos e fala, mesmo que tenha o recurso da gravação em vídeo. Neste caso, temos a falta de conhecimento do analista sobre questões essenciais ligadas à cultura dessas pessoas, que se refletem através dos gestos nos atos linguagem. Sobre este ponto, no capítulo seguinte faremos uma breve explanação que denota a influência do fator cultural, presente nas gestualidades, que se desenvolvem nos momentos de fala.

3.3 DIÁLOGO TEÓRICO-METODOLÓGICO ENTRE A LSF E A MULTIMODALIDADE

Ao desenvolvermos um trabalho adotando conceitos multimodais, podemos nos centrar apenas na perspectiva da Multimodalidade ou optarmos por relacioná-la com outras abordagens teóricas (cf. JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016). Isso demonstra que a Multimodalidade não se fecha em si e está aberta, admitindo que o diálogo entre perspectivas possibilite que várias questões pouco desenvolvidas sejam exploradas.

As duas perspectivas teóricas que tomamos como suporte podem se conjugar por vários motivos e alguns deles já foram citados ao longo do trabalho. Além da abertura tanto da Linguística Sistêmico-Funcional quanto da Multimodalidade para diálogos com outras perspectivas, temos também o fato de ambas trabalharem com a língua em seu contexto de uso, ou seja, procurando investigar os fenômenos em situações reais de comunicação.

Observando as raízes da Multimodalidade, também nos recordamos que os primeiros trabalhos nesse sentido ganharam forma a partir de pesquisadores filiados à LSF de Halliday, como Kress & van Leeuwen. Ou seja, há vários motivos pelos quais dizemos ser possível unir uma perspectiva a outra; e isso se expressa também a partir dos aspectos metodológicos montados para uma investigação dentro da Linguística.

Retomando o trabalho de Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016), ao fazer um apanhado sobre o possível diálogo da Multimodalidade com a LSF, os autores não apenas evidenciam que pode haver uma conjugação de perspectivas como também e destacam alguns aspectos, a partir da LSF, que são caros também para Multimodalidade, entre eles estão o foco empírico e a metodologia:

- *Foco empírico*: “Artefatos” de todos os tipos, incluindo textos impressos e digitais, vídeos e objetos tridimensionais e sites. Normalmente, esses artefatos estão prontamente disponíveis como mídia popular (propagandas, programas de TV, sites, mídias sociais), mídia educacional (por exemplo, livros didáticos e outros materiais educacionais) e arte e artesanato (por exemplo, esculturas, edifícios).
- *Metodologia*: transcrição detalhada e análise de fragmentos selecionados dos textos, bem como a análise de corpora maiores e multimodais [...]

(JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016, pp. 8-9, tradução nossa).²⁷

Além do trabalho integrado entre Multimodalidade e LSF, Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016) nos apresentam outras duas possibilidades de diálogo entre a Multimodalidade e outras disciplinas; por exemplo, Multimodalidade e Análise da Conversação e Multimodalidade e Semiótica Social. Os autores não só explanam a possível relação entre perspectivas como também fazem um quadro resumitivo bastante interessante para compreendermos essas possíveis abordagens. Vejamos a seguir uma tradução do quadro:

Quadro 4: Mapeamento de três abordagens para a multimodalidade: LSF, Semiótica Social e Análise de Conversação

	LSF	Semiótica social	Análise da conversação
Objetivo	Reconhecimento das funções sociais da forma	Reconhecimento de poder social e agência	Reconhecimento da ordem social na interação
Significado na teoria	Significado como escolha	Signo motivado	Sequencialidade
História	Funcionalismo Europeu	LSF, Linguística Crítica, Semiótica	Interacionalismo Americano, Etnometodologia
Conceitualização de “meios para fazer sentido”	Recurso semiótico, Modo	Modo, recurso semiótico	Recurso (semiótico)
Exemplos de	O'Toole, Martin,	Kress, van Leeuwen	Goodwin, Heath,

²⁷ No original:

- *Empirical focus*: ‘Artefacts’ of all kinds, including print and digital texts, videos and three-dimensional objects and sites. Usually these artefacts are readily available as popular media (advertisements, TV programmes, web-sites, social media), educational media (e.g. textbooks and other education materials) and art and crafts (e.g. sculptures, buildings).
- *Methodology*: Detailed transcription and analysis of selected fragments of the texts, as well as the analysis of larger corpora and 'multimodal analytics' [...].

representantes	Unsworth, O'Halloran		Mondada
Foco empírico	Artefatos, incluindo textos e objetos	Artefatos, principalmente textos	Pesquisador gerou gravações de vídeo de interação
Método de análise	Micro análise de fragmentos curtos selecionados, análise de corpus, análise multimodal	Micro análise de fragmentos curtos selecionados, análise histórica	Micro análise de (coleções de) fragmentos curtos selecionados

Fonte: Adaptado de Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016, p. 11, tradução nossa).

Para além do diálogo com perspectivas teóricas dentro da área da linguagem/linguística, conforme vimos no quadro acima, a contribuição da Multimodalidade para outras áreas pode chegar a diversas disciplinas. Conforme Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016), ela pode oferecer uma plataforma de apoio para investigações, a partir de diferentes questões de pesquisa, no campo mídia, da alfabetização, da educação, da sociologia, da psicologia, entre outros.

Passemos ao próximo capítulo, para darmos continuidade à discussão, agora com foco nas gestualidades e demais semioses que destacamos em nossas análises. Conforme já explicamos sobre a necessidade de divisão em dois textos, o capítulo que estamos finalizando e o que se inicia agora estão, por assim dizermos, mais conjugados entre si, por nosso foco de análise se tratar de uma das abordagens dentro da multimodalidade, perspectiva que acabamos de apresentar.

4 A GESTUALIDADE NAS INTERAÇÕES HUMANAS

As considerações que apresentamos neste capítulo estão fortemente ligadas ao que desenvolvemos no capítulo anterior, sobre Multimodalidade. A opção de dividirmos a segunda parte do referencial teórico em dois textos dá-se pela importância de abordar de forma mais precisa questões sobre multimodalidade e sobre gestualidades, sem deixar de desenvolver em cada um dos capítulos as discussões necessárias no entorno desses dois tópicos. Mesmo que saibamos da diversidade de aspectos que poderiam ser abordados a partir da Multimodalidade, tais como, cores, imagens, sons, e uma série de outras características presentes nas práticas de linguagens, nosso foco é direcionado para as gestualidades. A proposta deste texto é, também, apresentar uma reflexão sobre a importância das ações não verbais do nosso corpo, em específico das manifestações gestuais com mãos, braços, tronco, cabeça e face, para a nossa comunicação.

4.1 SOMOS SERES FEITOS DE LINGUAGEM

As nossas relações sociais estão repletas de expressões das mais diversas possíveis. Cantamos, falamos, rimos, choramos, gesticulamos, balbuciamos, dançamos, nos mantemos em silêncio ou gritamos, expressamos dor, medo, raiva, apreensão... sinais e expressões corporais e vocais dos mais diversos são intrínsecos de nossa vivência. Essas e outras inúmeras, e muitas vezes inclassificáveis, práticas se manifestam em nossas atividades conjuntas e/ou individuais. Em qualquer situação que nos coloquemos, ou nos seja imposta, está atrelada a necessidade de interagir, de comunicar, de convencer, de compreender e nos fazer compreender, de estabelecer relação com tal meio e essa prática dá-se por meio da linguagem.

Diríamos, então, que somos seres (feitos) de linguagem? O que seria a linguagem humana então? Se na capacidade de nos comunicar, por meio de uma língua ou de linguagens, estão envolvidas questões biológicas, sociais, antropológicas ou o que quer que seja, para nós humanos não há linguagem sem

corpo. É nas práticas corporais que envolvem as questões fisiológicas, físicas, espaciais, temporais que a língua(gem) acontece. São gigantescas e diríamos que impossíveis de contemplação todas as questões que poderiam entrar em pauta quando pensamos no que envolve a linguagem, ou melhor: as linguagens!

Se somos seres (feitos) de linguagem, é na nossa existência que ela acontece. De novo alcançamos uma questão muito ampla a ser contemplada. Mas é na perspectiva de que nossos corpos, igualmente a nossa capacidade de falar e praticar um ou vários idiomas, também comunicam de maneira igual, e muitas vezes mais prática e ao mesmo tempo subjetiva, que este capítulo se desenvolve.

Antes de partirmos para questões mais precisas que dizem respeito às formas de interação humana, não se restringindo a língua na sua perspectiva verbal, e a partir daí adentrarmos nas questões teóricas que classificam a língua(gem) como multimodal, vejamos alguns registros históricos que demarcam o início da preocupação com as práticas de comunicação/interação humanas não restringindo-se apenas aquilo que é verbal. De algum modo, tais registros antecipavam uma preocupação que veio a ganhar destaque e ser estudada de maneira mais sistematizada, dentro das universidades e no campo da linguística – a quem muito deveria interessar desde sempre –, apenas a partir do final da década de 1980 e início de 1990.

4.2 A PREOCUPAÇÃO COM OS GESTOS

Os estudos voltados às manifestações corporais ou a linguagem corporal têm sido objeto de investigação mesmo antes de Cristo (STEINBERG, 1988). Na Antiguidade Clássica, desde Cícero (106 a 43 a. C.), já se discutia sobre a relevância dos gestos nos atos de retórica. Conforme Pereira (2010, pp. 36-37), além de Cícero, dois outros grandes retóricos destacam a importância dos gestos para a execução dos bons discursos²⁸: Quintiliano (30 a 95 d. C.), através da sua obra bastante conhecida *Institutio Oratoria*, em que se destaca a importância da voz e do movimento, num curso voltado para a formação de jovens oradores, e Victor (por volta do século IV d. C.), que também destaca recomendações para o uso das mãos na retórica. Diz ele:

²⁸ O uso de gestos de forma exagerada podia ter conotações negativas, e indicar o contrário: que a pessoa não tinha conhecimento da oratória.

São [as mãos] por assim dizer uma segunda palavra; pedem, prometem, chamam, despedem, ameaçam, suplicam, repelem com horror, temem, interrogam, negam; [elas] expressam a alegria, a tristeza, a hesitação, a aprovação, o arrependimento, a medida, a quantidade, o número, o tempo; [elas] incitam, reprimem, aprovam, marcam a admiração ou o pudor; [elas] substituem o lugar dos advérbios e dos pronomes para indicar um lugar ou uma pessoa [...] (JULIUS VICTOR, [ca. IV d.C.] In: PATILLON, 1990, p. 12, *apud* PEREIRA, 2010, p. 37).

Através das notas apresentadas percebemos que na tradição romana os discursos eram munidos de expressões gestuais e faciais, e assim desenvolvidos serviam também como forma de convencimento ou persuasão dos seus expectadores. Assim sendo, podemos considerar que se tratava e ainda se trata de uma forma de argumentação também através do nosso corpo.

A boa retórica sempre foi um dos itens indispensáveis àqueles que optam por um pleito na política. Expressar-se de maneira clara e com um discurso firme e convincente é, sem dúvidas, um dos pré-requisitos para despertar a atenção e fazer convencer aqueles que tenham dúvidas sobre qual seria a ‘melhor opção para votar’. Desde a antiguidade houve a preocupação de a expressão verbal estar sincronizada com as expressões corporais. Isso se faz presente não apenas na política de palanque, como também, e de maneira mais clara e planejada, na política projetada aos eleitores por meio da televisão.

No contexto da mídia, durante os programas eleitorais os discursos dos candidatos ganham tratamento de escolhas lexicais e expressões corporais (sobretudo faciais) que denotarão alegria, autoconfiança, firmeza e serenidade, de modo que projete para o eleitor uma imagem de melhor opção para votar. Ao mesmo tempo em que, ao referir-se a candidatos de oposição, tentarão sempre projetar algo de negativo, também usando recursos de expressões verbais e corporais. Ocorre um jogo de convencimento, positivo ou negativo, também pelas estratégias sonoras, e imagísticas que são incorporadas à propaganda eleitoral que esteja sendo veiculada.

A respeito dessas estratégias no discurso político, Rodriguez (2016) faz considerações bastante relevantes ao tratar da Multimodalidade, modalização e escolhas lexicais ao analisar um programa de propaganda eleitoral demonstrando as estratégias de convencimento por meio dos argumentos desenvolvidos no decorrer do programa. Essas questões todas não se distanciam da nossa proposta de trabalho, visto que a seleção do nosso *corpus* de análise além de se tratar de um

programa midiático, que requer não só regras pré-estabelecidas, como espaço para perguntas e respostas, característica também do gênero entrevista, requer dos participantes o mínimo de polidez ao dirigir-se a quem faz a pergunta ou a quem deverá respondê-la.

Ainda falando sobre o percurso dos estudos das gestualidades, embora não se considerasse nenhuma ideia no sentido que temos hoje com manifestações corpóreas diretamente ligadas à linguagem verbal, tanto Rector & Trinta (1986) quanto Knapp & Hall (1999) resgatam e apresentam a informação de que a obra *The Expression of the Emotions in Man and Animals* (1872), de Charles Darwin, foi uma das mais influentes produzidas naquele século. Os pesquisadores afirmam que em seu livro Darwin trata principalmente de expressões corporais e faciais, descrevendo-as fisiologicamente, e acrescentam que a obra gerou um estudo moderno das expressões faciais, e que várias das suas observações vinham sendo confirmadas por pesquisadores do final do século XX.

O estudo da comunicação não verbal, segundo Knapp & Hall (1999), nunca foi exclusivo de uma disciplina, ele se desenvolveu e se desenvolve em várias áreas do conhecimento, passando pela psicologia, psiquiatria, sociologia, filosofia, antropologia, dança, comportamento animal, e de forma relativamente recente pela linguística. O que se sabe é que o estudo científico da comunicação não verbal ganhou dimensões após a Segunda Guerra Mundial.

A partir de 1950, acentuando-se em 1960, houve uma verdadeira avalanche de estudos nessa área; e, embora tenha despertado o interesse do público, também houve algumas distorções previsíveis, como a interpretação de um sentido único para alguns sinais não verbais. Por isso, os autores atentam para necessidade de lembrarmos que assim como o verbal, o não verbal “raramente está limitado a um único significado denotativo” (KNAPP; HALL, 1999, p. 38), isto é, um mesmo comportamento não verbal, seja gesto ou expressão facial, por exemplo, pode ter significados diferentes em contextos diferentes.

Para mais detalhes do percurso pelo qual os trabalhos que se voltam para o estudo das gestualidades e da face, uma rápida consulta a Rector & Trinta (1986, pp. 64-75) e Knapp & Hall (1999, pp.36-39)²⁹ nos dará um bom panorama dos vários

²⁹ As páginas foram indicadas para que o leitor seja pontual no acesso ao que se produziu no decorrer do tempo, segundo os pesquisadores supracitados, mas recomendamos uma leitura das obras na íntegra.

nomes pelo mundo que se dedicam ou se dedicaram a esse tipo de investigação e ajudaram desenvolver o que se tem de conhecimento na atualidade. Esse material trata da sistematização à conceituação dos estudos ligados a comunicação não verbal na interação humana, nas várias áreas do conhecimento.

Vale destacarmos, antes de passarmos ao próximo tópico, que no Brasil um dos (se não o) primeiros nomes a tratarem de gestualidades associadas à fala foi Martha Steinberg, a partir do livro *Os elementos não-verbais da conversação*, publicado em 1988. O trabalho de Steinberg, originado da sua tese de livre-docência defendida na Universidade de São Paulo, em 1983, propõe uma análise dos “[...] elementos não-verbais que acompanham a fala numa interação face a face [...]” (p. 1). Logo na apresentação do livro, a autora fala da necessidade de conscientizar os estudiosos da área de línguas sobre a importância desses elementos numa conversação para fins de comunicação. Embora hoje as discussões nesse sentido considerem uma série de ressalvas, sobretudo no fato de que mais do que acompanhar a fala, os gestos significam tanto quanto ou ainda mais que ela (a depender do contexto), a preocupação e esforço da pesquisadora devem ser destacados, visto que esses estudos só ganham projeção e definições mais claras a partir da segunda metade da década de 1990, com a publicação estrangeira de Kress e van Leeuwen, em 1996, de *Reading images: the grammar of visual design*.

4.3 OS GESTOS NAS INTERAÇÕES HUMANAS

Nossas ações corporais, diferentemente das nossas práticas verbais, podem dizer muito sobre o que pensamos ou como gostaríamos de agir em determinadas situações as quais somos expostos. Podemos enganar por meio das palavras, mas nem sempre por meio dos gestos. Há várias ações corporais que podem transparecer a verdade mesmo quando insistimos em negar aquilo que gostaríamos de falar. Matschnig (2015, p. 13) assegura que a maneira como nos comportamos e nos apresentamos em determinadas situações sempre diz algo sobre nós e nossos posicionamentos diante de tais contextos. De maneira contrária ao que acontece com as palavras, a autora esclarece também que “só controlamos conscientemente uma fração da linguagem corporal. Nada transmite informações mais diretas e transparentes sobre nossas sensações, pensamentos e experiências que nossos gestos e expressões”.

As nossas práticas de linguagem, principalmente aquelas que envolvem interações face a face, estão repletas de elementos que se inserem tanto na modalidade verbal quanto na não verbal³⁰. Como afirma Steinberg (1988),

Na interação face a face, os códigos de comunicação são audíveis e também visíveis e sensíveis. Comunicamo-nos não só com a linguagem constituída dos sons emitidos pelo aparelho fonador, mas também com o corpo todo, isto é, com elementos não-verbais. (STEINBERG, 1988, p. 3).

Interagindo com outro(s) sujeito(s) ou até mesmo quando pensamos sobre determinado assunto, nos deparamos com nosso corpo em movimento. Seja por meio das mãos, braços ou cabeça em movimento interagindo com quem quer que seja, ou um franzir de testa ou canto de boca fazendo um planejamento em mente, estaremos usando de elementos não verbais. Nosso processamento cognitivo não separa nossas ações corporais de práticas de linguagem entre verbal e não verbal.

Knapp & Hall (1999) argumentam que

[...] não é fácil dissecar a interação humana e apresentar um diagnóstico restrito ao comportamento verbal e outro relativo apenas ao não-verbal. A dimensão verbal está tão intimamente entrelaçada e representada com tal sutileza em tudo aquilo a princípio rotulado de não-verbal que o termo nem sempre descreve de modo adequado o comportamento em estudo. (KNAPP; HALL, 1999, p. 17)

Por se tratar de uma linha muito difusa, a separação entre o não verbal e o verbal, é, por muitos pesquisadores da área, desconsiderada, optando eles por usar expressões amplas como *comunicação* ou *interação face a face*, quando se referem composições linguísticas que envolvem essas duas modalidades. A consideração que permanece acerca dessa separação está apenas na possibilidade de facilitar a compreensão das questões a esse respeito.

Como alguns dos componentes não verbais intrínsecos das produções de discursos, os gestos desempenham um papel de grande relevância nos atos de comunicação. McNeill (1992, p. 245, *apud* PEREIRA, 2010, p. 50), discutindo sobre

³⁰ Vale lembrarmos que o desenvolvimento de várias ferramentas surgidas com o advento da internet possibilitaram um avanço imenso em relação à possibilidade de interlocução com outros sujeitos em ambientes completamente distantes. Essas ferramentas, embora não permitam o contato físico entre os sujeitos, possibilita o uso vários elementos não verbais comuns das conversas com interação face a face, além de ter criado outros. A título de exemplo, podemos lembrar das chamadas de vídeo com conexão em tempo real, que permitem o contato visual entre os sujeitos e com isso a recepção dos gestos do outro, e dos *chats* e uso dos *emoticons* e, mais atuais, dos *emojis*, que representam, entre outras coisas, os estados das emoções humanas.

qual seria esse papel, explica que “os gestos, juntamente com a língua, ajudam a constituir o pensamento e refletem a representação imagística mental que é ativada no momento de falar”. A partir desta consideração, Pereira (2010) também conclui:

Portanto, o gesto é envolvido no planejamento conceitual da mensagem a ser verbalizada, ajudando o falante, pois ele desempenha um papel no processo de conceitualização. Abre-se então a possibilidade de que o gesto pode ter um papel, não só no discurso produção, mas também em outras atividades cognitivas, como raciocínio e resolução de problemas. (PEREIRA, 2010, p. 50).

As afirmações acima nos levam a perceber que há uma série de questões envolvidas no processamento cognitivo dos sujeitos durante as práticas de linguagem envolvendo gestos e fala. Muitas delas envolvem uma sutileza que podem ser imperceptíveis se não dada a devida atenção. Entretanto, isso não leva a sua insignificância, ao contrário, por serem sutis e, muitas vezes, imperceptíveis, dado o automatismo como exercemos a interação entre nossos pares, elas podem significar bem mais do que imaginavam não só os primeiros estudiosos da linguagem, como também aqueles que primeiro se propuseram estudar a conexão entre as gestualidades e a verbalização da língua.

Para termos uma ideia a esse respeito, se pegamos estudos publicados entre o final dos anos 1980 e início da primeira década de 1990, onde se abre uma janela para a visualização da relação entre o que é verbal e o que é gestual na linguagem, e compararmos com estudos mais recentes, teremos ressalvas e novas considerações que são importantes para as pesquisas que se desenvolvem atualmente. Um exemplo é a consideração de que os componentes não verbais possuem características até então atribuídas apenas à linguagem verbal. Já se considerava que as gestualidades e vários outros elementos da linguagem não verbal possuíam uma semântica, mas outros aspectos como uma sintaxe própria só passou a ser tópico de reflexão a partir de Kress e van Leeuwen (1996).

Diferente do pensamento inicial sobre a possibilidade de uma sintaxe apenas para textos verbais, como na afirmação de Steinberg (1988, p. 3 – inserção nossa): “[...] fazemos o uso de um outro conjunto de linguagens [além da verbal], sem estrutura sintática, mas riquíssimo semanticamente”, Dionísio (2014, p. 54) esclarece que, na *Gramática do Design Visual*, Kress & van Leeuwen (1996) “[...] defendem ser possível uma gramática para a análise das imagens, uma sintaxe visual, pois [...]”

imagens não são veículos neutros desprovidos de um contexto social". Essa ideia de que a sintaxe não se restringe apenas a textos verbais se dá pelo fato de, conforme defendem os pesquisadores, estão envolvidos potenciais de significados que envolvem também aspectos sociais e culturais que se organizam em estruturas visuais para comunicar um todo coerente (FERNANDES & ALMEIDA, 2008).

Os gestos e expressões faciais, assim como os itens lexicais, não são estanques a um único significado. Assim como as palavras, eles podem ter funções distintas em contextos distintos, podendo assim ser recategorizados conforme o contexto de uso do falante:

Um sorriso pode ser parte de uma expressão emocional, uma mensagem representativa de uma atitude ou a reação de um ouvinte para ser admitido na conversa. É possível ainda que o mesmo comportamento tenha significado diverso, dependendo do contexto em que ocorre. Por exemplo, olhar para o chão pode refletir tristeza em uma situação e submissão ou falta de envolvimento em outra. Portanto, como as palavras, os signos não-verbais têm múltiplos usos e significados; como as palavras, muitos signos não-verbais têm significados denotativos e conotativos. Somente pelo exame do contexto da interação somos capazes de avaliar com alto grau de confiança o modo como comportamentos específicos funcionam. (KNAPP; HALL, 1999, p. 29).

Sabendo da dinamicidade dos gestos, que assim como as palavras podem ganhar novos significados, a depender do contexto em que são desenvolvidos, vamos tentar compreender como eles se definem.

4.4 O QUE SÃO OS GESTOS E COMO DEFINI-LOS

Knapp & Hall (1999, p. 191) explicam que os gestos, "São movimentos do corpo (ou parte dele) usados para comunicar uma idéia, intenção ou sentimento. Muitas dessas ações são feitas com braços e mãos, mas a área da face e da cabeça também é usada na gesticulação." Os autores definem que não são consideradas como gestos as ações que incluem tocar o próprio corpo, arrumar a própria roupa ou os tiques nervosos. Ações relacionadas a uma tarefa como comer ou pegar um objeto também não devem ser consideradas como gestos. Há uma ressalva, entretanto: quando se trata de ações desse tipo realizadas de maneira intencional elas podem ser consideradas como gestos.

Knapp & Hall (1999) consideram que os gestos podem ser classificados de muitas maneiras, mas destacam dois principais tipos: os *gestos independentes da*

fala, que são conhecidos como emblemas ou gestos autônomos e têm uma “tradução direta”, ou seja, representam geralmente algo mais preciso, como uma palavra ou uma frase. E os *gestos relacionados à fala*, que podem ser chamados de ilustradores; neste caso eles não funcionam ou têm um significado se executados sozinhos, sem o acompanhamento da fala. Algumas pesquisas, de acordo com os autores, apontam para quatro tipos comuns:

1) gestos ligados ao referente do falante – concretos ou abstratos; 2) gestos que indicam o relacionamento do falante com o referente; 3) gestos que agem como pontuação visual para o discurso do falante; 4) gestos que auxiliam na regulação e na organização do diálogo entre dois interagentes. (KNAPP; HALL, 1999, p. 202).

De forma mais concreta ou abstrata, todos eles representam múltiplos significados que, associados ou não à fala, podem ter funções como as de repetir, contradizer, substituir, complementar, acentuar ou regular (KNAPP; HALL, 1999). Vamos a alguns exemplos:

- *repetir*: quando uma expressão gestual equivale ao que foi dito verbalmente, por exemplo, quando além de dizermos a alguém que o livro X está em cima da mesa apontamos ou fazemos maneio de cabeça na direção da mesa;
- *contradizer*: quando a relação entre fala e gesto ficam em oposição, por exemplo, quando alguém diz que não está nervoso, entretanto suas mãos trêmulas denunciam seu estado emocional. Ou ainda quando um amigo pergunta para outro se tal corte de cabelo lhe caiu bem e, embora ele responda verbalmente que sim e ainda balance a cabeça em sinal de positivo, faz uma cara de desprezo com as sobrancelhas elevadas, olhos revirados e cantos da boca para baixo, demonstrando ironia ou sarcasmo;
- *substituir*: quando um gesto é capaz, sozinho, de atingir o propósito comunicativo que se pretendia por meio da verbalização, por exemplo, de um pedido ou uma ordem. O dedo indicador rijo sobre os lábios fechados, olhos mais abertos com sobrancelhas e cabeça elevadas pode significar uma ordem para que uma pessoa (ou um grupo de pessoas) cale-se, faça silêncio.
- *complementar*: quando um gesto complementa o que está sendo verbalizado, dispensando o término verbal de uma frase, por exemplo, quando um pai diz para o filho: “Para viajar você precisa ter... (dinheiro)”, e ao invés de verbalizar

a palavra dinheiro, a substitui pelo gesto com a mão levemente fechada e o dedo indicador roçando rápida e repetitivamente no dedo polegar, gesto conhecido no Brasil para indicar dinheiro.

- *acentuar*: quando uma expressão gestual ou mais acentuam o que está sendo verbalizado. O exemplo de Knapp & Hall é que quando um pai recrimina seu filho por ter chegado tarde em casa, ele pode acentuar isso com um aperto no ombro do filho acompanhado de um olhar de censura. Nesse caso, o gesto acompanhado da expressão facial do pai enfatiza o que ele certamente teria alertado sobre não chegar tarde em casa.
- *regular*: expressões gestuais também são usadas com intuito de regular a fala dos nossos interlocutores ou quando estes têm a intenção de regular a nossa. Nesse caso, essa regulação ocorre na troca de turnos de voz. Por exemplo, quando queremos tomar o turno de voz optamos por levantar o dedo ou a mão, inspirar o ar de maneira audível, abrir levemente a boca elevando as sobrancelhas, usarmos de recursos da paralinguagem ou através de próprios recursos verbais, como interjeições “*Éh...*”, “*Então, ah...*”, entre outras formas.

Com o avanço dos trabalhos nas diversas disciplinas que desenvolvem pesquisas na área dos estudos dos gestos, várias classificações foram apresentadas, muito além das que sumariamente apresentamos no início deste tópico. Entretanto, para fins de análise, fizemos a opção de nos concentrar em uma das propostas mais recentes que também serve como base para pesquisas desta natureza que vêm sendo desenvolvidas nesta década. Trata-se da proposta de classificação de David McNeill que trabalha na perspectiva dos gestos e processamento cognitivo e que vai buscar respaldo para suas considerações nos estudos de Adam Kendon, uma das principais autoridades mundiais sobre o tema dos gestos.

Pereira (2010), fazendo referência a Kendon (1983), considera que

A gesticulação aparece como uma parte integrante do esforço comunicativo do indivíduo, tendo um papel direto a desempenhar nesse processo. Para ele [Kendon], o gesto é importante, principalmente porque é empregado juntamente com o discurso, formando uma unidade eficaz de enunciado. (PEREIRA, 2010, p. 47).

Nesse mesmo sentido, McNeill (1992, p. 11 *apud* RANIERI, 2015a, p. 90) afirma que “quando as pessoas falam elas podem fazer movimentos espontâneos

chamados de gestos. Eles são movimentos de braços e de mãos e são quase sempre sincronizados com o fluxo do discurso". Ambas as considerações nos levam a perceber e reafirmar não apenas que os gestos podem estar relacionados à fala, ou ser independentes dela, como também que gesto e fala se desenvolvem em sincronia, isto é, coocorrem e por isso significam juntos. Isso se envolve num processamento cognitivo de extrema complexidade.

Para McNeill, a ligação entre o gesto e a língua dá-se por meio:

- a) do significado, pois são semântica e pragmaticamente coexpressivos;
- b) do tempo, realizando-se em sincronia um com o outro;
- c) da função, desenvolvimento e dissolução, pois se desenvolvem em conjunto na criança e desaparecem juntos nos casos de afasia. Portanto, "juntos formam um sistema e representam a mesma idéia de modos diferentes". (MCNEILL, 1992, p. 23-24 *apud* PEREIRA, 2010, p. 49).

A partir daí, de acordo com Pereira (2010), McNeill propõe a ideia de *inseparabilidade entre gesto e língua*. Ele defende que haveria uma espécie de *ponto de germinação*³¹ unindo a fala e o gesto durante o seu processamento, e, portanto, estes seriam um todo interligado, já que a ideia ou o significado evocado no enunciado seria composto por esses dois modos.

Conforme observamos as considerações de Pereira (2010), esse *ponto de germinação* defendido por McNeill seria uma unidade de ideia mínima aonde as propriedades dessa unidade seriam desenvolvidas e transmitidas pela fala e pelos gestos. A partir dessa perspectiva, nos remetemos ao que apresentamos no capítulo anterior a respeito do que consideramos ser um ponto-chave para nosso trabalho e para qualquer trabalho dessa natureza, que envolva a relação verbo-gestual e procure entender como se dá esse processo. Trata-se das *potencialidades* e *limitações* de cada um dos modos pelos quais nos expressamos. Até que ponto cada um dos modos é capaz de fazer significar mais através do gesto ou da fala? É uma questão que desenvolveremos em nossas análises.

4.4.1 A tipologia dos gestos, de McNeill, a partir do *Continuum de Kendon*

A proposta de Kendon para classificação das gestualidades, segundo Pereira (2010, p. 47), "aborda o aspecto da convencionalidade e valor comunicativo dos

³¹ Tradução da autora para *growth point*.

gestos, tendo em conta o papel da fala para a compreensão dos gestos ao propor uma sequência em ordem crescente de valores de convencionalidade". Conforme Pereira (2010), Kendon propõe o seguinte *continuum*:

Quadro 5: Representação do *Continuum* de Kendon

gesticulação > gestos idênticos à língua > pantomimas > emblemas > linguagens de sinais

Fonte: Kendon (1986; 2005 *apud* PEREIRA, 2010, p. 47).

Da esquerda para a direita, haveria menos preocupação em relação à presença de elementos verbais na comunicação. Ou seja, entre a gesticulação e os emblemas, por exemplo, a gesticulação corresponderia a algo menos *independente* da fala, já que necessitaria dela para significação, enquanto os emblemas estariam num nível mais convencionalizado, em que eles sozinhos, na maioria das vezes, conseguiriam explicitar um significado. Vale lembrarmos que, em todas as situações, nós precisamos de um contexto. Pereira (2010) diz que as principais características das categorias apresentadas por Kendon são:

- **gesticulação** – consiste na realização de movimentos espontâneos, idiossincráticos dos braços e das mãos que acompanham a fala (gestos);
 - **gestos idênticos à língua** – são semelhantes aos primeiros no que diz respeito à sua forma, mas estão gramaticalmente integrados no enunciado – o gesto pode ocupar um espaço vazio de fala;
 - **pantomimas** – as mãos desenham objetos e ações, mas a fala não é obrigatória;
 - **emblemas** – seguem padrões consensuais, uma propriedade que falta à gesticulação e à pantomima;
 - **linguagens de sinais** – como o *American Sign Language* (ASL) e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) são sistemas linguísticos com uma gramática e um léxico próprios.
- (PEREIRA, 2010, p. 47)

A proposta de McNeill para a classificação dos gestos, a partir do *continuum* de Kendon, classifica-os em quatro tipos: *gestos icônicos*, *gestos metafóricos*, *gestos dêiticos* e *gestos rítmicos*.

Tanto Pereira (2010) quanto Ranieri (2015a), em suas Teses, fazem uma leitura com ampla explanação e aplicação de exemplos ilustrativos na classificação de McNeill, mas optamos por reproduzir aqui a versão editada que Pereira disponibiliza em artigo para o verbete *gesto*, disponível na WikiPsicolinguística,³² a

³² Disponível em: <http://psicolinguistica.letras.ufmg.br/wiki/index.php/P%C3%A1gina_principal>.

enciclopédia virtual acadêmica do Laboratório Virtual de Psicolinguística³³ da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Vejamos as definições:

- **icônico** - são gestos estreitamente relacionados ao discurso, ilustrando o que está sendo dito, pintando com as mãos, por exemplo, quando uma pessoa ilustra um objeto físico usando as mãos para mostrar como é grande ou pequeno. Os gestos icônicos são úteis porque adicionam o detalhe à imagem mental que a pessoa está tentando informar. O sincronismo dos gestos icônicos com discurso pode mostrar se são inconscientes ou estão sendo adicionados deliberadamente para o efeito consciente. Em um uso inconsciente, a preparação para o gesto começará antes que as palavras estejam ditas, enquanto no uso consciente há uma retardação pequena entre as palavras e o gesto. Um gesto será icônico se inclui uma relação formal íntima com o conteúdo semântico;
- **metafórico** - se parecem exteriormente com os icônicos, mas se referem às expressões abstratas. Os gestos estão no espaço tridimensional e são usados para dar forma a idéia que está sendo explicada, com formas específicas como uma ondulação mais geral das mãos que simbolize a complexidade do que está sendo explicado;
- **dêitico** - são gestos demonstrativos ou direcionais. Acompanham as palavras como *aqui*, *lá*, ou *isto*, e também *eu* e *você*. São movimentos de apontar, tipicamente realizado com os dedos, embora qualquer extensão de objetos (objetos manipulados) ou do corpo (cabeça, nariz, queixo) possa ser usada. Os gestos dêiticos, que acompanham as narrativas apontam geralmente as entidades concretas;
- **ritmados (beats)** - é a batida rítmica de um dedo, da mão ou do braço. Aparecem ligados ao ritmo da fala conferindo uma estrutura temporal ao que é dito e enfatiza a força combativa do argumento, independentemente do conteúdo expressado. Usados conjuntamente com o discurso e marcam e mantêm seu ritmo enfatizando determinadas palavras ou frases.

(PEREIRA, s/a, In: <http://psicolinguistica.letras.ufmg.br/wiki/index.php/Gesto>).

Por meio da identificação dessas categorias em nosso corpus de análise será possível, desenvolvermos nossas análises explicitando, da melhor e mais didática maneira possível, a relação entre categorias verbais e gestuais na modalização dos discursos dos entrevistados.

4.4.2 O fator cultural nas gestualidades

O fator cultural, que envolve questões étnicas, geográficas, religiosas, socioeconômicas etc., é um influenciador das manifestações corporais. Por isso, vale lembrarmos que a relação entre um gesto e a mensagem que ele pretende

³³ Disponível em: <<http://psicolinguistica.letras.ufmg.br/site/>>.

passar nem sempre é simples ou unilateral (RECTOR; TRINTA, 1986). Certas manifestações corporais, como, por exemplo, os emblemas, estão mais relacionadas a fatores culturais e, por isso, podem significar muitas vezes coisas completamente opostas de cultura para cultura. O que para uma cultura pode significar algo natural e muitas vezes indispensável para uma boa relação interpessoal, para outra pode ter uma interpretação de desrespeito ou falta de bons modos. No Brasil é comum que amigos, familiares ou colegas de trabalho/escola ao se encontrarem, mesmo que o com intervalo de tempo bem curto como apenas um dia, troquem abraços e/ou beijos na face. Já em culturas como a dos estadunidenses esse tipo de contato tático não é bem visto e não ocorre como nos o praticamos.

Rector & Trinta (1986, p. 22), explicam que “o mesmo gesto ou gestos semelhantes podem traduzir mensagens diversas, o que se pode chamar de polissemia gestual”. Um levantamento de Pereira (2010), a partir de estudos sobre gestos, realizados em culturas diferentes, demonstrou que o gesto *OK*, realizado através da mão aberta e da junção da ponta do dedo polegar com a do dedo indicador, formando um círculo, pode significar tanto um elogio quanto uma ofensa, dados os contextos culturais distintos. A esse respeito, completa Pereira, “Nos Estados Unidos, este gesto significa que ‘está tudo certo, positivo’, porém é ‘considerado um insulto’ em muitos países da América Latina, incluindo o Brasil, assim como também na Turquia e na Rússia. Já para o francês, o gesto significa apenas ‘zero’ ou ‘sem valor’”.

Vale fazermos uma consideração que também pode servir como ressalva. Parece que com as ferramentas que cada vez mais possibilitam a integralização das culturas, onde as pessoas convivem mais e “consumem” a cultura do outro, alguns hábitos gestuais podem passar por transformação. O caso do gesto *OK* no Brasil, embora em muitas (talvez na maioria) das situações ainda seja considerado ofensivo, tendo inclusive uma conotação sexual, ele não deve ser categorizado apenas como pejorativo. Há situações em que é possível o registrarmos como um elogio, por exemplo, a forma como alguém está vestido ou a sua própria aparência física.

Para essa consideração, nós devemos levar em conta também o contexto (cf. KNAPP & HALL, 1999, p. 9) de situação e outras semioses que estão expressas, por exemplo, através do rosto de quem pratica tal gesto. É possível afirmarmos que o gesto *OK* jamais será entendido como um elogio, se estivermos em um contexto de

troca de ofensas, posto que esse contexto e certamente a face de quem pratica tal gesto expressarão que tara-se de uma ofensa. Por outro lado, ele jamais será entendido como uma ofensa se o contexto indicar alegria e troca de afagos.

Passemos ao capítulo seguinte, onde são apresentados os aspectos metodológicos e discutidos outros pontos imprescindíveis para as nossas análises.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

As discussões que se iniciam neste capítulo dão conta dos aspectos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do nosso projeto de pesquisa. Esses aspectos levam em conta que estamos trabalhando sob duas perspectivas teóricas, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e a Multimodalidade, que podem atuar de forma conjunta numa investigação como a que propusemos, em que se busca observar a relação verbo-gestual na língua. Dentre nossas preocupações, neste capítulo, buscamos caracterizar o tipo de pesquisa e as etapas do seu desenvolvimento, apresentar o *corpus* e o recorte para análise, discutir sobre o gênero que compõe este *corpus* e seu tratamento para chegarmos às unidades de análise.

5.1 TIPO DE PESQUISA E ETAPAS ELABORAÇÃO

Entre todas as discussões de caráter empírico ou filosófico, arroladas ao longo do tempo, principalmente a partir das ideias positivistas de ciência que defendem a exatidão matemática e o rigor nos métodos científicos (KUHN, [1962] 2013), as pesquisas passaram a ser definidas em dois principais tipos: as de caráter quantitativo e as de caráter qualitativo. Uma terceira possibilidade são as que admitem haver a junção desses dois tipos, denominadas de “quali-quantis”. Historicamente, as pesquisas na área das chamadas ciências exatas foram e são consideradas do tipo quantitativo, levando em consideração o lidar com a racionalidade defendida pelos positivistas (SILVEIRA; CÓDOVA, 2009). Por outro lado, as ciências sociais, entendendo que a rigidez positivista, na maioria das vezes, não seria adequada aos fenômenos (quase sempre) abstratos que lhe são reservados à análise, passaram a considerar o tipo qualitativo de pesquisa, não se restringindo aos preceitos positivistas.

A abordagem qualitativa é a que melhor se adequada a nossa pesquisa, não apenas pelo tipo de transcrição e análise que desenvolvemos, mas também pelo fato de que as bases teóricas que utilizamos privilegiam não a quantidade, mas sim

a qualidade das ocorrências. Ludke & André (1986, *apud* RANIERI, 2015a) defendem que uma pesquisa ganha o caráter de qualitativo quando:

1. Tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
4. O ‘significado’ que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, pp. 11-13 *apud* RANIERI, 2015, p. 102).

Nessa perspectiva, parafraseando o ponto três acima, diríamos que, para nós, tão importante quanto investigar o produto é também investigar o processo, verificando como ele ocorre e quais as implicações envolvidas durante seu desenvolvimento. Por isso, não estamos interessados apenas em quantificar as ocorrências, mostrando alguma associação entre elementos verbais e gestuais nas práticas de modalização. Interessa-nos saber, principalmente, como se dá esse processo e quais as suas implicações que não estão explícitas por meio da estrutura ou do plano raso da língua, mas sim envolvidas em questões mais abstratas e profundas, como no processamento cognitivo e nas raízes culturais fincadas no terreno linguístico.

Para um entendimento sistemático dos procedimentos utilizados, nossa metodologia de pesquisa foi organizada nas seguintes etapas:

- Definição do campo de investigação e seleção do *corpus*;
- Definição de objetivos da pesquisa e base teórica a ser utilizada;
- Levantamento bibliográfico, leituras e elaboração do referencial teórico;
- Transcrição dos vídeos a serem analisados;
- Análises e escrita do texto final.

Vejamos de forma detalhada, nos próximos tópicos, outras questões que remetem à organização do trabalho, campo de análise e outros pontos a serem desenvolvidos.

5.2 O CORPUS: PROGRAMA RODA VIVA

O *corpus* de pesquisa que apresentamos advém de material audiovisual. Trata-se, conforme mencionamos brevemente na introdução, de recortes feitos em três edições do *Roda Viva*, programa que vai ao ar ao vivo sempre às segundas-feiras, às 20h15 (com reprise aos sábados, às 2h00) na TV Cultura, canal de televisão aberto para todo o país. A coleta desse material se deu por meio da internet, através do YouTube, mas trata-se da mesma versão que foi ao ar pela TV.

O programa tem extensão de cerca de uma hora e vinte minutos e é dividido em quatro blocos. A organização do estúdio dá-se por meio dos entrevistadores em uma bancada em formato de roda e o entrevistado³⁴ ao centro, de modo que este possa girar a cadeira e direcionar-se para quem lhe faz a pergunta. Há também uma bancada exterior em relação à bancada dos entrevistadores, nela ficam alguns convidados, entre os quais, blogueiros interessados no assunto, que se mantêm calados durante toda a exibição. As imagens com foco no entrevistado e nos entrevistadores são captadas por meio de três câmeras de ângulo frontal, conforme gira a cadeira do entrevistado, e uma câmera que capta a imagem de cima, dando atenção a toda a ‘roda viva’.

O histórico do *Roda Viva* começa a ser montado a partir de 1986³⁵, continuando no ar há mais de trinta anos. Algumas adaptações foram feitas no decorrer do tempo, entretanto, o objetivo do programa continua sendo o mesmo: promover entrevistas com personalidades de diversos meios da sociedade, dentre os quais estão políticos, economistas, artistas, ativistas, esportistas, religiosos, entre outros (inclusive a nível internacional). As entrevistas são feitas por uma equipe de profissionais, que variam conforme o tipo de entrevistado ou a temática abordada, em sua maioria jornalistas, que, de alguma maneira, representam o meio do qual o entrevistado faz parte. O programa, atualmente, é apresentado pelo jornalista Augusto Nunes, o qual media o debate e a alternância de voz entre os entrevistadores. Também há a participação fixa do cartunista Paulo Caruso, que no

³⁴ Há também algumas edições não funcionam em formato de entrevistas, mas sim com temáticas específicas para debate. Nesses casos, o formato de roda permanece, mas ao invés de um entrevistado, a temática é escrita no centro da roda para simbolizar o direcionamento das questões postas em debate.

³⁵ A edição de aniversário de vinte anos do *Roda Viva*, exibida em setembro de 2006, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yH_O0rWSEiw>, traz mais detalhes e algumas curiosidades acerca do histórico do programa.

decorrer do programa retrata os destaques da entrevista através de charges feitas em tempo real.

Imagens 1 e 2: Organização do cenário do *Roda Viva*: (1) início e (2) atual



Fonte: Canal do *Roda Viva* no YouTube.

5.2.1 Os recortes para a análise

Nossas análises se desenvolvem a partir de um *corpus* composto por três edições/vídeos do programa, o que nos leva automaticamente a três entrevistados diferentes. Nosso foco de análise se volta para os entrevistados, embora não deixemos de mencionar, quando necessário, os entrevistadores, que são os interlocutores de quem está no centro da roda. Por se tratar de um tipo de material que demanda de uma muita atenção e se traduz numa complexidade muito grande no que tange, sobretudo, ao tipo de transcrição que utilizamos, fizemos outro recorte: daremos enfoque apenas ao primeiro bloco de cada entrevista. Conforme mencionamos também na introdução, o primeiro bloco de cada entrevista tem entre vinte e um e vinte e três minutos.

A seleção das entrevistas comprehende o período que vai da abertura do processo de *impeachment* contra a Presidente Dilma Rousseff até o desfecho final, que culmina no seu afastamento em definitivo. Nesta seleção foram consideradas personagens de representatividade tanto no âmbito do processo quanto em cenário nacional, no que tange à crise política e institucional brasileira; personagens que estivessem envolvidos em desfechos políticos e de ordem judiciária, tendo em vista os constantes atrelamentos de uma esfera à outra, inclusive confundindo-se. As entrevistas selecionadas foram concedidas por dois ministros do Supremo Tribunal

Federal (STF), (1) Marco Aurélio Mello e (2) Gilmar Mendes, e pelo ex-ministro e então atual advogado de defesa da Presidente Dilma Rousseff, (3) José Eduardo Cardozo (PT-SP).

Entre todas as reviravoltas políticas e etapas associadas às comissões de investigação, as datas mais importantes no destaque do processo de impedimento da Presidente Dilma Rousseff e na contextualização do desenvolvimento das temáticas apresentadas em cada uma das entrevistas são as seguintes:

Quadro 6: As três principais etapas do *impeachment* de Dilma Rousseff

Data	Evento
02/12/2015	Aceitação da abertura da investigação para o processo de <i>impeachment</i> , pelo então Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha.
17/04/2016	Aprovação, após votação do plenário da Câmara dos Deputados, do afastamento temporário da Presidente Dilma Rousseff pelo período de até 180 dias.
31/08/2016	Aprovação, após votação do plenário do Senado, do afastamento definitivo e cassação do mandado da Presidente Dilma Rousseff.

Fonte: montado pelo autor.

A seguir, apresentamos um quadro que faz um resumo do contexto das entrevistas e das posições sobre o *impeachment* que, a nosso ver, são evidentes no desenrolar das falas de cada um dos entrevistados. No quadro, também destacamos o que consideramos como temas-chave incitados, a partir dos entrevistadores, ao desenvolvimento por parte dos entrevistados.

Quadro 7: Levantamento de informações sobre os vídeos/entrevistas analisadas

Nº	Entrevistado	Data	Contextualização da entrevista/Temas-chave
1	Min. Marco Aurélio Mello	04/04/2016	A entrevista ocorre treze dias antes da votação da primeira fase do <i>impeachment</i> , aprovada pela Câmara. Embora a primeira fase do <i>impeachment</i> ainda não tenha passado, algumas referências são feitas ao processo, dando-se destaque ao posicionamento do entrevistado sobre o possível entendimento de golpe, em caso de falta de provas. Todo o primeiro bloco é marcado por questões envolvendo o governo Dilma, a possível leniência do STF sobre o julgamento de políticos processados por corrupção e a comparação entre o <i>impeachment</i> de Collor e o possível <i>impeachment</i> de Dilma. Temas-chave: eleições gerais diretas; gravações divulgadas pelo juiz Sergio Moro; leniência do STF; foro privilegiado; Mensalão; golpe X <i>impeachment</i> .
2	Min. Gilmar Mendes	18/04/2016	A entrevista acontece um dia após a votação e aprovação da primeira fase do <i>impeachment</i> , na Câmara. O entrevistado fala sobre o processo de <i>impeachment</i> , como ocorreu a votação (considerada por alguns um desastre) e responde às comparações feitas com o processo de Collor. Há também provocações acerca do não afastamento de Cunha, mesmo com provas eminentes acerca da sua conduta irregular, e comparações desse caso com o impedimento de Lula assumir o ministério da Casa Civil, através de

			liminar expedida pelo ministro. Outras questões são referentes à acusação de que o ministro seria partidário do PSDB, em detrimento do PT, e a sua defesa de que o <i>impeachment</i> não seria golpe. Temas-chave: golpe X <i>impeachment</i> ; partidarismo no STF; liminar contra Lula no ministério; foro privilegiado; Mensalão.
3	Adv. José Eduardo Cardozo	22/08/2016	A entrevista ocorre nove dias antes do afastamento definitivo da Presidente Dilma. O entrevistado foi membro do governo e é atual advogado de defesa da Presidente. Ao ser questionado sobre a tese de golpe no processo contra Dilma e não no processo contra Collor, o entrevistado defende que os processos se distinguem porque diferente de antes, no caso de Dilma não haveria crime de responsabilidade constatado. Ao defender que se trataria de um processo viciado na sua origem, o entrevistado relembra as manobras da oposição desde o resultado das eleições para desestabilizar o governo, posteriormente com auxílio do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, e outros segmentos do PMDB que até pouco tempo eram parte do governo. Sobre a possível intervenção do judiciário no processo que ele considera viciado, o entrevistado afirma que irá até onde for necessário e caberá ao STF reagir ou não as provocações da defesa. Temas-chave: defesa contra o <i>impeachment</i> ; golpe X <i>impeachment</i> ; processo viciado desde a origem; falta de provas; vingança de Cunha.

Fonte: montado pelo autor.

As posições favoráveis e contrárias de cada um dos entrevistados acerca do *impeachment* se definem através de seus argumentos no decorrer da entrevista. No caso de (1) diríamos que temos uma posição intermediária, em que o entrevistado mostra-se pouco favorável ao impedimento. Em (2) parece estar bem marcada a posição, sendo ela favorável ao *impeachment*. No último caso (3), também está muito marcada como contrária à aprovação do *impeachment*, já que o entrevistado também, além de ser do mesmo partido e da base do governo, é também advogado de defesa da Presidente.

5.2.2 O gênero entrevista

O gênero que estamos trabalhando requer que façamos algumas observações relevantes para pensarmos a respeito dos atos de linguagem em análise.

As entrevistas, de um modo geral, obedecem a um par adjacente de pergunta e resposta e, essa troca de informações, na maioria das vezes, ocorre por meio de interações face a face. Mesmo aquelas que são publicadas em formato impresso/escrito, passam por um jogo de perguntas e respostas, em que o

entrevistador apresenta suas dúvidas e o entrevistado trata de saná-las. A entrevista é um gênero tipicamente jornalístico e, através dela, o repórter pode coletar informações necessárias para posteriormente desenvolver uma reportagem, uma notícia ou outro gênero.

A entrevista jornalística é um gênero carregado de elementos argumentativos, argumentos esses surgidos não apenas de quem é entrevistado, como também do entrevistador. Em muitos casos, antes de formular a questão, este busca argumentos para fundamentá-la, de modo que aquele que pretende respondê-la necessite de argumentos mais convincentes ainda para desfazer as possíveis conclusões formadas a partir das assertivas elaboradas pelo entrevistador com base em fatos já ocorridos.

No caso das entrevistas desenvolvidas no âmbito do *Roda Viva*, algumas questões são de fundamental importância para nosso trabalho e, por isso, devem ser registradas. Um dos grandes destaques a serem feitos é que se trata de um programa exibido ao vivo, ou seja, sem edição/corte de algum elemento surgido no desenvolver do programa. Os entrevistadores podem ter suas perguntas montadas de forma prévia e, visualmente, percebemos que eles usam um roteiro para se basear nos assuntos que deverão pautar; no entanto, o entrevistado precisa responder a tais questões sem consultar nada além de sua memória. A proposta da própria ‘roda viva’, cujo formato circular, em que o entrevistado se torna o “alvo” dos questionamentos feitos pelos entrevistadores, precisando girar a todo o momento para atendê-los, não permite ensaios anteriores ou o auxílio de *script* ou *teleprompter*, comum em programas de TV.

Tais informações levam-nos a crer que esse tipo de material, ao darmos atenção principalmente ao entrevistado, seria, em termos de maior ou menor espontaneidade no uso da fala e das práticas gestuais, um dos mais adequados à análise, considerando as práticas de linguagem em contextos reais de uso, conforme defendem nossas bases teóricas.

Não devemos imaginar que o fato de o entrevistado ser colocado no centro de uma roda sem *script* ou qualquer outro recurso que o conduza no desenvolvimento das respostas, o coloque em situação equivalente as vivenciadas todos os dias por nós em contextos sem monitoramento; sem uso de câmeras ou com várias pessoas focando sua atenção no que falamos e em como falamos. Nesse caso, nós poderíamos inclusive afirmar que tal situação pode influenciar num monitoramento

ainda maior de quem fala e, consequentemente, na produção mais policiada de gestos corporais e faciais.

Entretanto, mesmo considerando algumas dessas questões, é possível também levarmos em conta outro fator, agora contrário, que pode amenizar esses possíveis “inibidores de gestos” aos quais acabamos de nos referir: o fato de que os entrevistados são figuras públicas e que são constantemente submetidos a situações envolvendo câmeras, microfones, público e perguntas das mais variadas possíveis sobre suas funções desempenhadas frente à sociedade.

5.3 O TRABALHO COM MATERIAL AUDIOVISUAL E SUA TRANSCRIÇÃO

Uma das possibilidades do trabalho com Multimodalidade é através da captação de vídeo. Pesquisadores como Jewitt, Bezemer & O’Halloran (2016), destacam como esta sendo a maneira mais adequada para a captação de semioses para esse tipo de estudo, já que o vídeo é capaz de coletar informações de forma mais precisa e adequada para investigação. A esse respeito, Mavers & Kress (2015) também apontam para essa questão:

Para estudar como é que as pessoas constroem significados, a gravação de vídeo, que é cada vez mais comum na pesquisa social, é um meio de se captar e observar de perto o detalhe do que se passa: inter-relações complexas no intercâmbio comunicacional pessoal direto, processos de produção de texto na página ou na tela e as relações entre eles (MAVERS; KRESS, 2015, p. 228).

O recurso da gravação em vídeo também têm outras implicações para a pesquisa multimodal. Entre elas está o fato de que, à medida que escolhemos o que será gravado já estamos fazendo uma seleção do que será analisado. Neste momento, já estamos determinando os contextos, os participantes, os ângulos, a duração e o período de tempo que analisaremos (MAVERS; KRESS, 2015). Ao escolhermos trabalhar com vídeos produzidos durante as entrevistas do *Roda Viva*, nós, automaticamente, aceitamos o tipo de seleção previamente realizada a partir da captura alcançada pelas lentes do programa.

Com o intuito de preservarmos as características que pretendemos abordar ao analisar no *corpus*, nosso trabalho usa como referência o tipo de transcrição adaptado por Ranieri (2015a), a partir das propostas do projeto Norma Urbana Culta

(NURC) e de McNeill (1992). Este é o mesmo tipo de transcrição que adotamos em Silva (2015), e, por entendermos que ele contempla as características que pretendemos investigar a partir das interações face a face nos vídeos, optamos por manter esse modelo metodológico.

A seguir, temos o quadro com as normas de transcrição. Os exemplos para textos verbais, conforme Ranieri (2015a), foram retirados dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF e 331 D2. Já para a descrição das semioses não verbais, os exemplos foram retirados do *corpus* de pesquisa da própria autora.

Quadro 8: Normas de transcrição (RANIERI, 2015a)

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Descrição dos aspectos proxênicos, do movimento de cabeça, da postura do professor	Uso de negrito nos enunciados descritivos	olhando para a turma
Descrição do gesto	Enunciado em <i>itálico</i>	<i>levanta e abraça o antebraço direito rapidamente com a mão aberta</i>
Enunciado em que acontece o gesto	_____	alguns problemas <u>que:: </u>
Momento de ocorrência do gesto		<u>que:: </u> leva o antebraço esquerdo com a palma da mão para frente mexendo rapidamente para os lados, em seguida volta a segurar as fichas com as duas mãos
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do níveis de renda () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarmos éh:::: dinheiro
Silabação	-	por motivo de tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRElra entre nós...”
1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.) 2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso.		

- 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
- 6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
- 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::::... (alongamento e pausa)
- 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

Fonte: Ranieri (2015).

O trabalho de transcrição de material audiovisual, em que precisamos destacar aspectos de caráter multimodal, requer uma série de cuidados e muita atenção; estão envolvidos também fatores como tempo e muita paciência. Acerca disso, pesquisadores da Multimodalidade, como Mavers & Kress (2015, p. 229) destacam que “[t]ranscrever vídeo leva muitíssimo tempo, pois implica ver trechos várias vezes em tempo real, em velocidade e quadro por quadro, com e sem som, e isto deve ser levado em consideração no projeto da pesquisa”.

Pensando nessa necessidade, contamos com o auxílio do ELAN³⁶ que é uma ferramenta profissional para a criação de anotações complexas em recursos de vídeo e áudio desenvolvida no *Max Plack Institute for Psycholinguistics*. O ELAN possui vários recursos que facilitam o manejo do vídeo, tais como, ver cenas em formato mais rápido ou mais lento, ajustar o nível de volume, ampliar ou reduzir a tela, transcrever o texto no próprio programa, sem a necessidade de utilizar um editor de texto em tela paralela, entre outros. O uso dessa ferramenta nos auxiliou, sobretudo, no controle da velocidade do vídeo, assim como pausa e retomada de trechos correspondentes a frações de segundos, possibilitando assim que o desenvolvimento da transcrição seja menos exaustivo.

Na transcrição de vídeo para uma análise que pretenda observar elementos multimodais não é suficiente que se transcreva que é oralizado para a forma de texto escrito, se faz necessária, principalmente, uma descrição minuciosa de todos os elementos gestuais e faciais que ocorram em tempo equivalente ao que é verbalizado. Além disso, as pausas, as entonações, as ênfases e hesitações, também são de fundamental importância na transcrição multimodal.

Nem sempre somos capazes de registrar todos os elementos presentes num diálogo de duas ou mais pessoas com interação face a face, da forma mais precisa

³⁶O programa está disponível para download gratuito em: <<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/download/>>, e pode ser utilizado nos sistemas operacionais *Windows*, *Mac OS* e *Linux*, em pelo menos três versões, que vão da mais complexa a mais simples. Também há no site orientações de como proceder com o uso da ferramenta.

possível por meio de uma transcrição, por isso a consideração de Mavers & Kress (2015) de que

A transcrição multimodal também é uma seleção. Certas seleções de metragem são extraídas para um exame minucioso. Nem tudo é representado. Em virtude da complexidade da interação, que faz a transcrição, pode optar por incluir certos modos e excluir outros. (MAVERS; KRESS, 2015, p. 228).

Assim sendo, fica a cargo do pesquisador, privilegiar os modos que pretende destacar na sua pesquisa, dando menos ênfase a outros que não tenham grande representatividade nos seus objetivos. Esse é um fato presente em qualquer pesquisa, de qualquer área, já que é impossível em uma investigação abordarmos tudo aquilo que envolve, por exemplo, as gestualidades humanas, explorando todas as possibilidades e limites.

A transcrição e organização do *corpus* levam em conta alguns fatores que precisam ser explicados. Na organização das tabelas, constam em duas linhas iniciais o título do vídeo, o nome do entrevistado e o tempo de duração. Em cinco colunas subsequentes, da esquerda para a direita, (1) a primeira coluna marca o número de linhas da transcrição, que serve para fins de localização das informações de forma mais prática no momento da análise e retomada do que foi analisado; (2) a segunda coluna registra o tempo de ocorrência, no vídeo, do fragmento analisado; (3) na terceira coluna aparece o nome do sujeito que está falando; (4) na quarta coluna, temos a transcrição do texto, obedecendo as normas estabelecidas; e (5) na quinta coluna, trazemos a descrição das ações não verbais ocorridas no momento destacado para a análise.

Quadro 9: Exemplo de disposição da transcrição

VÍDEO 1: PROGRAMA RODA VIVA – 04/ABR/2016				
Entrevistado: Marco Aurélio Mello		Tempo do 1º bloco: 21' 55"	Tempo total do programa: 1º 22' 34"	
Linha	Tempo	Sujeito	Transcrição de fala	Descrição das ações não verbais
42			cometida a divulgação pelo cidadão comum... é um	
43			CRIME... e há pena prevista para esse crime na própria lei	
44	03:56	Marco Aurélio Mello	de regência... <u>agora</u> : ... por um...	Direciona a mão direita semiaberta com a palma para cima, na altura do peito, para próximo de si. Ao mesmo tempo eleva um pouco a coluna e o pescoço e põe a cabeça/face mais à direita ((relação direta com a fala a seguir)).
45				
46				
47				

Fonte: montado pelo autor.

Neste exemplo é possível visualizarmos o que acabamos de explicar, acerca da organização dos itens constantes na transcrição do *corpus*, que segue de forma integral no apêndice desta dissertação.

5.3.1 Sobre as unidades de análise

Nossa abordagem metodológica leva em conta a noção de Envelope Multimodal (cf. Capítulo 3), defendida por Ávila-Nóbrega (2010) e Ávila-Nóbrega & Cavalcante (2012), que considera a atuação conjunta de mais de um modo para a criação de significado. Entretanto, no que se refere ao tipo de transcrição usada pelos autores, nós optamos por continuar com a versão trabalhada em Silva (2015), por entendermos que ela dá conta do que estamos analisando e destaca, de qualquer forma, os três planos de composição destacados pelos pesquisadores que tratam do Envelope Multimodal, são eles: (i) olhar, (ii) gestos e (iii) produção vocal.

Para este trabalho, pedimos licença para fazer uma alteração nos planos de composição da noção de Envelope Multimodal apresentada, de modo que, ao fazermos essa adaptação acreditamos que tais planos ficam mais adequados ao contexto que estamos analisando. Diferente de Ávila-Nóbrega (2010) e Ávila-Nóbrega & Cavalcante (2012), nós não estamos trabalhando com um estudo de aquisição de linguagem envolvendo a interação mãe-bebê. Portanto, faremos uma pequena alteração, ficando o primeiro plano mais amplo, ao trocarmos “olhar” por “expressões faciais”, uma vez que este plano abrange outras coisas como, sobrancelhas, testa e boca, que geralmente se movimentam concomitantemente aos olhos. As expressões faciais, em nossa pesquisa, são mais representativas do que somente o olhar. Assim, adaptamos os planos de composição para: (i) expressões faciais, (ii) gestos e (iii) produção vocal.

As características destacadas nas transcrições e apresentadas em fragmentos na condução das análises são reforçadas por *prints* dos vídeos feitos nos momentos adequados, de forma que demonstrem o desenvolvimento dos gestos estudados. Em outras palavras, além da transcrição dos elementos verbais e da descrição dos gestos, as imagens capturadas servem como reforço para demonstração dos gestos corporais e faciais. Com isso, temos também mais um aspecto metodológico que evidencia as características multimodais da língua.

No que se refere às unidades de análise de um texto multimodal “dinâmico”³⁷, nos termos dos autores, convém destacarmos, conforme Flewitt *et al* (2009), que o turno de voz nem sempre é a medida mais adequada a ser considerada no

³⁷ Neste caso os autores se referem a material que demonstre textos em movimento, como gravações em vídeo, por exemplo, veiculados através de programas de TV ou na internet.

processo de análise. Os autores esclarecem que, à medida que vários modos são incluídos no processo de criação de significado, a noção de turno de voz pode tornar-se problemática, pois esses modos que juntos formulam tais significados nem sempre estão assegurados apenas em um turno de voz, mas sim no processo de interação.

Outra questão, que corrobora com um exemplo da entrevista de emprego apresentado no capítulo dois, a partir de Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016), é a respeito dos possíveis significados atribuídos ao silêncio na troca de turnos de fala. Ainda de acordo com Flewitt *et al* (2009), outros modos não verbais cheios de significados podem ocorrer simultaneamente ao silêncio e antes das retomadas de turno de fala. Por todas essas questões, durante nossas análises daremos atenção a esses fatos para que, em casos semelhantes, possamos considerar fragmentos de texto maiores, que não se restrinjam a um turno de fala ou a uma categoria gramatical, apenas. Nos casos de serem feitas tais escolhas, elas serão apresentadas e justificadas.

Levando em conta as considerações dos autores supracitados e também a partir do estudo do *corpus* antes e após a transcrição, além das várias retomadas até termos a análise montada, optamos por trabalhar levando em consideração a ordem sequencial das ocorrências. A opção pela análise ser feita com os excertos na ordem sequencial de tempo foi a melhor maneira encontrada de manter a retomada ao contexto³⁸ de cada ocorrência modalizadora. Em vários casos é de fundamental importância a retomada ao excerto anterior para que tenhamos uma compreensão mais sólida do porquê determinada expressão, por exemplo, deve ser considerada como uma *expressão modalizadora*.

Na disposição dos excertos analisados, preferimos apresentar cada um dos vídeos de forma individual. Portanto, no que se refere ao número da ocorrência, registrado acima de cada um dos fragmentos de transcrição dispostos em cada análise, reiniciamos a partir de um (1) em cada entrevista trabalhada.

Retomando as categorias de análise apresentadas ao longo das bases teóricas teste trabalho, consideramos que, no aspecto da modalização verbal,

³⁸ Assim como afirmamos em outros momentos do trabalho e também com respaldo em Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016) e Flewitt *et al* (2009), a consideração do contexto da ocorrência é essencial, pois ela pode impactar na nossa interpretação, seja como leitor comum, seja como investigador. Outro fato relevante é que estamos diante de um texto oral não planejado e, por isso temos muitas pausas, interrupções e retomadas de voz e de tópicos que são desenvolvidos na interação face a face entre entrevistados e entrevistadores.

nossas unidades de análise se centram nos *verbos modais*, *adjuntos modais* e *expressões modalizadoras*, além de fazemos referência à polaridade mais positiva ou mais negativa (FUZER; CABRAL, 2014) em cada uma das situações modalizadas. No que se refere aos elementos não verbais, tratados no âmbito da Multimodalidade, as categorias de análise foram os gestos classificados nos estudos de MCNeill (1992 *apud* PEREIRA, 2010), *gesto icônico*, *gesto metafórico* e *gesto dêitico*, há também o *gesto ritmado*, que não encontramos registros no *corpus*.

Feitas todas essas considerações no decorrer do capítulo, viremos a página para darmos início a aplicação, nas análises, do referencial teórico e metodológico apresentado até o momento.

6 A RELAÇÃO VERBO-GESTUAL NA MODALIZAÇÃO

Neste capítulo, desenvolvemos a proposta de análise com base no referencial teórico apresentado ao longo do trabalho, e a partir do *corpus* que nos propusemos estudar. Como mencionamos várias vezes ao longo deste texto, nossa análise se desenvolve a partir de três edições do programa *Roda Viva*, em que trabalhamos com o primeiro bloco de cada uma dessas edições³⁹. Nossas considerações iniciais, sobre a presença de uma relação verbo-gestual nas práticas de modalização dos discursos dos entrevistados, apontam para uma maior ocorrência do que estamos chamando de expressões *modalizadoras*⁴⁰. Nestes casos, estamos considerando que não se trata apenas de um vocábulo, representado por um *processo*, considerando os termos adotados pela LSF, ou um *adjunto*, mas sim que a significação implica considerarmos expressões mais amplas envolvendo outras categorias gramaticais.

6.1 VÍDEO 1: ENTREVISTA COM MARCO AURÉLIO MELLO

O primeiro destaque analisado na seleção que compõe o *corpus* desta pesquisa é o recorte da entrevista concedida pelo ministro do STF Marco Aurélio Mello ao *Roda Viva*. A entrevista, realizada ao vivo, foi ao ar no dia quatro de abril de dois mil e dezesseis e tratou tanto sobre o desempenho da corte da qual ele faz parte frente aos problemas de ordem jurídica no Brasil, quanto dos embates políticos que foram judicializados, entre eles o processo em curso (na época) que desencadeou no impedimento da então Presidente Dilma Rousseff.

³⁹ É importante destacarmos a necessidade de haver sempre uma consulta mais ampla ao apêndice deste trabalho, onde estão as transcrições do *corpus*, não se restringindo apenas aos excertos de transcrição expostos no decorrer da análise. Isso se deve ao fato de que o acréscimo de informações pode impactar na leitura do contexto que define a significação dos gestos e a classificação verbal como expressão modalizadora.

⁴⁰ Embora reconheçamos que tal termo já é usado na literatura da LSF, como em Fuzer & Cabral (2014), a nossa intenção é mostrar que a modalização, que se desenvolve também como uma manifestação que envolve a preservação de face, a relativização do discurso para a aceitabilidade de argumentos, ocorre em construções linguísticas maiores que se desenvolvem em vários períodos, mesmo durante a alternância de turno de fala e a sua retomada.

A mediação da entrevista foi feita pelo apresentador do programa, o jornalista Augusto Nunes, que contou com a colaboração da seguinte bancada de entrevistadores: José Nêumanne, do jornal O Estado de São Paulo, André Guilherme Vieira, do jornal Valor Econômico, Gisele Vitória, da revista Isto É, Maria Cristina Frias, do jornal Folha de São Paulo e Murilo Ramos, da revista Época.

Entre os temas levantados no primeiro bloco estão a divulgação dos gramos telefônicos feitos em chamadas entre Lula e Dilma, a atuação do STF nos casos envolvendo grandes esquemas de corrupção e a acusação de leniência do tribunal, vinda do entrevistador José Neumanne, ele que também fez várias interrupções durante a fala do entrevistado. Estes e outros temas, como a discussão sobre foro privilegiado e, logicamente, o processo de *impeachment* contra a Presidente Dilma Rousseff, considerado por ela e seus apoiadores como um golpe, são os principais assuntos do primeiro bloco da entrevista.

Foram poucas as ocorrências de modalização registradas no trecho de vídeo correspondente à entrevista de Marco Aurélio Mello. Algumas delas foram desconsideradas em razão de nossa análise buscar um contexto multimodal em que fosse possível observar a modalização verbal e realização ou não de gestos. Assim, nos casos em que a câmera não capturou a imagem do entrevistado de frente, não houve análise porque não haveria como falar sobre os gestos parcialmente mostrados.

A opção por mantermos esta entrevista em nossas análises, mesmo sob a consideração de que o número de ocorrências é muito menor em comparação às duas outras, se deve, principalmente, ao fato de constatarmos que há uma posição mais isenta do entrevistado em relação aos tópicos levantados pelos entrevistadores. Ao fazermos uma comparação entre esses tópicos ou temas-chave, verificamos também que eles são praticamente os mesmos tratados nas demais entrevistas⁴¹, sendo o processo de *impeachment* o principal deles. A posição mais isenta do entrevistado nos faz considerar que este é um dos motivos para que haja menos modalização no seu discurso ao responder as questões da entrevista.

Diferente dos dois casos que analisamos adiante, não há nesta entrevista muitas tentativas do entrevistado eximir-se da responsabilidade do conteúdo da sua fala e das formulações de juízo de valor nas suas afirmações, já que elas não

⁴¹ Conferir as informações dispostas no **Quadro 7**, no capítulo de metodologia.

necessariamente são enquadradas como parte de uma defesa ou acusação. Isso nos mostra que as situações mais modalizadas são aquelas onde há uma defesa de um ponto de vista mais explícito, como nas falas dos outros dois entrevistados.

A posição de Mello sobre os temas políticos tratados e, em especial, sobre o *impeachment* pode requerer menos modalização por não haver em seu discurso marcas claras que explicitem sua posição favorável à condenação ou a absolvição da Presidente pelo suposto crime de responsabilidade que ela teria praticado. Vamos às análises.

- **V1 - Exerto 1:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (1)

42			cometida a divulgação pelo cidadão comum... é um	
43			CRLme... e há pena prevista para esse crime na própria lei	
44			de regência... <u>agora</u> : ... por um...	
45				Direciona a mão direita semiaberta com a palma para cima,
46				na altura do peito, para próximo de si. Ao mesmo tempo
47				eleva um pouco a coluna e o pescoço e põe a cabeça/face
48	03:56	Marco Aurélio Mello		mais à direita ((relação direta com a fala a seguir)).
49		Augusto Nunes	a divulgação...	
50			sim sim... por um magistrado... por um juiz da causa...	
51	04:02	Marco Aurélio Mello	evidentemente se tem á um erro de procedimento... e que deságua em uma sanção no campo administrativo...	



Neste exerto temos o que consideramos ser uma modalização contextual, que se apresenta após o entrevistado ser convidado a falar sobre as gravações feitas através de grampo telefônico entre Lula e Dilma, divulgadas ilegalmente⁴² pelo juiz Sergio Moro, responsável pela operação Lava Jato.



O entrevistado modaliza o discurso à medida que cria uma ressalva ao comparar a divulgação ilegal de gravações telefônicas por um cidadão comum com o mesmo ato praticado por um juiz. Ele afirma que se a divulgação tivesse sido feita por um cidadão comum o caso seria considerado um crime com penalidade prevista

⁴²A ilegalidade se deu primeiro porque um juiz de primeira instância não poderia investigar ou gravar um presidente da república no exercício do mandato (esta seria uma atribuição restrita ao STF), e segundo porque as gravações divulgadas foram feitas em momento que já não havia mais autorização do juiz Moro, portanto, tornando-as ilegais, contrárias à lei, mesmo havendo uma grande polêmica em torno do seu conteúdo.

na lei, já em relação à mesma atitude praticada por um juiz, há uma ressalva no seu discurso que minimiza a ilegalidade e isenta o magistrado da penalidade prevista ao cidadão comum.

O destaque na L-44: “agora: | ...”, que aparece como uma conjunção que introduz uma ressalva ao que foi dito, é o ponto que serve como chave para a modalização do discurso, uma vez que é a partir dele e do que é dito sequencialmente que entendemos haver uma relativização do discurso de crime, quando a expressão *crime*, associada a um cidadão comum, é minimizada por meio de uma recategorização para *um erro de procedimento*, quando a mesma prática é associada a um juiz, quem executa da lei. A minimização persiste ao observarmos que as sanções são distintas: para o cidadão comum a penalidade da justiça, para o juiz uma sanção no campo administrativo, o que nem de longe poderia ser comparada se observarmos, na prática, a execução das leis no Brasil.

Quanto ao gesto desenvolvido com a mão, e a cabeça mais à direita (cf. L-44 e 49), diríamos que se trata de um movimento semelhante aos gestos de quando vamos fazer uma ressalva sobre algo dito, sobretudo em relação ao maneio de cabeça, realizado após a interrupção feita pelo entrevistador. Esse maneio de cabeça, direcionando-a mais à direita ocorre de modo sutil, mas deve ser considerado como representativo, já que ocorre durante a explicitação da ressalva que tinha como foco a ação do magistrado. Nesses termos, teríamos então um gesto considerado *metafórico*, pois a recuperação da ideia de ressalva é abstrata.

- **V1 - Exerto 2: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (2)**

173			houve uma decisão... houve uma decisão do Congresso Nacional quanto ao impedimento do ex-presidente Fernando Affonso Collor de Mello... e <u>eu tenho que pressupor</u> que essa decisão foi uma decisão correta... segundo o figurino... constitucional e o figurino legal...	<i>Com a coluna ereta, a face mais à esquerda, olhos mais abertos e sobrancelhas levantadas, direciona as mãos semiabertas para o peito com os polegares para cima.</i> ((A imagem é capturada com o entrevistado de costas)).
174			agora eu sou mu:ito mal compreendido... <u>parece</u> que eu não falo bem o português... né/o vernáculo... porque::::...	



Neste caso, a modalização ocorre nos dois momentos registrados no excerto, entretanto na L-179 nós não temos o registro de imagens dos gestos, já que o foco da câmera é voltado para outro ângulo, conforme nota na descrição de gestos. Observando o caso da L-175: “eu tenho que pressupor |”, podemos registrar o caso como uma modalização à medida que o entrevistado faz uma afirmação com um verbo que indica uma possibilidade. Ao pressupor algo, acredita-se que determinada coisa ocorra, entretanto não é algo assegurado; uma pressuposição indica uma possibilidade, uma (pré-)suposição, é provável que ocorra tal fato. Neste caso, teríamos uma *expressão modalizadora* que está mais próxima do polo positivo, onde há uma aproximação maior do *sim* do que do *não*.



Escaneie

A realização dos gestos demonstra as mãos direcionadas para si, que certamente estão associadas ao *eu* que ele se refere verbalmente, este seria então um *gesto dêitico*; entretanto na realização simultânea ao *pressupor*, que acreditamos ser o verbo que está fazendo a modalização, temos apenas referência gestual desenvolvida pela face e a cabeça. São expressões faciais muito sutis, mas ainda assim acreditamos que a expressão facial acompanhada do movimento breve com a cabeça para esquerda indica algo semelhante a um gesto que representa um convencimento ou um “eu preciso crer que”, mesmo ele modalizando sua fala, já que a decisão tomada naquela situação não teve seu envolvimento.

O excerto seguinte demonstra um caso bastante interessante em que registramos a ocorrência de disparidade entre a relação o verbal e gestual na modalização. Vejamos.

- **V1 - Exerto 3:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (3)

183 184 185 186 187 188 189 190	10:45	Marco Aurélio Mello	exatamente... exatamente... eu fui questionado por jornalistas... eu estou SEMpre pronto a falar aos jornalistas... quanto a uma frase da presidente Dilma... que ela estaria a asseverar [...] como assevera até os dias atuais... que o impedimento... o processo de impedimento... que não deixa de ser um processo-crime... ele:... é um golpe...	Põe a mão direita na altura do peito e dá dois toques no ar com o pulso fechado e o polegar firme sobre os demais dedos.
--	-------	---------------------	--	--



Neste excerto, temos um registro de modalização em que o gesto que acompanha o modalizador verbal acaba definindo a fala como certeza e não como possibilidade. Em L-186: “estaria a asseverar |”, temos o elemento modalizador representado pelo verbo *estar*, na 3ª pessoa do futuro do pretérito, e o verbo seguinte que está no infinitivo. A modalização ocorre quando o entrevistado reproduz o que seria a fala da presidente, que teria lhe chegado através de um terceiro, o jornalista, por isso a necessidade de modalizar. Ela ocorre apenas verbalmente, pois os elementos gestuais demonstram a firmeza e a forma enfática do *asseverar*, associado à fala da Presidente. Em suma, o entrevistado inicia sua afirmação com uma modalização de um fato que ele sabe que é verdade, diferente de muitos caos em que a marca de modalização aparece porque há necessidade falar sobre algo incerto.



Escaneie

Era de conhecimento pleno do entrevistado que a agora ex-presidente sempre usou um discurso firme ao afirmar de que o processo de *impeachment* sem crime de responsabilidade se tratava de um golpe contra o seu governo e contra o país, assim como fazia/faz questão de reverberar tal ideia. As palavras subsequentes ao destaque (L-186/189) demonstram a certeza do entrevistado, o que retira a possibilidade passada estabelecida sua modalização. O gesto com a mão firme e empunhada demonstra a certeza da fala da ex-presidente, representada pelo verbo *asseverar* que foi escolhido pelo entrevistado para representar a fala de Dilma sobre o assunto que ela denomina(va) como golpe.

Embora tenhamos registrado apenas três excertos com casos que consideramos serem exemplos de modalização, ao consultarmos a transcrição integral, encontraremos outras marcas que podem ser admitidas como exemplos de modalização (cf. L-103, 179, 204-206). Alguns dos casos, como já explicitamos, não foram analisados porque não foi possível captar as ações gestuais por meio do vídeo, outros não foram registrados porque os consideramos menos representativos para nosso trabalho.

Reenfatizando a relevância em mantermos a entrevista de Mello nas nossas análises, consideramos que a posição menos política do entrevistado o coloque em um patamar mais isento e deva ser vista como um contraponto em relação às posições marcadamente favorável e contrária ao *impeachment*, nas entrevistas que analisaremos adiante. Passemos então ao tópico seguinte que trata da análise do segundo vídeo/entrevista que compõe o *corpus*.

6.2 VÍDEO 2: ENTREVISTA COM GILMAR MENDES

A entrevista concedida pelo também ministro do STF, Gilmar Mendes, foi ao ar ao vivo, no *Roda Viva*, no dia dezoito de abril de dois mil e dezesseis. Dentre as questões levantadas durante a entrevista, em específico no primeiro bloco, falou-se principalmente sobre o processo de *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, em curso na Câmara, e as decisões do STF a respeito das denúncias e processos envolvendo Eduardo Cunha, então presidente da Câmara dos Deputados e principal expoente do afastamento de Dilma. Além disso, também foi tema discutido na entrevista a suspensão da nomeação de Lula para ministro da Casa Civil de Dilma, após a divulgação de gramos telefônicos autorizados pelo juiz Sergio Moro, o mesmo destaque feito na entrevista anterior com o também ministro Marco Aurélio Mello.

O jornalista Augusto Nunes, apresentador do programa e mediador da entrevista, contou com o apoio de uma bancada de entrevistadores composta pelos também jornalistas Sonia Racy, do jornal O Estado de São Paulo e da rádio Estadão, Pedro Dias Leite, da revista Veja, Bella Megale, do jornal Folha de São Paulo, Ricardo Setti, jornalista e escritor e André Guilherme Vieira, do jornal Valor Econômico.

Ao fazermos uma leitura prévia da entrevista, dando destaque às falas do entrevistado, notamos que temos o uso bastante recorrente do modalizador *talvez* durante as respostas de Mendes. Por isso, embora em alguns casos o contexto nos mostre que ele possui um sentido diferente, sobretudo ao associarmos aos gestos e/ou às hesitações que os acompanham, por vezes faremos ligações ou *links* de um excerto para o outro, no sentido de facilitar a compreensão e desvendar os fios do discurso que interligam as falas do entrevistado, e que são comuns nas nossas interações através da linguagem.

No primeiro excerto, temos um contexto de fala gerado quando o ministro foi questionado por qual motivo a justiça havia se manifestado tão rapidamente no impedimento de Lula e não havia feito nada em relação a visível necessidade do afastamento de Eduardo Cunha; mesmo tendo em vista suas constantes e claras manobras no sentido de atrapalhar qualquer investigação sobre a sua conduta dentro da Câmara e, possivelmente, fora dela.

• V2 - Exerto 1: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (1)

82	83	84	85	86	87	88	89	90	04:45	Gilmar Mendes	éh... em relação à situação a... a situação de Eduardo Cunha... nós temos aqui <u>talvez</u> alguma peculiaridade... em algum momento... você vai se lembrar... Bella... se falou que ele operava no sentido de... éh... dificultar as investigações... houve até uma busca e apreensão... nos... aparelhos... computadores da Câmara dos Deputados...mas a procuradoria NÃO pediu naquele momento o seu afastamento... também não pediu quando ofereceu a denúncia... éh...	Com as mãos, na altura da barriga, abertas tocando as pontas dos dedos uns nos outros, como uma forma geométrica triangular e separa-os rapidamente com um movimento de abertura e retoma para a mesma posição, seguindo com o entrelaçamento dos dedos. Há durante esses gestos um movimento do olhar ora direcionado para o interlocutor, ora para baixo.
----	----	----	----	----	----	----	----	----	-------	---------------	--	---



A modalização no excerto apresentado ocorre com o uso do adjunto modal *talvez*, em L-83: “nós temos aqui talvez| | alguma peculiaridade”, quando o entrevistado tenta justificar a demora do STF para tomar alguma atitude em relação ao afastamento de Cunha da presidência da Câmara dos Deputados, mediante as acusações que lhe eram imputadas e o fato de ele já ser réu em tais acusações, ou seja, com processos formalizados e admitidos pela justiça. A modalização serve para minimizar a visível lentidão do STF, classificada pelo entrevistado como peculiar. Por outro lado, essa abertura do discurso sendo modalizada serve ao que aparece mais adiante, quando suas afirmações são mais precisas em relação ao caso Cunha.

O caso Cunha seria também peculiar, segundo Mendes, pelo fato de apesar das denúncias oferecidas pelo Ministério Público Federal (MPF), o seu pedido de afastamento foi feito pelo procurador-geral da República apenas muito tempo depois da abertura dos processos. A peculiaridade do caso o distinguiria do caso Lula⁴³, que é pautado na mesma pergunta e que analisaremos nos próximos excertos.

Em se tratando dos gestos, consideramos existir movimentos pouco representativos para a fala modalizada, o entrevistado permanece ameno, sem



Escaneie

⁴³A referência se dá pelo fato de a entrevistadora Bella Megale ter feito uma comparação em relação à decisão imediata com a proibição de Lula ser empossado, mesmo ainda não havendo processo contra ele, diferente de Cunha. Para Gilmar, no caso Lula, as provas estariam bem mais explícitas, ao considerar que as gravações feitas em ligação telefônica entre Lula e Dilma, divulgadas por Moro, seriam irrefutáveis em relação ao desvio de finalidade da nomeação de Lula como ministro. Ou seja, sua nomeação teria como único ou principal objetivo, fugir do foro comum de Curitiba e, evidentemente, das decisões tomadas por Sergio Moro, isso é o que fica claro no desenrolar das falas de Gilmar.

gestos que possamos classificar como importantes para a modalização, com exceção do movimento realizado com direcionamento do olhar ora para os interlocutores e ora para baixo. Esse movimento no olhar, com o corpo parado e as mãos na posição descrita, pode estar associado ao processamento da mente na formulação do pensamento e das escolhas linguísticas a serem feitas, de modo que não haja um comprometimento nas suas afirmações, daí a modalização na sua fala.

No excerto a seguir, temos a continuidade da resposta à Bella Megale:

- **V2 - Exerto 2: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (2)**

92	5.22	Gilmar Mendes	passado um pouco o:::: ah:::: essa época... esse tempo... veio esse pedido... éh:::: num dia qualquer o procurador geral entrou com esse pedido alegando que... já havia... éh... talvez... é:::: exceDIDO... os limites etc... e que era preciso pedir...	((Os gestos vêm a partir da pronúncia do "éh::::" alongado seguido de pausa para em seguida pronunciar a próxima palavra de forma enfática)). Está com a cabeça posicionada
98				mais atrás, as sobrancelhas mais juntas e os lábios fechados mais firmes, enquanto com a mão esquerda aberta na vertical, bem mais a frente do peito, faz movimentos circulares repetidos de dentro para fora.



Mais uma vez temos uma modalização por meio do adjunto modal *talvez*, L: 94/95: "já havia... éh... talvez...ê::::| | exceDIDO... os limites etc...", porém dessa vez ele vem cercado por outros elementos verbais e não verbais que contribuem ainda mais para essa modalização. Primeiro observamos a interjeição *éh...* que precede o *talvez*, alonga a fala através do fluxo de pensamento e geralmente abre terreno para as modalizações nas práticas orais, de modo mais amplo. Sucedendo o *talvez*, temos o *ê...* que consideramos ser uma abertura para a palavra que vem em seguida, *excedido*, mas um dado interessante a ser observado é a pausa realizada antes dessa palavra e os gestos com as mãos e expressões faciais.



Escaneie

Percebemos que há uma marcada resistência em pronunciar a palavra *excedido* para classificar a lentidão do STF em relação à tomada de providências sobre o afastamento de Eduardo Cunha. Isso fica visível pelo alongamento da

palavra em destaque, através da realização dos gestos e expressões faciais descritos. Ao fazer tais movimentos com as mãos, o entrevistado mostra através dos gestos a intenção de expressar a ideia de alongamento e demora, que está no mesmo sentido que excesso de tempo perdido e de acusações graves. Por outro lado, suas expressões faciais podem denotar também um desconforto em associar esse sentido negativo à competência do tribunal do qual ele também é um membro.

Um fato importante é que os gestos e expressões faciais mostram a *potencialidade* do modo gestual (cf. JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016) que seria capaz inclusive de substituir a expressão verbal *excedido* sem nenhuma perda de sentido na frase. Seus interlocutores compreenderiam com sucesso se a frase fosse encerrada apenas com as expressões não verbais destacadas, pois em si elas expressam a ideia de excesso negativo de tempo, lentidão, procrastinação.

Consideramos que essas ações gestuais sejam de caráter *icônico* e *metafórico*, pois se por um lado o gesto com as mãos nos levam a uma visão abstrata de procrastinação, por outro a expressão facial (*íconeica*) nos leva a uma *visualização* do que é ruim, que não é positivo para o tribunal, o limite excedido para dar uma resposta à sociedade sobre as prováveis práticas ilícitas de Cunha.

• V2 - Exerto 3: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (3)

110	05:39	Gilmar Mendes	<u>talvez</u> tenha passado até o momento... <u>é possível que...</u>	((No primeiro destaque não aparece a imagem de quem está falando, o segundo parece uma interrupção no fluxo de pensamento que é retomado a partir de "depois do oferecimento da denúncia...". em relação ao segundo destaque há o gesto descrito a seguir)) Eleva a mão esquerda aberta para cima, na altura da sua cabeça, como se estivesse se referindo a algo lá fora.
111	05:41			
112				
113				
114				
115				
116				



Escaneie

Há duas marcas de modalização neste excerto, a primeira destacada pelo *talvez*, e a segunda pelo *é possível que*. O primeiro caso seria equivalente aos que analisamos nos **Exertos 1 e 2**, inclusive tematicamente, mas como o registro das câmeras não captam as imagens para falarmos sobre os gestos desenvolvidos, nos detemos a falar sobre o caso registrado em L-111: "é possível que... | |". Essa

modalização ocorre por meio do que Fuzer & Cabral (2014, p. 120) chamam de *expressão modalizadora*, e ela indica uma probabilidade.

Como há uma quebra de pensamento, conforme registrado na transcrição e no vídeo (cf. QR Code), não sabemos ao certo a que essa modalização se refere; pelo contexto, certamente se trata ainda da lentidão do STF no caso Cunha. Essa quebra de pensamento também reflete na classificação do gesto ocorrido no momento da modalização, portanto, optamos por não tentar classificá-lo.

- **V2 - Exerto 4:** Ocorrências verbo-gestuais modalizadoras (4) e (5)

119	05:44	Gilmar Mendes	éh... o afastamento aqui <u>corresponderia um pouco</u> a uma prisão preventiva	<i>Com as mãos abertas e um pouco na vertical com palmas para dentro, faz movimentos repetidos entre as pontas dos dedos em formato circular, sobrepondo uma mão na frente da outra.</i>
120				
121				
122				
123				
124	05:49	Gilmar Mendes	por... obstrução da justiça... <u>seria um pouco isso</u> e:...	<i>Direciona a mão esquerda aberta com a palma para cima para a interlocutora que lhe fez a pergunta.</i>
125				



Os casos registrados neste exerto ocorrem através de duas expressões modalizadoras, L-119: “corresponderia um pouco |” e L-124: “seria um pouco isso |”. A segunda funciona como um reforço e acrescenta uma informação ao que ele havia acabado de falar. O tempo verbal em que se apresentam os verbos *corresponder* e *ser* contribui para a modalização através da expressão *um pouco*, que serve para modalizar a comparação entre o possível afastamento a uma prisão preventiva.



Escaneie

Essa modalização ocorre porque jamais um afastamento de um cargo seria equivalente a uma prisão. As sanções de um afastamento são muito distintas das sanções de uma prisão que, entre outras coisas, prevê o cerceamento do ir e vir, do falar, do estar..., diferente do afastamento, por mais que sejam impostas certas regras ao afastado. Se o entrevistado tivesse feito uma comparação mais direta como “o afastamento corresponderia [...] a uma prisão preventiva”, ela certamente não seria aceita pelos seus interlocutores, uma vez que eles levariam em conta os tipos de cerceamento já citados; por isso, temos o uso do modalizador *um pouco*.

Embora sejam gestos considerados abstratos, que poderiam ser classificados como *metafóricos*, os gestos descritos parecem não ser representativos para a modalização. Julgamos que eles sejam apenas gestos desenvolvidos sem intenções expressamente comunicativas, diferente dos casos que buscamos investigar.

- **V2 - Exerto 5:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (6)

127	05:54	Gilmar Mendes	depois do oferecimento da denúncia... da juntada de todas as provas... <u>talvez </u> não se tenha visto...	As mãos com as palmas abertas para cima e os dedos entrelaçados, exceto os polegares que estão soltos e esticados. Vira levemente o rosto mais para a esquerda, enquanto também levemente mexe com a sobrancelha e o ombro esquerdo.
-----	-------	---------------	---	--



Novamente temos uma modalização por meio do adjunto modal *talvez*, em L-128: “talvez| | não se tenha visto...”, essa modalização ocorre em relação às acusações contra Eduardo Cunha; o entrevistado afirma que provavelmente não haveria motivos até aquele momento para o afastamento de Cunha da presidência da Câmara, mesmo após as denúncias e a juntada de provas sobre a sua conduta. Essa afirmativa se dá com base na análise que ele faz do caso comandado pelo seu colega de corte, ministro Teori Zavascki, o então relator da Lava Jato no STF.



Escaneie

Analizando as expressões não verbais, os gestos com as mãos são pouco representativos, até porque são cortados quase completamente pela câmera. Entretanto, notamos que através das expressões faciais há uma representação bastante interessante que pode ser associada ao *talvez*. O movimento com a cabeça, ombro e face, destacando olhos, e boca, como podemos conferir na descrição e no vídeo (cf. QR Code), nos remetem a uma expressão equivalente à indiferença, ou seja, o *talvez* pode ser direcionado mais para a *polaridade positiva*, que indica o *sim*, como também pode estar mais direcionado para a *polaridade negativa*, indicando um *não*. Certamente a tentativa de manter-se indiferente, eximir-se do comprometimento com a posição favorável ou contrária a demora do afastamento de Cunha o tenha levado a tal comportamento verbo-gestual.

Portanto, consideramos que a polaridade do *talvez* esteja em posição intermediária, equivalente ao provavelmente, e que temos um comportamento gestual *metafórico*, que não o deixa menos importante para a compreensão da modalização, muito pelo contrário, as expressões faciais foram e são sempre de grande importância nas nossas práticas de interlocução face a face.

- **V2 - Exerto 6:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (7)

132	05:56	Gilmar Mendes	pelo menos (fo)... imagino que essa tenha sido a avaliação do... do relator...	Eleva as duas mãos para próximo da cabeça, com os dedos bem abertos e separados.
-----	-------	---------------	---	--



Escaneie

Este exerto é uma continuidade do tópico desenvolvido até o último fragmento analisado e a modalização ocorre ligeiramente após a marcação anterior. Em L- 132: “pelo menos (fo)... imagino |”, temos uma *expressão modalizadora* que neste contexto modaliza novamente a afirmação anterior em relação a demora na decisão do ministro Teori a respeito do afastamento de Cunha. O entrevistado faz uma suposição que, assim como no exerto anterior, modaliza e livra sua face da responsabilidade sobre a afirmação, o “pelo menos [...] imagino [Gilmar] (é possível)” retoma o “talvez [Teori] não se tenha visto (motivos suficientes para o afastamento)”.

É interessante também observarmos que no exerto grifado há uma interrupção de fala, que marcamos como “...(fo)...”, conforme regras de transcrição. Nessa interrupção, ao considerarmos que o entrevistado falaria *foi* e rapidamente trocou por *imagine*, podemos entender que *imaginar* é mais próximo de algo que não é concreto, e pode não ser, do que o verbo *ir* no passado (*foi*). Isto é, ao invés de afirmar que “*pelo menos foi* aquilo que ele *viu* na atitude do relator”, ele se corrigiu através da interrupção de voz e afirmou que “*pelo menos imaginava* que aquele *teria sido* o motivo da atitude do relator”.

As expressões gestuais que aparecem na modalização estão associadas ao ato de imaginar, à medida que as mãos são elevadas para próximo da cabeça, e assim temos um *gesto metafórico*, representando a ideia abstrata de imaginação.

O excerto a seguir mostra um caso semelhante ao que acabamos de analisar. Ainda trata-se da mesma resposta do entrevistado à pergunta de Bella Megale, só que agora se referindo a decisão sobre o impedimento de Lula como ministro.

- **V2 - Exerto 7: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (8)**

138	06:11	Gilmar Mendes	ele não está sendo... éh... impedido de tomar posse... pelo menos é o que se diz na minha liminar... na decisão... que eu concedi...	Move a mão esquerda aberta na horizontal, com a palma para baixo, de dentro para fora. Aponta para si com a mão esquerda aberta.
139				
140	06:12			
141				



A modalização que destacamos aqui vem através de uma justificativa sobre a decisão do entrevistado de suspender os efeitos da posse de Lula como ministro da Casa Civil. A justificativa pauta que a sua decisão não foi simplesmente por Lula estar sendo investigado, mas sim porque haveria um desvio de finalidade; a nomeação de Lula seria para que ele fugisse do foro de Curitiba e tivesse uma espécie de escudo ou “*habeas corpus preventivo*”⁴⁴, como afirma Gilmar, estando com o documento que supostamente anteciparia⁴⁵ a sua posse.



No destaque feito em L-138 a 140: “pelo menos | é o que se diz na minha | liminar”, temos como elemento modalizador não apenas o *pelo menos*, como analisado no excerto anterior, que pode minimizar a ação enfática de uma afirmação, como também temos a presença do *se*, que é usado numa tentativa do entrevistado eximir-se daquela decisão, ou seja, embora a decisão tenha sido tomada pelo próprio Gilmar, ele usa esse pronome como partícula apassivadora

⁴⁴ Uma vez empossado, os efeitos de qualquer ação judicial de primeiro grau perderiam seus efeitos, pois Lula passaria a ter prerrogativa de foro, podendo ser investigado apenas pelo STF.

⁴⁵ Neste momento retomamos ao conteúdo das gravações telefônicas divulgadas por Moro. Em uma das conversas entre Dilma e Lula, falava-se que a presidente estaria enviando um mensageiro – o “Bessias” – com um documento que seria usado “em caso de necessidade”. Após a divulgação dos áudios e o estardalhaço, a alegação do governo foi de que este documento seria apenas para garantir a nomeação de Lula, caso ele não pudesse comparecer à cerimônia de posse, e no momento do envio ao ex-presidente ele não teria valor porque ainda não continha a assinatura de Dilma. Entretanto, a acusação alegou que aquele seria um ato ilícito com as finalidades que citamos anteriormente, e, portanto, um crime praticado por Dilma e Lula.

para tentar ficar neutro na decisão, mesmo usando o pronome possessivo *minha* (liminar) em seguida. Esses são elementos que contribuem para a modalização do contexto de afirmações e justificativas elaboradas por Gilmar para responder sobre a diferença de tratamento entre os casos de Cunha e Lula.

O primeiro gesto pode ser categorizado como *metafórico*, isto é, abstrato em relação ao *pelo menos* que se verbaliza, pois temos um movimento com a mão esquerda que parece delimitar um campo, o segundo gesto podemos considerar como *déitico*, pois ocorre quando ele refere-se a si próprio, direcionando a mão para seu peito.

Verbalmente, consideramos que a destaque sublinhado na transcrição deve ser levado em conta por completo para que aquele contexto seja modalizado. O destaque funciona como uma justificativa em relação à suspensão de Lula, considerando a crítica implícita feita pela entrevistadora e várias outras pessoas sobre a ação rápida contra Lula e muito lenta contra Cunha, mesmo com provas.

- **V2 - Exerto 8:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (9) e (10)

159	06:51	Gilmar Mendes	para que ele <u>usasse</u> <u>talvez</u> até como... <u>vamos chamar assim</u> [...] um habeas corpus de caráter... preventivo... então são duas situações...	Mão abertas com as pontas dos dedos próximas, com as palmas para cima e fazendo movimentos breves, em escala de distanciamento do corpo, de dentro para fora. Com as suas mãos na altura do peito e dedos indicadores eretos fazendo movimento rápido como um sinal de aspas.
160				
161				
162				
163				



Neste exerto temos a continuidade da fala de Mendes sobre a decisão que proibiu a posse de Lula como ministro. Ele fala sobre a possibilidade de Lula usar o suposto termo de posse enviado por Dilma como “*habeas corpus*” preventivo, conforme contextualizamos anteriormente. Em L-159: “para que ele usasse | talvez | até como... vamos chamar assim [...]”, temos a presença de dois tipos de modalização, o primeiro através do adjunto modal *talvez* e o segundo pela expressão modalizadora *vamos chamar assim*, ambas com uma polaridade intermediária entre os *polos positivo e negativo*.



Escaneie

No que se refere aos gestos desenvolvidos, temos a presença de três ocorrências consideradas *metafóricas*. Nos dois primeiros há uma sequência repetitiva do mesmo movimento com as mãos em uma escala de distanciamento do corpo com pausas, que pode indicar a progressão da fala sendo modalizada e no último temos um gesto com os dedos representando o equivalente a aspas, que também entendemos como um elemento a mais que ajuda a modalizar sua afirmação sobre o afastamento corresponder a uma prisão preventiva.

- **V2 - Exerto 9:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (11)

218		09:31	Gilmar Mendes	mas para investigar teria que ter algum indício... então <u>estar-se-ia dizendo</u> que de fato	Com as mãos e dedos bem abertos com as palmas para cima faz movimentos circulares de sobreposição de uma mão para a outra.
-----	--	-------	---------------	---	--





Escaneie

Recuperando o contexto do exerto, o entrevistado está referindo-se ao ato de Moro que foi considerado como irregular porque ele teria investigado alguém com prerrogativa de foro, à medida que gravou e divulgou gramos telefônicos envolvendo a presidente da república.

A forma verbal, neste caso, é a responsável pela modalização da ideia de que Dilma pode ter praticado crime de responsabilidade ao tentar dar posse a Lula como ministro, supostamente tentando salvá-lo do foro de Curitiba, e agindo assim com desvio de finalidade. O entrevistado emprega uma forma altamente rebuscada para modalizar sua fala sobre a provável prática de crime de Dilma, ao fazer uso do verbo *estar* no futuro do pretérito com o recurso da mesóclise por meio do pronome *se*, L-218/219: “então estar-se-ia dizendo | que de fato”.

O gesto com as mãos sendo sobrepostas indicam certa abertura para a suposição em formato de questionamento: “com o resultado das gravações, se estaria dizendo que Dilma praticou um ato ilegal?”; a gesticulação com as mãos representa a questão modalizada, assim consideramos o gesto como integrante da modalização e como sendo *metafórico*, já que se trata de uma relação abstrata.

• V2 - Exerto 10: Ocorrências verbo-gestuais modalizadoras (12), (13) e (14)

222	09.34	Gilmar Mendes	<u>ela pode potencialmente ...</u>	<i>Com as mãos na altura dos ombros e dedos dobrados para dentro, exceto indicador e polegar que estão abertos, faz movimentos de elevação das mãos levando os dedos ríjos de dentro para fora.</i>
223				
224				
225				
226				
227	09.36	Gilmar Mendes	<u>eventualmente ter praticado crime? essa é uma pergunta...</u>	<i>Eleva as mãos bem abertas, na vertical, a partir de um movimento de dentro para fora.</i>
228				
229				



Temos aqui a continuidade da suposição do entrevistado, iniciada no exerto anterior, acerca do envolvimento de Dilma no suposto desvio de finalidade ao nomear Lula como ministro da Casa Civil. Temos três marcações de elementos considerados modalizadores, mas que neste caso funcionam como uma espécie de abertura de escala de um modalizador mais próximo do polo positivo para o mais próximo do negativo.



Em L-222: “ela pode| |... potencialmente| |...” e L-227: “eventualmente| | ter praticado crime?”, temos o *pode*, verbo modal, em seguida temos o *potencialmente* e *eventualmente*, ambos adjuntos modais. Numa escala de polaridade em que o *polo positivo* é mais próximo do *sim* temos o verbo *pode*, em seguida temos o *potencialmente*, que indicaria *polaridade intermediária*, equivalente a *provavelmente aconteceu* e, por último, temos o *eventualmente*, mais próximo da *polaridade negativa*, que indica *não*. Nestes termos, enquanto o *pode* está relacionado à probabilidade, o *eventualmente* está relacionado à usualidade, que representa pouca frequência.

Os gestos registrados também apresentam esse grau de elevação inversa, do polo positivo para o negativo, do gesto mais firme e fixo para o mais abstrato e aberto. Observando os dois primeiros gestos, referentes a *pode* e *potencialmente* temos posições mais firmes com os dedos e as mãos, enquanto no último caso, referente ao *eventualmente* temos as mãos abertas.

Consideramos que haja uma relação direta da modalização verbal e a com a realização gestual e que estes gestos, embora sejam considerados

metafóricos/abstratos, representam muito bem a visualização da escala de potencialidades para registrar a possibilidade que o entrevistado gostaria de gerar a respeito da sua dúvida sobre o ato de Dilma.

- **V2 - Exerto 11: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (15)**

284			senhores... têm falado que... éh... se busca também uma narrativa... até com repercussão... éh... no exterior... num/é... e aí se diz... ah... éh... de fato isso é... é golpe... não se falou em golpe quando se falou em destituir Collor... por exemplo... num/é... <u>talvez</u> porque ele tivesse um partido... éh... mais... fraco...	Com os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, direciona as mãos abertas para cima rapidamente para o lado direito.
285		12:49	Gilmar Mendes	



Escaneie

A modalização marcada neste excerto também se dá através do adjunto modal *talvez*, no momento em que o entrevistado está falando sobre a narrativa de golpe lançada pelos defensores de Dilma e faz uma comparação ao *impeachment* de Fernando Collor, não considerado um golpe. Em L-288/289: “num/é... talvez | porque ele tivesse um partido... éh... mais... fraco...”, temos a suposição de Gilmar, através do modalizador, de que não houve a discussão sobre golpe contra de Collor porque ele era de um partido pequeno, diferente de agora com a tese reverberada pelo PT.

Uma ligação entre o modalizador e o gesto descrito pode ser considerada ao pensarmos na relação desse modalizador com verbo *ter* no passado, que aparece adiante. O gesto mostra o entrevistado direcionado as mãos rapidamente para o lado no momento em que se refere ao passado e o ato de apontar para o vazio para construir esse referente é muito comum em interações face a face.

Na categorização do gesto, embora se fale que os dêiticos se refiram a entidades concretas e, neste caso, estamos falando de tempo passado, que é abstrato, nós temos o desenvolvimento do apontar para o lado, que pode ser considerado para trás (um lugar/tempo), já que nossos movimentos nem sempre são simétricos. Dessa forma, nossa categorização considera que temos um gesto com características entre a classificação *dêitica* e *metafórica*.

• V2 - Exerto 12: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (16)

291	12.53	Gilmar Mendes	e <u>talvez</u> tenha havido... éh:... até discussões jurídicas mais éh... sérias... então eu tenho a impressão de que... nós estamos realmente a falar de... algo... que... não faz sentido no plano exclusivamente jurídico... mas se entende... no plano... digamos... da retórica da luta... política... num/é:....	Com as mãos na altura do peito, um pouco próximas, faz movimentos de sobreposição de para outra, de dentro para fora.
292				
293				
294				
295				



Na continuidade da consideração de Mendes supondo o porquê de não ter havido discussão sobre golpe no *impeachment* de Collor, temos mais uma modalização que também se dá por meio do adjunto modal *talvez*, em L-291/292: “e talvez | tenha havido... éh:... até discussões jurídicas mais éh:... sérias...”. Neste exerto modalizado é levantada a hipótese de que provavelmente não tenha havido discussões sobre a ideia de golpe, agora reverberada pelo PT, porque naquela ocasião pode ter havido discussões jurídicas mais sérias em relação ao crime de responsabilidade atribuído a Collor.



Escaneie

O desenvolvimento do gesto com as mãos em um movimento de sobreposição de uma na outra parece que não está diretamente ligado à modalização, mas sim que antecipa o referente para discussões/debates, que ele menciona adiante, referindo-se à discussões jurídicas. Nessa construção, temos um gesto *metafórico*, que tenta abstratamente representar a ideia de debate ou discussão, muito embora não possamos relacioná-lo com a modalização.

Convém fazermos uma nota sobre as análises até aqui desenvolvidas. Foram muitos os casos de modalização através do adjunto modal *talvez*, para sermos mais precisos, nesta entrevista analisamos seis casos do uso do *talvez*; entretanto, apesar de linguisticamente termos um mesmo elemento modalizador, consideramos que a sua relação com a polaridade não ocorre da mesma forma em todos os casos. A depender do contexto, que envolve o tópico sobre o qual se fala, o sujeito ao qual se refere e os gestos e expressões faciais desenvolvidas, temos uma relação distinta do modalizador com as polaridades, ora o *talvez* sendo mais equivalente ao polo positivo e ora ao polo negativo.

O principal indício que nos faz chegar a essa consideração é que o uso desse tipo de modalização aparece em dois tipos de contextos: o primeiro tipo é aquele em que o entrevistado, embora esteja modalizando sua fala, denota que suas afirmações são reais e não apenas suposições, isso levando em conta também que muitas dessas modalizações foram realizadas em cima de um tópico de um fato já ocorrido. Isto é, trata-se de uma situação real e concreta, mas que ele busca modalizar por N motivos, entre eles o de querer isentar-se de prováveis conclusões construídas a partir de sua fala. Dos casos que consideramos enquadrarem-se nessa “categoria” temos, por exemplo, os dos **Excertos 1 e 2**, assim como outro caso presente na linha 213 da transcrição.

O segundo tipo de contexto se dá quando o *talvez* é produzido pelo entrevistado e há nessa produção realmente a atribuição da dúvida, da incerteza. A modalização ocorre porque não há dados concretos que possam provar o que se possa estar dizendo e, neste caso, é comum que haja a modalização, fazendo com que os ditos possam ser considerados suposições ou hipóteses. Dentre os casos registrados nesse tipo de interpretação, podemos citar os dos **Excertos 13 e 14**, e também o caso da linha 199 da transcrição.

- **V2 - Exerto 13:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (17)

414			exatamente a junção... do contrário nós teríamos... éh... tido	<i>Cotovelos apoiados nos braços da cadeira e as mãos, na altura dos ombros, separam abertas com as palmas para cima, uma para cada lado do corpo. Ao mesmo tempo faz um leve manejo de cabeça.</i>
415			processos em todos os lugares... éh... teríamos tido habeas	
416	19:08	Gilmar Mendes	corpus e tudo o mais... e <u>muito provavelmente</u> esses	
417			processos não terminariam... tanto é que os processos	
418			envolvendo o Mensalão que estão na primeira instância até	
419			agora... não terminaram... então... éh... não se pode	



A modalização registrada, neste caso, ocorre quando o entrevistado, mediante questionamento, emite sua opinião sobre a prerrogativa de foro e cita o caso das investigações do Mensalão. Naquela ocasião, teria sido positiva a possibilidade de reunir todos os processos no colegiado do STF, para decisão em instância única. O



Escaneie

elemento modalizador é o adjunto modal *provavelmente*, em L-416/417: “e muito provavelmente | esses processos não terminariam...”, além disso, temos o intensificador *muito*, que aparece antes do modalizador. Pensando na polaridade dessa modalização, com auxílio do intensificador, definimos como mais *positiva*, haveria maiores probabilidades do fato modalizado ocorrer.

Observando o gesto ocorrido no percurso da modalização, consideramos que ele esteja relacionado com o modalizador que, como dissemos, está mais direcionado para o *polo positivo* indicando o “sim, os processos não terminariam (se não fosse a reunião de todos no STF)”. O gesto realizado com as mãos para cima e o leve manejo de cabeça em sinal de negativo, nos remetem ao gesto que fazemos para afirmar que algo foi *inevitável* ou *isso é tudo, não há o que fazer*. A categoria do gesto pode ser considerada como *metafórica*, já que se trata de uma relação abstrata entre a ideia representada verbalmente e a figuração do movimento corporal.

- **V2 - Exerto 14:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (18)

422			hoje ve... é curioso... veja... seria muito fácil suprimir a prerrogativa de foro... e mandar todo mundo pra primeira instância... mas aí se diz... "poxa mas aí eu vou ter um encontro marcado com o Moro... e ele <u>pode</u> decretar a prisão preventiva..." então essa solução deixa de ser... interessante... os políticos hoje reclamam do quê? ah... no	Cotovelos apoiados nos braços da cadeira e as mãos paralelas são rapidamente direcionadas com os dedos abertos para frente.
423				
424				
425	19:33	Gilmar Mendes		
426				
427				



A modalização deste caso aparece em uma suposição de fala atribuída, pelo entrevistado, a algum político envolvido na Lava Jato. O uso do verbo modal *poder* em L-425: “e ele pode| decretar a prisão preventiva...”, indica uma modalização por meio de uma probabilidade que está mais direcionada para o *polo positivo*, assim a consideração seria que a prisão preventiva poderia ser certa se tal político caísse nas mãos de Moro.

No que se refere ao gesto realizado, consideramos não existir uma relação dele com a modalização expressa pelo verbo *poder*. Trata-se de um gesto muito

rápido e pouco desenvolvido que consideramos ser apenas parte da formulação da fala, sem relação específica com o que estamos analisando ou qualquer outro referente, seja abstrato ou não.

- **V2 - Exerto 15:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (19)

447			virou regra... e... de forma tão massiva... num/é... e veja... e	
448			se nós não tivéssemos a jurisprudência do Mensalão... éh...	
449			mantendo toda a organização criminosa... <u>chamemos</u>	
450			<u>assim </u> [...] todo um grupo... então... veja... nós teríamos que	
451			julgar... éh... éh... às vezes dezenas ou até centenas de	
452			pessoas... o tribunal não faria outra coisa... então tem que	

Fazendo movimentos com os braços e as mãos em formato de grande círculo.



Neste contexto, que segue a partir do exerto anterior, há uma modalização por meio da recategorização de um referente. Observemos que em L-449/450: “mantendo toda a organização criminosa... chamemos assim| [...] todo um grupo...”, o referente *organização criminosa*, que está ligado a Mensalão, é recategorizado para *um grupo*, essa ação envolve a troca de um referente considerado muito ruim para uma forma, digamos, neutra, sem a carga semântica que leva o primeiro referente. Entendemos que essa ação também seja considerada uma modalização, já que com a troca dos termos para o mesmo referentes há uma amenização do tom ácido em relação aos políticos que fizeram parte do esquema de corrupção que foi batizado de Mensalão.



Escaneie

O gesto em que o entrevistado usa as mãos em movimento para representar uma ideia de círculo está relacionado aos referentes do Mensalão, sobretudo ao referente *grupo*, que consideramos ser uma recategorização de *organização criminosa*. Temos no exerto um *gesto icônico*, que representa visualmente a ideia de círculo que pode ser entendida também como grupo.

Feitas as considerações sobre os achados na entrevista de Mendes, passemos ao próximo tópico que faz a explanação da análise da terceira entrevista analisada.

6.3 VÍDEO 3: ENTREVISTA COM JOSÉ EDUARDO CARDOZO

Obedecendo a ordem cronológica dos vídeos selecionados, a última entrevista que analisamos foi ao ar, no *Roda Viva*, no dia vinte e oito de agosto de dois mil e dezesseis. O entrevistado foi José Eduardo Cardozo, ex-ministro da justiça e então advogado da Presidente afastada Dilma Rousseff.

A entrevista foi mediada, como sempre, pelo apresentador do programa, Augusto Nunes, que nesta edição contou com a bancada de entrevistadores composta por Julia Duailibi, da revista Piauí, Vera Rosa, do jornal O Estado de São Paulo, Daniela Lima, do jornal Folha de São Paulo, Laura Diniz, do site Jota (jota.info) e João Gabriel de Lima, da revista Época.

O foco da entrevista foi dado ao processo de *impeachment* da Presidente e aos embates do advogado nas etapas de manifestação da defesa. Entre os pontos discutidos no primeiro bloco, destacam-se as falas sobre a tese de golpe defendida pelo advogado e pela presidente, a comparação do atual processo com o processo contra Collor, a possibilidade de um plebiscito para uma consulta sobre eleições gerais e a posição do judiciário sobre o *impeachment* em curso.

No primeiro excerto, ao ser questionado sobre o porquê considerar um golpe o processo de *impeachment* contra Dilma e não ter considerado um golpe o processo de 1992, contra Collor, Cardozo afirma concordar com a decisão do Congresso Nacional que levou ao impedimento de Collor, porque naquela ocasião, após CPI, se entendeu que ele havia praticado crime de responsabilidade. Diferente do caso envolvendo Dilma, que segundo o advogado não haveria a tipificação de crime de responsabilidade, nem CPI que atestasse o provável erro de Dilma.

- **V3 - Excerto 1:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (1)

47			mais tarde o judiciário entendeu que não havia crime comum... mas o congresso entendeu que havia crime de responsabilidade... e no caso... <u>a meu ver</u> ...	<i>Leva as mãos com as pontas dos dedos juntas para área central do peito, seguindo o mesmo movimento, com dedos e mãos, para fora.</i>
48				
49	04:19	José Eduardo Cardozo		
50				
51				



A expressão verbal em destaque na L-49: “a meu ver |...” é utilizada como uma forma de modalizar a afirmação contundente de que Collor havia praticado crime de responsabilidade, dando respaldo à decisão do Congresso. A expressão *modalizadora* dá um ar de pessoalidade na afirmação anterior e ao mesmo tempo justifica seu ponto de vista com base no estudo que ele afirma ter feito (L-53) acerca do caso e da lei que o qualifica como crime, como veremos no próximo excerto.



Escaneie

Os recortes de gestos nos dão a dimensão da relação entre a verbalização do destaque da L-49 e as gestualidades empregadas na sua produção. Nas imagens deste excerto temos o momento em que o entrevistado refere-se a ele próprio, direcionando para o centro do peito e depois para fora as mãos com os dedos juntos. Considerando a classificação de gestos definida por McNeill, temos, neste caso, um *gesto dêitico*, pois se trata de uma expressão direcional, referindo-se ao *eu*, pronome pessoal de 1ª pessoa através do pronome possessivo *meu*. Temos, neste caso, também uma relação simples de gesto e verbalização, trata-se do que consideramos ser apenas um complemento entre os dois modos que coocorrem.

- **V3 - Exerto 2:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (2)

53	04:21	José Eduardo Cardozo	do que <u>aquilo que examinei</u> a época e vi ... nós tínhamos realmente provas claras e indícios de autoria e tipificação que recomendavam a configuração de crime de responsabilidade...	Com as mãos abertas com as palmas paralelas entre si, no sentido vertical, dá dois toques no ar, primeiro à esquerda e depois à direita.
----	-------	----------------------	---	--



Considerando o contexto anterior, onde a partir daí o entrevistado desenvolve tais argumentos expressos na L-53: “aquilo que examinei | a época e vi | ...”, temos, mais uma vez, um caso em que o falante modaliza sua afirmação anterior acerca da condenação de Collor. Ele usa de novo o argumento de que sua concordância com o *impeachment* de 1992 está baseada na análise do caso, qualificado como crime, com base na lei de responsabilidade a ser seguida por quem ocupa um cargo



Escaneie

público de tal natureza. Ao afirmar *aquilo que examinei*, o pronome demonstrativo *aquilo* nos leva a crer que há uma modalização pelo fato de haver uma delimitação do caso, pois foram considerados os fatos apontados no processo, ou seja, não haveria possibilidade de ir além desses limites e ver outras coisas que não estivessem expostas através da investigação.

Por outro lado, isso que consideramos ser um aspecto que modaliza o fato da concordância com o *impeachment*, torna-se uma argumentação respaldada e firme mediante sua posição enquanto alguém que tem conhecimento técnico-jurídico para interpretar leis, já que também ocupa a posição de advogado. O exame de um advogado sobre um processo é completamente distante de um exame de um leigo no assunto, por isso seu argumento têm outras dimensões.

A descrição nas L-53 a 55 e as imagens nos mostram que ambos os gestos são considerados *metafóricos* em relação ao que representam na fala. Os dois processos verbais, *examinar* e *ver*, são categorizados como exteriores ao momento atual, até porque representam o tempo passado, o impedimento de Collor em 1992. Embora tenhamos, antecedente aos verbos, o pronome demonstrativo *aquilo* que pode ser considerado como *déitico*, os gestos ocorrem simultaneamente à verbalização das palavras *examinar* e *ver*. Além disso, neste caso, o ato de *examinar* está necessariamente atrelado ao de *ato ver*, o exame do processo só se daria através da sua leitura e esmiuçamento. A dualidade gestual demonstra dupla ação de um lado para o outro, por isso entendemos que tais gestos representam *metaforicamente* os verbos citados.

- V3 - Exerto 3:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (3)

58			vamos lembrar que a tipificação do crime de	
59			responsabilidade ela é mais ampla... até porque envolve o	
60			juízo político... né... diferente da tipificação criminal... <u>eu não</u>	
61			<u>vou entrar</u> <u>no mérito</u> ...	
62				Maneja a cabeça rapidamente em sinal de negativo pondo
63				as mãos à altura do peito, levemente fechadas, com os
	04:39	José Eduardo Cardozo		polegares para cima e demais dedos em direção ao centro
				do peito. Em seguida, direciona as mãos abertas e com as
64				palmadas paralelas entre si, levemente afastadas para o canto
65				direito.



Entendemos que a tentativa de se eximir afirmando que não entraria no mérito, L-60/61: “eu não vou entrar| no mérito| ...”, em relação ao processo contra o ex-presidente pela prática de crime comum, mais uma vez, serve como uma forma de moderar o discurso, ou seja, modalizar seus argumentos em relação à culpabilidade de Collor pela prática de crime comum no exercício do mandato. Temos, neste caso, uma expressão composta por várias categorias gramaticais e inserida em um contexto específico que funciona como modalizadora do discurso que o entrevistado vinha desenvolvendo. Ao tentar isentar-se do julgamento de uma das acusações contra o ex-presidente, o entrevistado minimiza seu argumento em relação à possibilidade de culpa do acusado, essa relativização não deixa de ser entendida como uma forma de modalizar.

O desenvolvimento dos gestos, desta vez, nos mostra duas categorias distintas. Na primeira imagem diríamos que temos uma união de modos representados por dois tipos de gestos: um *gesto icônico*, representado pelo rápido maneiro de cabeça dando sinal de negativo (cf. descrição L-60), e um *gesto dêitico*, através das mãos com os dedos voltados para si, ao afirmar L-60/61: “eu não vou entrar|”. A ocorrência do *gesto icônico* antes mesmo da verbalização do *não* ocorre porque, conforme a classificação do gesto apresentada em Pereira (2010), o uso inconsciente ou mais automático do gesto pode começar antes mesmo que a(s) palavra(s) seja(m) dita(s).

Na segunda imagem, que ocorre simultaneamente à verbalização de “no mérito| ...”, temos um registro de um *gesto metafórico*, pois a representação através do direcionamento das duas mãos com as palmas paralelas na vertical para o canto direito não configura visualmente a ideia de *mérito*, mas sim de algo abstrato já ocorrido. O apontar com as mãos abertas nos indica algo exterior ao contexto atual. Neste caso, temos um processamento cognitivo que requer mais esforço do que os casos representados na primeira imagem, pois não é possível recuperar o referente verbal *mérito* apenas por meio do gesto desenvolvido pelo entrevistado. Para que seja possível, o processo cognitivo precisa juntar o contexto da produção do gesto com o contexto histórico ao qual o falante se refere e define como *mérito* à análise da situação que condenou o ex-presidente ao encerramento do mandato antes do previsto, por entender que ele agiu em desacordo com a conduta que deveria exercer.



Escaneie

O argumento e a tentativa de isenção de Cardozo continuam a seguir:

- **V3 - Exerto 4:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (4)

67	04:40	José Eduardo Cardozo	porque... até <u>porque não analisei</u> o processo criminal... em relação ao resultado...	Com as mãos próximas em si e distantes do peito, ainda no canto direito, faz movimentos rápidos de fecha e abre os punhos jogando levemente as mãos semiabertas para frente. Em seguida, coloca a mão esquerda dentro da outra, fechando-as abaixo do peito direito.
68				
69				
70				
71				



A justificativa de que não iria entrar no mérito porque não analisou o processo criminal, corrobora com os argumentos que empregamos a partir da análise do exerto anterior. Essa expressão talvez só tenha mais sentido em relação à possível modalização do discurso quando o analisamos junto ao destaque anterior. São argumentos que servem para justificar, reenfatizando, a posição isenta do entrevistado com relação à possível culpa do processado.



Escaneie

Os *prints* feitos no momento da produção verbal destacada mostram um movimento das mãos, também conforme dados da descrição, que representam um gesto *metafórico*, pois ao referir-se a L-67: “porque não analisei | ...”, o movimento rápido de abertura e fechamento de punhos seguido da elevação das mãos para frente, os gestos se caracterizam como abstratos e longes de uma visualização possível do que seria uma análise. A ideia de análise em si é muito difícil de ser visualmente construída porque, na prática, análises são feitas de modo abstrato, a partir dos conceitos do que é bom/adequado ou não. A representação mais próxima que poderíamos ter de *análise* seria por meio de um gesto com as mãos indicando seleção, grupo ou algo do tipo em formato circular.

O exerto seguinte apresenta as considerações do advogado na tentativa de defesa da Presidente Dilma acerca das acusações que lhe são imputadas. Os argumentos tentam desconstruir a ideia de crime, já que, conforme ele explica, até certo momento, aquelas práticas de operação de crédito eram permitidas.

• V3 - Exerto 5: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (5)

85			porque a visão dominante nas duas acusações... seja as
86			pedalas... seja os decretos... é de que aquilo podia ser
87			feito... então não há má fé... não há dolo... capaz de
88			configurar um atentado à constituição... configurador de
89			crime de responsabilidade... então diante de tudo isso...
90	05:28	José Eduardo Cardozo	<u>parece MUITO claro</u> e <u>indiscutível</u> que eu não tenho ilegalidade... se tivesse não tenho dolo... se não tivesse o dolo eu não teria a gravidade da conduta que deve configurar um processo de impeachment...
91			
92			
93			
94			

Põe as mãos abertas e com as palmas paralelas entre si na vertical, na área central, porém distantes do peito, leva-as da altura do pescoço para baixo, como se delimitasse no ar um objeto. Em seguida, leva para frente as duas mãos com as pontas dos dedos juntas.



A modalização do discurso do advogado, com destaque na L-90: “parece MUITO claro | e indiscutível |”, se dá através do verbo modal *parece*, que indica um alto grau de probabilidade na ideia de que não haveria crime de responsabilidade e, portanto, o *impeachment* não poderia ocorrer. Os destaques *MUITO claro* e *indiscutível*, ambos representados por gestos distintos, funcionam como reforçadores do verbo modal, ou seja, eles dão ênfase ao grau de probabilidade que indica a possível inocência da presidente acerca o que lhe é imputado. A ênfase apresentada durante a pronúncia do advérbio *MUITO* também serve como reforço da probabilidade de inocência defendida pelo advogado como sendo clara e indiscutível.



Escaneie

Os gestos ocorrem junto ao que consideramos como reforçadores da qualidade do verbo modal. Primeiro temos a representação da verbalização do *MUITO claro*, que além de ser destacado pela ênfase sonora, também é destacado gestualmente pela forma alongada como é desenhada no ar. Com as mãos paralelas e com as palmas para dentro, conforme descrevemos nas L 90 a 93, movimenta de cima para baixo, indicando uma extensão. Neste caso, temos um gesto *metafórico* e a ênfase sonora representando o advérbio *muito*.

No gesto seguinte, a palavra *indiscutível* parece ser representada também por meio de um gesto *metafórico*, pois como a ideia de *indiscutível* é fisicamente muito difícil de demonstrar, o entrevistado desenvolve um gesto como se mostrasse na

ponta dos dedos aquilo que é óbvio, que está visível, esmiuçado e claro, repetindo o termo que ele mesmo usa anteriormente.

Agora se referindo a tese de golpe, levantada várias vezes durante a entrevista, o trecho a seguir mostra mais uma construção verbal do entrevistado que se caracteriza como uma forma de modalizar o discurso.

- **V3 - Exerto 6:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (6)

103	05:55	José Eduardo Cardozo	diferente do caso Collor... claro que não eram pretextos retóricos... eu tenho o que nesse caso? um golpe... <u>no sentido amplo da expressão...</u> um golpe sem armas... um golpe sem tanques... um golpe em que você pretensamente invoca a constituição pra poder rasgá-la depois	<i>Põe as mãos com as pontas dos dedos juntas para dentro, mas distantes do peito, para em seguida abrir as mãos direcionando-as em sentido contrário fazendo um movimento de abertura, indicando expansão.</i>
-----	-------	----------------------	---	---



O destaque verbal observado por meio da transcrição, L-104/105: “no sentido amplo | da expressão...”, aparece no discurso do advogado como uma expressão que relativiza a ideia de golpe defendida por ele, já que nos casos comuns sempre é esperado o uso de forças e batalhas físicas, a repressão e a resistência. Essa relativização nos leva a crer que o destaque que fazemos trata-se de uma expressão que serve para modalizar a afirmação de que se trata de um golpe. Um golpe, nas suas palavras, sem armas e sem tanques, mas com a concepção da tomada de poder de forma sorrateira ainda válida.



Escaneie

Na representação dos gestos temos dois movimentos que somados nos levam ao significado referente à expressão *sentido amplo*, descrito na L-105. Percebemos que esses movimentos ocorrem sem intervalo, ou seja, após juntar as pontas dos dedos ele as separa fazendo uma abertura das mãos e antebraços dando ideia de dimensão, ou amplitude, como representado verbalmente. Temos aqui o que consideramos ser um *gesto icônico*, pois a tentativa de representá-lo em se tratando da sua amplitude é figurada por meio do movimento das mãos e antebraços.

• V3 - Exerto 7: Ocorrências verbo-gestuais modalizadoras (7) e (8)

123		Daniela Lima	votação que teve a respeito da pronúncia... ela PERdeu um voto... em alguns quesitos chegou a perder dois... dois apoios... o que que aconteceu então?... por que que apesar de ser indiscutível... por que que a tese de que ela DEve deixar o planalto... ganha cada vez mais força?	
129 130 131	06:53	José Eduardo Cardozo	<u>na verdade Daniela...</u> vamos <u>tentar entender</u> esse processo de impeachment...	Põe as mãos com as pontas dos dedos juntas de dentro para fora, abrindo as palmas para cima de deixando-as levemente curvadas, como quem oferece algo.



A reintrodução do discurso do advogado, L-129/130: “na verdade Daniela... vamos tentar entender | esse processo de impeachment...” é modalizada à medida que ele começa com uma forma didática de apresentar seu contra-argumento, fundado nas provas que ele diz estarem explícitas de que a condução do *impeachment* se trata de uma artimanha envolvendo vingança e fuga. Essas provas seriam a procura do PSDB por fraudes nas eleições de 2014 (sem êxito) e o pedido de recontagem de votos, ou seja, vingança por não terem vencido as eleições; e os áudios vazados onde o senador Romero Jucá (PMDB-RR) falava, entre outras coisas, sobre a necessidade de remoção da Presidente Dilma e colocação de Michel Temer para então “estancar a sangria” da classe política provocada pela Lava Jato, representando a ideia de fuga.



Escaneie

A fala inicia com uma ressalva feita de modo sutil, L-129: “na verdade Daniela...”, e essa colocação não está para um dos polos do que é verdade ou mentira, mas sim para uma ressalva, que é seguida de um convite à entrevistadora, L-129: “vamos tentar entender |”, a perceber, através dos argumentos do advogado, o porquê do *impeachment* e da dificuldade de se conseguir votos para barrá-lo. Em ambos os casos temos expressões modalizadoras e apenas no segundo aparecem gestos representativos, que estão nas duas imagens anteriores. Dos dois gestos destacados nas imagens, o primeiro tendo ocorrido em relação a *tentar* e o segundo a *entender*, consideramos que ambos tratam de uma construção gestual metafórica em relação ao que é verbalizado, já que demonstram uma ação abstrata.

• **V3 - Exerto 8:** Ocorrência verbo-gestual modalizadora (9)

228		Julia Duailibi	mas não é um pouco oportunista ela propor isso, este pacto pró-eleição depois do afastamento...?	
229	11:02	José Eduardo Cardozo	<u>eu diria</u> a você que mais oportunista é assumir um governo dando golpe... sem pressupostos...	Vai levantando a cabeça e o olhar que estavam para baixo, mantendo mãos abertas e juntas com as palmas paralelas na vertical, na altura da barriga. As mãos estão entreabertas e levemente afastadas pelas pontas dos dedos.



No destaque acima temos mais um ponto de modalização verbal, L-230: “eu diria | a você”, na retomada de fala do entrevistado que antes de rebater de forma enfática a sugestão feita pela entrevistadora (cf: L-228/229), o advogado reintroduz seu discurso de forma amena. O uso do processo verbal *dizer*, no tempo verbal que aparece, denota modalização porque apresenta incerteza para o futuro como em “é provável que se diga”, entretanto, a afirmação que ele faz em sequência retira a possibilidade futura (L-230/231: “mais oportunista é assumir um governo dando golpe...”) e aplica ao presente, ao observarmos o contexto de suas repetitivas afirmações, de forma contundente, sobre estar-se vivendo um golpe. Em outros termos, o trecho em destaque representa uma modalização não apenas pelo fato de tentar relativizar a possibilidade do *dizer*, mas principalmente pelo querer ser sutil na abertura da sua voz, mesmo anulando a relativização com a assertiva de golpe.

Em relação aos gestos realizados, não consideramos nenhum deles como representativo para uma análise/classificação, visto que o entrevistado mantém-se neutro, em posição fixa durante o início de sua fala. O mesmo ocorre no exerto que mostramos anteriormente, L-129: “na verdade Daniela...”, o corpo do entrevistado mantém-se parado com as mãos fixas, conforme descrição que se inicia na L-230. O mesmo ocorre também em vários outros momentos da retomada de sua voz, como poderemos ver na transcrição integral da entrevista observando, por exemplo, as linhas 41, 129, 173, 230 e 314. Esta parece ser uma característica da sua forma de lidar com a situação de arguição e início da formulação de um contra argumento em que seja necessário fazer uma defesa de quem está sendo acusado, como era o caso de sua cliente, a então presidente Dilma Rousseff.

- V3 - Exerto 9: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (10)

234			um presidente que fala... voltarei e proporei eleições... não tem nada de oportunista... <u>ela poderia</u> dizer... "VOLto... pra governar..." ela diz... "não... se querem discutir se eu tenho condições ou não de governar... que se faça um plebiscito..." é uma proposta ousada de uma pessoa que está efetivamente pensando na democracia... claramente na	Leva rapidamente a mão direita para a altura do peito com o dedo indicador e polegar em forma de pinça e os demais fechados. ((Câmera muda de ângulo, pegando a imagem de perfil mais pelas costas)) Em seguida eleva o braço direito para a frente com a mão no mesmo formato.
235	11:12	José Eduardo Cardozo		
236				
237				
238				
239				



Neste caso, temos uma modalização através de um processo verbal modal em que indica possibilidade, L-235: "ela poderia | dizer...", que está mais direcionada ao *polo negativo*. O tempo do verbo *poder* indica uma possibilidade, que é incerta, dando abertura para o pensamento de que a então presidente afastada pudesse propor X e não Y, caso voltasse ao comando do executivo nacional.



Escaneie

Podemos classificar o gesto ocorrido como *metafórico*, já que o ato de trazer para si os dedos em formato de pinça não representa algo aproximado fisicamente do representado por *ela* (a presidente), *poder* ou *dizer*. Seria então um gesto abstrato, que se confirma na segunda imagem, feita de outro ângulo. O gesto não pode ser relacionado ao *ela* (a presidente), porque nestes casos o mais recorrente é que o falante aponte para o vazio, representando o outro de quem se fala.

- V3 - Exerto 10: Ocorrências verbo-gestuais modalizadoras (11) e (12)

269			sem adentrar ao mérito... entendendo-se por mérito aquele campo de valoração política que eventualmente um governante tem quando decide... ou quando um congressista tem quando faz um juízo político... mas <u>Pode rever sim</u> a meu ver ... mas há magistrados da suprema corte que dizem claramente que não...	Com os olhos bem abertos e a testa franzida eleva os dois braços à altura do peito, com os dedos polegar e indicador de ambas as mãos juntos (demais fechados) como se pontuasse algo ar por três vezes. Em seguida, com os punhos fechados direciona-os com os lados dos polegares para o peito.
270				
271				
272				
273	12:45	José Eduardo Cardozo		
274				
275				
276				
277				



Na afirmativa de que o judiciário poderia rever possíveis atos de valoração política que fugissem da lei, praticados pela Câmara, em L-272/273: “Pode rever sim| | a meu ver| |...”, temos um verbo modal *pode* e uma expressão modalizadora *a meu ver*. O modalizador *pode* ganha mais relevância no discurso através das semioses não verbais simultâneas; seu estado facial com olhos mais abertos e testa franzida, além do gesto com dedos dando toque no ar demonstram firmeza na sua afirmação, como se pontuassem a certeza nas suas palavras. Na expressão *a meu ver* temos uma modalização que ameniza a afirmação para um tom pessoal, embora ele seja advogado e, com isso, um convededor da lei.



Escaneie

Na imagem referente ao primeiro destaque, temos um *gesto metafórico*, pela relação abstrata do gesto com a ideia representada pelo verbo *poder*. Na segunda imagem temos um *gesto déitico*, semelhante ao tratado no **Excerto 1**, com um pronome possessivo de 1ª pessoa, representado verbal e gestualmente.

- **V3 - Excerto 11:** Ocorrências verbo-gestuais modalizadoras (13) e (14)

279			eh.... se você por exemplo pegar... ah... a decisão do	
280			ministro Teori Zavascki na.... no mandado de segurança	
281			que nos impetraramos... ela... discutindo o desvio de poder no	
282	12:59	José Eduardo	processo... dentre outras questões... <u>ele ...</u>	
283	13:01	Cardozo	<u>ele induz... ele sugere </u> que o judiciário	
284				
285				
286				
287				
288				
289				
290				
291				

Com a cabeça um pouco baixa e os olhos bem abertos e testa franzida, mexe a cabeça da direita para a esquerda enquanto está com as mãos na altura do peito com as pontas dos dedos de cada mão juntas entre si, fazendo movimentos circulares entre uma mão e outra, e ao mesmo tempo mantém os lábios fechados como se pretendesse pronunciar algo, mas mantendo-se calado. Em seguida, com as mãos ainda no mesmo formato, e cabeça elevada com os olhos bem abertos e sobrancelhas levantadas, eleva a direita e depois a esquerda para frente, separadas.



Neste excerto, temos dois casos de modalização e vale chamarmos a atenção principalmente para o primeiro, em que há uma tentativa do entrevistado modalizar seu discurso através dos gestos. Há uma pausa na voz do entrevistado logo após verbalizar o pronome destacado no início do fragmento grifado, L-282: “ele |...”, e durante essa pausa os gestos descritos entre as linhas 282 e 288 e representados nas duas primeiras imagens do excerto, aparecem como uma tentativa de substituir as palavras e acabam funcionando como modalizadores da fala. O entrevistado busca as palavras mais adequadas para representar o entendimento contrário à sua opinião (cf. **Excerto 10**) dado pelo ministro do STF, Teori Zavascki. Após a realização dos gestos vem a verbalização de L-283: “ele induz... ele sugere |”, que complementa a ação de modalizar o discurso em torno da decisão de Zavascki, complementando também as ações gestuais e faciais feitas em silêncio.



Escaneie

As verbalizações dos processos *induzir* e *sugerir* também ocorrem acompanhadas de gestos, primeiro com a mão direita e depois com a esquerda, ambas fazendo o mesmo movimento para cima com os dedos juntos. Esses verbos modais aparecem como equivalentes para o que o falante deseja expressar, mas a sua ordem sequencial também não foi dada por acaso. Certamente essas escolhas foram feitas levando em consideração o fato de que o segundo verbo (*sugere*) exerce uma modalização melhor no contexto ao qual o falante se refere, que é opinar sobre a decisão de um membro da Suprema Corte.

No caso do registo verbo-gestual da L-282: “ele |”, já mencionado, podemos falar novamente sobre as *potencialidades* e *limitações* de cada modo, ideia defendida por Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016). Entendemos que a ação por meio dos gestos com as mãos e a face marcada pela testa franzida e olhos mais abertos, com sobrancelhas levantadas, além de boca com lábios fechados, pode fazer parte de uma tentativa do falante de expressar-se por meio dos gestos o que não estava conseguindo por meio das palavras. Isto é, seria uma *limitação* do modo verbal encontrar um termo que representasse bem a necessidade de modalizar sua fala em relação ao posicionamento do juiz do STF. Em resposta a isso, foram acionados os gestos, nas suas *potencialidades*, procurando se fazer compreender e ao mesmo tempo agir de modo sutil e polido na posição contrária à decisão do juiz.

Em ambos os casos, temos equivalentes a *gestos metafóricos*, pois estes representam ações abstratas em relação ao pronome e aos verbos supracitados.

• V3 - Exerto 12: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (15)

377	16:40	José Eduardo Cardozo	bom... então aí (e) faço uma pergunta Vera... <u>se eventualmente</u> você no seu jornal pratica um ato delituoso... o:::: presidente do Estadão... ele vai ser punido? se ele não deu ordem... se ele não sabia? não existe isso... isso é uma afronta ao bom senso (...)	Com as mãos juntas e dedos entrelaçados fortemente na altura do peito, leva a cabeça rapidamente para a direita olhando para o teto, em seguida olha para a entrevistadora continuando com as mãos na mesma posição.
-----	-------	----------------------	--	--



A modalização neste excerto ocorre no exemplo hipotético que o entrevistado dá envolvendo a entrevistadora Vera Rosa. No exemplo, L-377/378: “se eventualmente | você no seu jornal pratica um ato delituoso...” temos uma conjunção *se* unida a um adjunto modal (advérbio) *eventualmente* que indica uma probabilidade hipotética de que ocorresse o fato mencionado.



Os gestos do entrevistado denotam a criação da possibilidade, o olhar para o teto (vazio) geralmente é atribuído à criação de uma possibilidade que não existe, geralmente, quando tentamos criar um exemplo de improviso paramos para pensar nessa posição. Diríamos que temos um gesto que representa a criação do exemplo e não apenas aos elementos verbais que inserem a modalização no contexto. De toda forma, podemos afirmar que se trata de um *gesto metafórico*, visto que representam um pensamento, o abstrato.

Os próximos Exertos (13 e 14) possuem uma similaridade no tipo de ocorrência verbal e, por isso, optamos por analisá-los fazendo uma relação de proximidade apontando, ao mesmo tempo, as distinções presentes nos gestos desenvolvidos. Embora ocorram temporalmente distantes (um aos 13'40" e o outro aos 22'50"), já que até então optamos por fazer uma análise seguindo o decorrer do tempo de entrevista para facilitar na compreensão do contexto e tópicos de conversa levantados, julgamos por bem aproximar as análises para facilitar a leitura e compreensão dos pontos levantados.

- V3 - Exerto 13: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (16)

302	13:28	José Eduardo Cardozo	totalmente políticas... claro... é a opinião de alguns... agora que efetivamente isto não afasta a ideia e a dimensão de que impeachment sem crime de responsabilidade é ruptura institucional... é golpe... <u>me parece</u> evidente... se o golpe pode ser evitado pelo judiciário ou não... essa é a discussão jurídica que se coloca nesse ponto	((Não aparece imagem do entrevistado, a câmera dá foco ao desenho do cartunista Paulo Caruso))
303	13:40	José Eduardo Cardozo		Com a cabeça mais à direita, olhos bem abertos, sobrancelhas levantadas e testa franzida, põe as duas mãos abertas na altura do peito com as palmas viradas para frente, direcionando-as mais para frente.



Escaneie

- V3 - Exerto 14: Ocorrência verbo-gestual modalizadora (17)

574	22:50	José Eduardo Cardozo	verdade... é o maior erro de um advogado é tentar ocultar a verdade daqueles que vão te julgar aos olhos da sociedade e da história... essa é a estratégia que efetivamente <u>me parece correta</u> ... é um golpe? É... tem crime de responsabilidade? não TEM... vamos dizer o que é para que as pessoas que efetivamente estão assumindo a responsabilidade se explique...	Com a mão direita em formato de Ó na altura do ombro direito balançando levemente para frente e para trás, desde antes da marcação da modalização verbal.
-----	-------	----------------------	---	---



Escaneie

Ambos os casos destacados são de ocorrências da modalização por meio do pronome oblíquo *me* mais o verbo modal *parecer*, L-305: “me parece | *evidente*...” e L-576/577: “me parece correta |...”. Ambas as modalizações denotam um fundo de certeza, ou seja, nos dois casos temos polos de modalização direcionados para o positivo, e isso nós recuperamos pelos termos *evidente* e *correta* que aparecem logo após os verbos.

Embora haja essa consonância destacada verbalmente, há também uma distinção nos dois tipos de modalização, que se destacam quando observamos os gestos e ao consultarmos o contexto de produção. Em L-305, o contexto (cf. L-298 a 307) demonstra que o entrevistado está falando sobre o posicionamento do judiciário que disse que não poderia rever a decisão da Câmara, mesmo em caso de ser um processo apenas político. Assim, o afastamento sem fato jurídico, mesmo sem

nenhuma manifestação contrária do judiciário, o que denotaria aceitação do processo, não deixaria de ser um golpe e isso lhe parecia evidente. Neste caso, o gesto realizado indica uma situação de ressalva, as mãos em posição de defensiva e a descrição da face mostram uma situação que ele não deseja se incluir; ou seja, não concorda com a posição do judiciário e, por isso, a rejeição e reenfatização da ideia de que há um golpe.

No segundo caso, L-576/577, o entrevistado fala sobre a estratégia de defesa da então presidente afastada e sua consideração, ao ser questionado se seria uma boa ideia chamar de golpistas aqueles que estavam de acordo com o afastamento, foi que efetivamente a estratégia lhe parecia a correta. Diferentemente do caso anterior, temos um envolvimento maior do falante na sua asseveração, pois além de afirmar que se trataria da estratégia correta, pois seria necessário falar o que realmente estaria acontecendo e a história ficaria encarregada de respaldar sua fala no futuro, trata-se de uma afirmativa fundada na verdade que ele defende, que é a ideia sobre a ocorrência de um golpe. O gesto com a mão e a expressão facial no momento da modalização são distintos do caso anterior; aqui o falante denota sintonia entre a afirmação e as expressões corpóreas.

Ao categorizarmos os tipos de gestos ocorridos, no **Excerto 13** há um gesto considerado *icônico* se o relacionarmos não apenas a ocorrência do modalizador verbal, mas ao contexto de ressalva, de discordância. Isso é possível considerando o que defendem Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016), explanação feita no **Capítulo 3**, sobretudo em relação às premissas para um trabalho considerando orientações da multimodalidade, que falam da necessidade de considerarmos um todo multimodal para a compreensão dos significados, neste caso, o contexto da fala do advogado. No registro do **Excerto 14** também temos um gesto *icônico* considerando que a representação que se tem do gesto *OK* ou *certo/correto* que pode ser realizado através da mão aberta e da junção da ponta do dedo polegar com a do dedo indicador, formando um círculo.

6.4 SÍNTESE ANALÍTICA

Após trabalharmos de forma pontual com cada uma das ocorrências que registramos no decorrer do primeiro bloco das três entrevistas que nos propusemos estudar, sentimos a necessidade de sumarizar os achados e sua relevância para

nossa pesquisa. Pensando nos objetivos deste trabalho, levamos em contra as principais categorias de análise tratadas em Fuzer & Cabral (2014), na LSF, e McNeill (1992, *apud* PEREIRA, 2010) e Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016) na Multimodalidade, são elas:

- Na LSF trabalhamos com: i) *verbos modais*, ii) *adjuntos modais* e iii) *expressões modalizadoras*; assim como buscamos observar a polaridade dos modalizadores em três níveis: *positiva*, *intermediária* e *negativa*, dando atenção maior para a primeira e a última, que foram as mais importantes para nossa investigação.
- No que se refere à Multimodalidade, centramos a atenção nos tipos de gestos desenvolvidos, classificando-os em i) *gestos icônicos*, ii) *gestos metafóricos* e iii) *gestos dêiticos*, além disso, procuramos observar as *potencialidades* e *limitações* dos gestos.

Em nossos achados, consideramos que a relação entre verbo e gesto foi bastante frequente, como de certa forma já esperávamos, sobretudo após a primeira experiência com o tema da relação entre elementos verbais e gestuais, a partir de Silva (2015).

Nas falas dos três entrevistados, há presença de relações verbo-gestuais nas modalizações destacadas ao longo do *corpus* estudado. Com exceção das que não sinalizamos, porque a câmera não registrou, os demais casos de modalização, em sua maioria, tinham um item modalizador mais um gesto/expressão verbal que estavam associados, ainda que na relação apenas de complementação sentido.

Dos trinta e nove casos analisados, apenas em quatro deles não foram registradas relações de relevância entre os modos verbal e gestual, como podemos conferir nas análises dos fragmentos: V2 - Excerto 3, V2 - Excerto 4, V2 - Excerto 14 e V3 - Excerto 8. A fala acompanhada dos gestos ocorreu, portanto, em trinta e cinco casos e a modalização se deu por meio das três categorias destacadas por Fuzer & Cabral (2014), sendo que maior parte foi de *expressões modalizadoras* e *adjuntos modais*. Também houve uma produção relevante de *verbos modais*, mas considerada bem menor em relação às duas primeiras categorias.

A produção de semioses não verbais entre gestos e expressões faciais foi em sua grande maioria, seguindo as definições de McNeill (1992, *apud* PEREIRA,

2010), de *gestos metafóricos*. Encontramos poucas ocorrências que pudessem ser registradas com *gestos icônicos* e *dêiticos*, assim como não foram encontrados casos de *gestos ritmados*. No caso em específico dos ritmados, considerando sua definição, certamente eles não foram encontrados porque o contexto de produção das falas dos entrevistados é um contexto que se preza pela relação amena e cordial entre os interlocutores, entrevistados e entrevistadores. Se estivéssemos analisando a fala de políticos em um debate eleitoral, com certeza teríamos esse registro porque nesse contexto há uma relação mais forte de combate entre candidatos através dos seus discursos e, evidentemente, da sua ação corporal que está engendrada na fala, nas interações face a face.

Além dos achados que denotam a relação verbo-gestual na modalização, de modo mais amplo, como nos casos que acabamos de apresentar, nossa investigação também fez registros de quatro casos em que a modalização verbal ganha novas dimensões a partir da consideração das semioses gestuais integradas à fala. Em dois desses casos, mesmo havendo verbos modais, a presença dos gestos demonstra a certeza das afirmações modalizadas verbalmente. Relembremos quais são os registros:

1) *V1 - Exerto 3: Entrevista com Marco Aurélio Mello*

A realização do gesto descrito neste excerto nos faz perceber que a modalização realizada dá-se apenas verbalmente, pois a forma enfática com que ele empunha sua mão ao mencionar *asseverar* revela que na verdade a ex-presidente realmente havia falado que aquele contexto de *impeachment* se tratava de um golpe. O gesto demonstra a certeza sobre o fato que se modaliza verbalmente, no caso a certeza sobre a afirmação de Dilma Rousseff.

2) *V3 - Exerto 10 (ocorrência 11): Entrevista com José Eduardo Cardozo*

O gesto enfático com os dedos indicador e polegar das duas mãos juntos dando toque no ar e a expressão facial com olhos mais abertos e testa franzida denotam a certeza nas suas palavras. O elemento modalizador pode ser reconfigurado através das ações gestuais e faciais para não apenas uma possibilidade, mas uma obrigação. Os gestos mostram que o entrevistado na verdade acredita que o STF deveria ter como obrigação analisar o caso e rever a possíveis desvios da Câmara no *impeachment*.

Os outros dois casos que nos chamaram a atenção se destacam (3) pela sua relação de resistência de falar o que está sendo modalizado e (4) pela ação gestual tentar substituir as palavras na modalização da sua fala, vejamos:

3) V2 - *Exceto 2: Entrevista com Gilmar Mendes*

Nesta modalização ocorre uma ação gestual/facial que é mais relevante do que o item verbal modalizador. Além de modalizar verbalmente através do *talvez*, há uma pausa na sua fala, expressões faciais e um gesto com uma das mãos que demonstram a resistência do entrevistado em pronunciar a palavra *excedido*. Isso certamente se dá pelo fato de ele reconhecer mas não querer concordar que o STF tenha excedido os prazos possíveis para uma decisão sobre o caso ao qual ele se refere.

4) V3 - *Exceto 11(ocorrência 13): Entrevista com José Eduardo Cardozo*

A presença da pausa após o pronome *ele* preenchida pela expressão facial e gestos demonstram a tentativa do entrevistado de revelar sua visão modalizada sobre a decisão do ministro Teori Zavascki através dos gestos com as mãos. Esses gestos estão também relacionados ao processamento de escolha das palavras mais adequadas para referir-se à discussão jurídica elaborada na decisão do ministro Teori. As palavras escolhidas são os verbos *induz* e *sugere*, que servem como “solução” verbal para o que ele demonstrou através dos gestos.

Esses casos referenciados nos fazem estar de acordo e reiterar, mais uma vez, a discussão de Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016) sobre as *potencialidades e limitações* de cada modo. Se por um lado o modo gestual/facial foi mais potencial nos quatro casos supracitados, por outro esse mesmo modo teve suas limitações nas seis ocorrências modalizadas que citamos no início destas considerações, o mesmo ocorreu, só que de forma inversa, com a modalidade verbal.

Encerrando este capítulo, apresentamos, a seguir, uma tabela ilustrativa em que retomamos alguns dos casos de modalização explicitando a presença de elementos verbais e não verbais, com destaque para as categorias de análise trabalhadas e como intuito de demonstrar que todas elas foram registradas em nossas análises.

Tabela 10: Ilustração das ocorrências verbo-gestuais por categorias de análise

	ESCOPO TEÓRICO: LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL			ESCOPO TEÓRICO: MULTIMODALIDADE		
	Sistema de modalidade: Modalização			Classificação gestual: Tipos de gestos		
	Verbo modal	Adjunto modal	Expressão modalizadora	Gesto icônico	Gesto metafórico	Gesto dêitico
(1) V1: Excerto 3	estaria a asseverar L-183/186: eu fui questionado por jornalistas... eu estou SEMpre pronto a falar aos jornalistas... quanto a uma frase da presidente Dilma... que ela <u>estaria a asseverar</u> ...	-	-	-		-
(2) V2: Excerto 12	-	talvez L-291/292: “e <u>talvez</u> tenha havido... éh:... discussões jurídicas mais éh:... sérias...”	-	-		-
(3) V2: Excerto 15	-	-	todo um grupo L-448/450: “éh... mantendo toda a organização criminosa... <u>chamemos assim</u> ... todo um grupo... então... veja...”	 	-	-

			no sentido amplo da expressão L-104/106: "eu tenho o que nesse caso? um golpe... <u>no sentido amplo da expressão</u> ... um golpe sem armas... um golpe sem tanques..."	 		
(4) V3: Excerto 6						
(5) V3: Excerto 10	pode L-266/273: "se não há justa causa para o impeachment... o judiciário <u>Pode</u> rever SIM... como revê processos administrativos [...] sem adentrar ao mérito [...] mas <u>Pode rever sim l'</u> "		a meu ver L-273/274: " <u>a meu ver</u> ... mas há magistrados da suprema corte que dizem claramente que não..."		 	
(6) V3: Excerto 12		eventualmente L- 377/379: "bom... então aí (e) faço uma pergunta Vera... <u>se eventualmente </u> você no seu jornal pratica um ato delituoso..."			 	

Observando os casos reapresentados na tabela ilustrativa, o que mais nos chamou a atenção foi que na relação entre a modalidade verbal e a modalidade gestual o maior número de ocorrências modalizadoras se deu por meio de uma relação abstrata entre o verbal e gestual. Retomando caso a caso, temos:

- (1) um *verbo modal* e um *gesto metafórico*. A modalização verbal ocorre através do tempo verbal de *estaria*, quando o entrevistado refere-se à fala de um jornalista que seria atribuída à fala da Presidente Dilma. Esse caso é marcado por uma disparidade entre o verbal e gestual, onde a modalização verbal ganha outra dimensão, a de certeza, ao observarmos o gesto;
- (2) um *adjunto modal* associado a um *gesto metafórico*. Há uma relativização do que é expresso através do uso do adjunto *talvez*, que é explícita também por meio do gesto de sobreposição das mãos, de dentro para fora;
- (3) uma *expressão modalizadora* mais um *gesto icônico*. A expressão *todo um grupo* é recategorizada a partir de *organização criminosa*, portanto, indicando uma modalização em relação aos diferentes referentes e cargas semânticas expressas. Essa modalização também é expressa pelo gesto, com os braços abertos e mãos reforçando a ideia de círculo/grupo;
- (4) uma *expressão modalizadora* com um *gesto icônico*. A inserção de *no sentido amplo da expressão*, quando refere-se à ideia de golpe, relativiza ou ameniza o tom enfático do que foi dito. Essa expressão vem acompanhada da ideia de amplitude, representada pelo gesto com as mãos;
- (5) duas ocorrências modalizadoras: (i) um *verbo modal* e um *gesto metafórico*, o verbo *pode*, que indica probabilidade, é reforçado pelo gesto que pontua a probabilidade como positiva, e (ii) uma *expressão modalizadora* e um *gesto dêitico*, a expressão *a meu ver* modaliza a fala do entrevistado à medida que reduz o impacto da sua afirmação, e o gesto indica que trata-se de uma opinião própria;
- (6) um *adjunto modal* e um *gesto metafórico*. O uso do adjunto *eventualmente* modaliza a fala do entrevistado indicando uma usualidade. O gesto contribui para a expressão da ideia de que *eventualmente*, quem sabe, em algum momento, aquilo que ainda não é real possa acontecer.

Passemos às considerações finais, a partir da página seguinte.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de trabalhar com a modalização na relação verbo-gestual, isto é, com desenvolvimento das práticas de modalização orais com interação face a face verificando elementos verbais e gestuais, surgiu mediante algumas inquietações que acabaram guiando o desenvolvimento desta pesquisa. Encontrarmos aparato teórico na Linguística Sistêmico-Funcional e na Multimodalidade, que juntas nos permitem chegar a considerações mais interessantes sobre a língua na sua modalidade verbal e língua enquanto entidade que está para além das palavras, reconhecendo as várias semioses presentes nas nossas situações de interlocução como fundamentais na comunicação entre nossos pares.

Dentre as considerações no decorrer desta pesquisa, estão a proposta de inseparabilidade entre gesto e língua, defendida por McNeill (1992), conforme Pereira (2010), pois de acordo com esses pesquisadores, em um enunciado de produção oral, fala e gestos estão intrinsecamente ligados e os significados são evocados a partir dos dois modos, não apenas da fala. Embora reconheçamos a necessidade de certas divisões para tornar uma pesquisa mais didática e com compreensão possível, assim como para que ela seja considerada uma investigação linguística, essa consideração é bastante cara à nossa pesquisa.

Revisando a proposta de inseparabilidade entre fala e gestos, lembramos que esses autores consideram que a ligação entre estes dois modos dá-se por meio do significado, do tempo e da função. Do *significado* pela relação coexpressiva entre semântica e pragmática, do *tempo* porque podem ocorrer em sincronia e da *função* porque juntos podem formar um sistema que represente a mesma ideia de diferentes modos (cf. McNEILL, 1992 *apud* PEREIRA, 2010, p. 49). Assim sendo, os gestos não devem ser considerados como meros movimentos acompanhantes ou ilustradores da fala, eles são parte integrante da formulação dos discursos, e estão cheios de significados de complementação e até de substituição de expressões verbais.

A concepção sobre o fenômeno da modalização, já apresentada no **Capítulo 2**, é de que a modalidade é um recurso interpessoal relacionado ao julgamento que os falantes fazem em diferentes graus, este recurso “Refere-se a como falantes e escritores assumem uma posição, expressam uma opinião ou ponto de vista ou

fazem um julgamento." (FUZER; CABRAL, 2014, p. 114). A modalização, portanto, faz parte das estratégias usadas para a formulação de argumentos e defesa de pontos de vista e que ocorre por meio de vários recursos.

Sumarizando o nosso entendimento sobre a modalização na relação verbal e gestual, assim como Rodriguez (2016, p. 14), acreditamos que as "feições e a postura podem ser lidas também como formas de modalização do discurso que permitem ao locutor imprimir no seu enunciado uma avaliação sobre o conteúdo de sua enunciação". Esta é uma das observações que consideramos ser verdadeira também com base nos nossos achados.

Tendo isso em mente, nosso trabalho foi pautado a partir das seguintes indagações: (1) como as semioses não verbais, presentes nos atos de fala, se comportam durante a modalização verbal? (2) a produção de gestos ou expressões faciais contribui e corrobora com a modalização verbal ou pode haver uma discrepância entre os modos? Para responder a tais questionamentos, que também deram origem aos nossos objetivos, constantes na introdução deste trabalho, tomamos por base o referencial teórico já citato e as investigações semelhantes que tratam da relação verbo-gestual nas interações face a face.

Ao término das análises, concluímos que os objetivos pautados foram cumpridos e que os resultados encontrados no material que analisamos foram satisfatórios, tendo em vista o caráter qualitativo da pesquisa. Os resultados sumarizados no tópico (5.4) do capítulo anterior mostram que embora tenhamos encontrado casos em que os gestos ou expressões faciais que não foram representativos para a modalização verbal, também encontramos, em grande maioria, semioses que, associadas à fala, foram responsáveis por relações de sentido que indicavam repetição, complementação e até de (possível) substituição.

Após a transcrição e normatização das três entrevistas selecionadas, em que nelas estavam três das figuras de alta representatividade no cenário jurídico-político nacional, destaque-se Marco Aurélio Mello e Gilmar Mendes, ministros do STF, e José Eduardo Cardozo, ex-ministro e então advogado de defesa de Dilma Rousseff, foi feita a seleção dos prováveis casos de modalização e partimos para a análise. Ao realizarmos a pré-seleção e, em seguida, a análise dos três blocos das três entrevistas, concluímos que foi muito recorrente a presença de elementos modalizadores nas falas de Mendes e Cardozo, porém pouquíssimas ocorrências na fala de Mello.

A escolha dos três entrevistados foi proposital no sentido de que na seleção de entrevistas que abordassem em profundidade o tema do *impeachment* houvesse dois entrevistados com visões opostas, um favorável ao processo e um contrário, e um terceiro entrevistado que fosse mais isento em relação a sua opinião acerca do andamento do processo. Esperávamos que houvesse alguma disparidade entre os dois primeiros e o terceiro, mas não como ocorreu. A principal explicação que encontramos para esse resultado está justamente no fato de que aquele que se comportou de forma mais isenta sobre os assuntos tratados na entrevista, em especial sobre o *impeachment* não teve a necessidade de modalizar sua fala a todo o momento. Já os outros dois entrevistados, que representavam pontos de vista de *defesa* e *acusação*, precisaram a todo o momento formular (contra)argumentos, supor ideias e livrar a face de certas assertivas que pudessem lhes comprometer, para isso fizeram o uso muito frequente da modalização.

Outras considerações sobre a recorrência das vozes de Mendes e Cardozo serem altamente modalizadas podem ser levantadas através das seguintes questões:

- a) por serem figuras públicas suas vozes têm muita repercussão no cenário nacional, seja entre cidadãos comuns, entre políticos, assim como em setores da justiça, que eles mesmos integram. Além disso, a modalização pode ocorrer porque suas vozes são muitas vezes deturpadas por meio da mídia convencional e, mais recente, por meio das chamadas mídias sociais;
- b) a formação de todos eles advém do direito civil, ou seja, para se tornar um bom advogado é necessário saber defender o ponto de vista que lhe convém, ter argumentos que, por mais que não sejam os verdadeiros, sejam efetivamente os mais convincentes;
- c) o contexto da realização da entrevista é um programa de TV aberta, sem restrição de público, com perguntas ao vivo e que sempre vão tocar nos temas mais polêmicos que aquele entrevistado esteja/esteve envolvido de algum modo. Além disso, há uma bancada de entrevistadores que possuem singularidades nas formas de expressar suas dúvidas e ponderações acerca de fatos ocorridos. Para tudo isso faz-se necessária a cordialidade, a polidez e formulação de contra-argumentos que não sejam considerados como grosserias ao interlocutor responsável pela pergunta.

Todas essas questões levantadas fazem parte do rol de possibilidades encontradas no *corpus* e a maioria delas está presente nos excertos analisados anteriormente. Dois dos casos que podemos reapresentar em relação à polidez são os presentes no vídeo 3, excertos 7 e 8.

Consideramos que o registro de quase cem por cento dos casos de modalização estarem ligados à ideia de probabilidade se deve ao fato de haver muitos casos hipotéticos criados pelos entrevistados para referir-se a quatro dos principais referenciados nas entrevistas e que são atores do *impeachment* e dos graves que provocaram, aos poucos, a alta rejeição do governo Dilma, são eles: Eduardo Cunha, Sergio Moro, Lula e a própria Dilma. São muitos os casos de modalização fazendo referência a possibilidades, ao provável, ao não concretizado, a suposição. Quase não há nas falas dos entrevistados a ideia de frequência associada às atitudes desses quatro personagens, daí então a rara modalização ligada ao conceito de usualidade.

Pensando na perspectiva do Envelope Multimodal, ao considerarmos os três planos de composição, tivemos muitas produções gestuais e verbais, mas pouca representatividade das semioses advindas das expressões faciais. Talvez isso se deva ao foco da câmera, que fica distante do rosto do entrevistado, o que pode dificultar a nossa visualização, porque o ângulo capturado quase sempre é o de perfil. Pode ser também que algumas pessoas desenvolvam uma expressão facial menos marcada de emoções.

Outro ponto a ser explicitado é que reconhecemos certa dificuldade em definir a polaridade das expressões modalizadoras, diferentemente dos verbos e adjuntos modais. Esse fato certamente se deve ao envolvimento dos elementos que compõem as expressões modalizadoras com questões mais amplas do texto. Diríamos que esse tipo de modalização é considerada mais contextual, pois pode evocar uma série de questões que não se limitam à uma frase dita ou uma resposta, no caso das entrevistas que analisamos.

Nossos resultados comungam com pesquisas como as de Pereira (2010) e Ranieri (2015), no tocante à relação verbo-gestual como relevante para a construção de sentidos nas interações face a face. Embora estejamos falando de uma das bases teóricas diferentes, elas com a Linguística de Texto e nós com a LSF, assim como o fenômeno estudado, elas trabalharam com referênciação e nós com modalização, as suas considerações no campo da Multimodalidade e em específico

das gestualidades foram-nos muito relevantes para compreensão do trabalho com os gestos e suas características muitas vezes sutis e de difícil percepção.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas para o desenvolvimento desta pesquisa foi com a transcrição e normatização do *corpus*, dadas as especificidades, a repetição exaustiva de um mesmo fragmento para obter a transcrição da forma verbal e, principalmente, os detalhes minuciosos de cada gesto realizado no momento da ocorrência a ser registrada.

Esperamos que esta investigação possa ser útil para quem ocasionalmente tenha acesso a ela. Que as discussões desenvolvidas ao longo das páginas que compõem o miolo deste texto possam, de repente, incentivar mais pessoas a pesquisarem nessa perspectiva teórica e nesse campo que envolve a relação entre o modo verbal e o gestual.

Por fim, é preciso afirmar que todos nós sempre aprendemos bastante com um trabalho dessa natureza. O aprendizado não fica registrado apenas enquanto desenvolvimento do gênero acadêmico dissertação e enquanto pesquisador, mas também no crescimento como ser humano que aprende a lidar com as dificuldades e buscar soluções, que aprende a liderar a si mesmo em busca do novo.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA-NÓBREGA, P. V. **Dialogia mãe-bebê**: a emergência do envelope multimodal em contextos de atenção conjunta. 2010. 92f. Dissertação (Mestrado). UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2010. p. 9-14.
- ÁVILA-NÓBREGA, P. V.; CAVALCANTE, M. C. B. Aquisição de linguagem em contextos de atenção conjunta: o Envelope Multimodal em foco. In: **Revista Signótica**. v. 24, n. 2. Goiânia, jul./dez. 2012. p. 469-491. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/18782/13275>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- BENTES, A. C.; RIO, V. C. A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 265-291.
- BRASIL, Ministério da Educação - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Banco de teses e dissertações**. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!>. Acesso em: 02 ago. 2016.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. In: **Revista do GELNE**, v. 12, n. 2, 2010.
- CAVALCANTE, M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Orgs.). **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 177-196.
- _____. **Multimodalidades e leituras**: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais. (Org.). Recife: Pipa comunicação, 2014.
- EXAME. **Lula diz que Temer tem que ‘sair logo’ e defende eleições diretas**. 20/05/2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/lula-diz-que-temer-tem-que-sair-logo-e-defende-eleicoes-diretas/>>. Acesso em 30 mai. 2017.
- FLEWITT, R.; HAMPEL, R.; HAUCK, M.; LANCASTER, L. What are multimodal data and transcription? In: JEWITT, C. (Org.). **The routledge handbook of multimodal analysis**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2009. p. 40-53.
- FOLHA DE S. PAULO. **'É preciso reagir à reforma tal como querem impô-la', diz leitor**. 17/03/2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/paineloleitor/2017/03/1867221-e-preciso-reagir-a-reforma-tal-como-querem-impo-la-diz-leitor.shtml>>. Acesso em 30 mai. 2017.
- FOLHA DE S. PAULO. **Michel Temer pode sair do cargo por quatro maneiras; veja como**. 18/05/2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1885103-o-que-pode-acontecer-caso-michel-temer-saia-do-cargo-de-presidente.shtml>>. Acesso em 30 mai. 2017.

- FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. de. **Transitividade e seus contextos de uso.** Coleção leituras introdutórias em linguagem, v. 2. São Paulo: Cortez, 2011.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa.** Campinas: Mercado de Letras, 2014.
- FUZER, C.; TICKS, L.; CABRAL, S. R. S. Análise sistêmico-funcional como suporte para a leitura de textos: o caso da Cerveja Devassa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** [online]. 2012, vol.12, n.4, p.883-909. ISSN 1984-6398. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982012000400011>>. Acesso em 20 nov. 2016.
- GOUVEIA, C. A. M. Texto e Gramática: uma introdução à lingüística sistêmico-funcional. In: **Matraga**, RJ, v. 16, n. 24, p.13-47, jan./jun. 2009.
- HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, J. (Org.) **Novos horizontes em lingüística.** São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976, p. 134-160.
- JEWITT, C.; BEZEMER, J.; O'HALLORAN, K. **Introducing multimodality.** 1. ed. Abingdon, Oxon: Routledge, 2016. p. 1-29.
- KNAPP, M. L.; HALL, J. A. **Comunicação não-verbal na interação humana.** (Trad. BARROS, M. A. L. de) 2 ed. São Paulo: JSN Editora, 1999.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** (trad. BOREIRA, B. V; BOREIRA, N.) 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- LABORATÓRIO VIRTUAL DE PSICOLINGUÍSTICA, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). **Psicolinguística Wiki.** Disponível em: <<http://psicolinguistica.letras.ufmg.br/wiki/index.php/Verbetes>>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- MAVERS, D.; KRESS, G. Semiótica social e textos multimodais. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. (Orgs.). **Teoria e métodos em pesquisa social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.p. 225-233.
- MAX PLANCK INSTITUTE FOR PSYCHOLINGUISTICS. **The language archive:** ELAN. Disponível em: <<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>>. Acesso em: 06 dez. 2016.
- MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E. M. (Org.). **A semiologia das afasias**: perspectivas linguísticas (livro eletrônico). 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=68bFAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&ots=xXtQ35C54y&sig=SSENTR9qFqY5njLNXIQuEPFfv4#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

NATIONAL CENTRE FOR RESEARCH METHODS. **Glossary of multimodal terms**. Disponível em: <<https://multimodalityglossary.wordpress.com/multimodality/>>. Acesso em: 02 fev. 2017. MATSCHNIG, M. Linguagem corporal em 30 minutos (Trad. ENGEL, F. R. F.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. V. (Org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. rev. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2002. p. 171-208.

_____. **Texto e gramática**. 1. ed. 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011. p. 151-221.

O GLOBO. **Lula diz que eleições diretas seriam melhor em caso de cassação**. 04/04/2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/lula-diz-que-eleicoes-diretas-seriam-melhor-em-caso-de-cassacao-21156837>>. Acesso em 30 mai. 2017.

PEREIRA, A. C. C. **Os gestos das mãos e a referenciação**: investigação de processos cognitivos na produção oral. 2010. 148 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

PORTAL G1. **Comissão deve votar reforma trabalhista nesta terça; oposição quer obstruir**. 30/05/2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/comissao-deve-votar-reforma-trabalhista-nesta-terca-oposicao-quer-obstruir.ghtml>>. Acesso em 30 mai. 2017.

PORTAL UOL. **De olho em delação, Palocci diz a Moro que está disposto a revelar 'nomes e operações'...** 20/04/2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/04/20/palocci-diz-a-moro-que-esta-disposto-a-revelar-nomes-e-operacoes.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 30 mai. 2017.

RAMOS, P. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. In: **Linguagem em (Dis)curso** [online]. v.12, n. 3. pp. 743-763. Tubarão - SC, 2012. ISSN 1518-7632. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1518-76322012000300005>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

RANIERI, T. L. da S. **Estratégias de construção da referência em práticas pedagógicas**. 2015. 220 f. Tese (Doutorado em linguística) – Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015a.

_____. Referenciando semioses não verbais: breves reflexões. In: **Revista Estudos Linguísticos**, v. 44, n. 3, p. 1276-1286. São Paulo, set-dez. 2015b. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1055>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. **Comunicação não-verbal**: a gestualidade brasileira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

RODA VIVA. TV Cultura. **Entrevista com Gilmar mendes**. [vídeo: 1h, 20m, 10s]. 18 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oPmiUyjKczQ>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

RODA VIVA. TV Cultura. **Entrevista com José Eduardo Cardozo**. [vídeo: 1h, 20m, 54s]. 22 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aqH4FBHJzJQ>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

RODA VIVA. TV Cultura. **Entrevista com Marco Aurélio Mello**. [vídeo: 1h, 22m, 34s]. 04 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A02OiSe8gUA&t=54s>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

RODRIGUEZ, A. M. C. **Multimodalidade, modalização e escolhas lexicais como estratégias argumentativo-persuasivas em um vídeo de propaganda eleitoral**. In: MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso, v. 07, n. 2. ISSN 1807-9717. UNINCOR, julho-dezembro de 2016. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/viewFile/3776/pdf_84>. Acesso em: 10 fev. 2017.

SANTANA, L. V. **Recursos linguísticos interpessoais na argumentação**: análise de artigos de opinião em uma perspectiva sistêmico-funcional. 2011. 135 f. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2011. p. 28-58.

SANTOS, Z. B. dos. A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações. In: **Revista SOLETRAS** - Língua em uso: gramática, discurso e construções. n. 28. ISSN: 2316-8838. Faculdade de Formação de Professores da UERJ, 2014. Disponível em:<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/issue/view/940>>. Acesso em: 21 set. 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SILVA, I. J. da. **Referenciação e multimodalidade**: construções verbo gestuais em um programa de TV via web. 2015. 75 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Serra Talhada, 2015.

_____. O processo de referenciação na relação verbo-gestual: um recorte do videoblog “Salto Agulha”, de TVeja. In: ATAÍDE, C. A. et al. (Orgs.) **Anais da XXVI Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**. Área temática 9. 1. ed. ISBN 978-85-66530-69-8. Recife: Pipa Comunicação, 2017. p. 189-204.

SILVA, R. C. da. **Representações do livro didático de inglês**: análise dos discursos de produtores e usuários com base na Linguística Sistêmico-Funcional. 332 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio, Departamento de Letras, 2012. p. 30-56. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812833_2012_Indice.html>. Acesso em: 19 set. 2016.

SILVEIRA, D. T.; CÓDOVA, F. P. Pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-34.

SOARES, N. M. M.; SILVA, E. C. M. Relações interpessoais: modalidade no discurso institucional. In: **Revista Virtual de Letras**. ISSN: 2176-9125v. 08, nº 01, jan/jul, 2016. p. 314-334.

SOUZA, M. M. de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. 2006. 288f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SOUZA, M. M. de; MENDES, W. V. Tema circunstancial e textualidade. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.(Org.). **A gramática da oração: diferentes olhares**. Natal: EDUFRN, 2015. p. 193-215.

STEINBERG, M. **Os elementos não-verbais da conversação**. 1. ed. São Paulo: Atual, 1988.

WILSON, C. D. R. J. **Relações interpessoais em fórum de discussão online: a perspectiva sistêmico-funcional em práticas discursivas de ensino a distância**. 2008. 268 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. p. 55-76.

APÊNDICES

As transcrições do *corpus* podem ser consultadas a partir da página seguir ou *online*, através da leitura do *QR Code* abaixo.



Apêndice A: Transcrição de entrevista - Vídeo 1

VÍDEO 1: PROGRAMA RODA VIVA – 04/ABR/2016			
Entrevistado: Marco Aurélio Mello		Tempo do 1º bloco: 21' 55"	Tempo total do programa: 1º 22' 34"
Linha	Tempo	Sujeito	Transcrição de fala
1	01:09		boa noite... estamos ao vivo em todo país pela TV Cultura... pelas emissoras afiliadas e pelo nosso canal no YouTube... hoje... a nossa bancada de entrevistadores é formada por... José Nêumanne... editorialista do jornal O Estado de São Paulo... e comentarista da TV Gazeta e da Rádio Estadão... André Guilherme Vieira... repórter do jornal Valor Econômico... Gisele Vitória... colunista da revista Isto É... Maria Cristina Frias... editora da coluna Mercado Aberto... do jornal Folha de São Paulo e Murilo Ramos colunista da revista Época... contamos também... como sempre... com os desenhos feitos em tempo real pelo cartunista Paulo Caruso... agora você pode acompanhar o Roda Viva em seu celular e também rever entrevista anterior... É só baixar o programa na loja de aplicativos do seu aparelho... ministro Marco Antônio Melo... muito obrigado pela...
2		Augusto Nunes	
3		Marco Aurélio Mello	Marco Aurélio (...)
4		Augusto Nunes	Marco Aurélio MElo... perdão... muito obrigado... e como se eu não tivesse entrevistado o senhor várias vezes...
5		Marco Aurélio Mello	pois é... ((rindo)) nos conhecemos há tantos anos...
6		Augusto Nunes	muito obrigado pela aceitação do convite... o senhor esteve aqui em outubro... como sempre concedeu uma entrevista excelente... sobretudo porque o senhor é um homem franco... é por isso também... como explica a abertura... que quisermos o senhor aqui de volta... eu começo perguntando o seguinte... ah... no episódio da divulgação das conversas gravadas pela Polícia Federal... o senhor... o que é que incomodou mais o senhor... a divulgação em SI das
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			
22			
23			
24			
25			
26			
27			
28			
29			

30			gravações... ou o conteúdo das conversas gravadas pela Lava Jato?	
31				
32		Marco Aurélio Mello	ambas as coisas... a divulgação é condenável a todos os títulos... já que nós temos uma lei que impõe o sigilo:... e houve a divulgação do objeto... da interceptação telefônica... agora o conteúdo também é algo super desagradável... para dizer o mínimo...	
33				
34		Augusto Nunes	ah:::::: a divulgação seria o quê é uma infração processual... um erro processual... e-eu pergunto... primeiro isso... para saber... se... uma infra... uma IRREGULARIDADE desse tipo... é mais importante que o CRIme que ela documenta...?	
35				
36				
37				
38				
39				
40				
41				
42				
43				
44	03:56	Marco Aurélio Mello	cometida a divulgação pelo cidadão comum... é um CRIme... e há pena prevista para esse crime na própria lei de regência... <u>agora:</u> [...] por um...	<i>Direciona a mão direita semiaberta com a palma para cima, na altura do peito, para próximo de si. Ao mesmo tempo eleva um pouco a coluna e o pescoço e põe a cabeça/face mais à direita ((relação direta com a fala a seguir)).</i>
45				
46				
47				
48		Augusto Nunes	a divulgação...	
49				
50				
51				
52				
53		Marco Aurélio Mello	sim sim... por um magistrado... por um juiz da causa... evidentemente se tem aí um erro de procedimento... e que deságua em uma sanção no campo administrativo...	
54				
55				
56				
57				
58		Augusto Nunes	Maria Cristina abre a roda...	
59				
60				
61				
62				
63		Maria Cristina Frias	obrigada... boa noite ministro... diferentes grupos têm proposto eleições gerais ou eleições pra presidente... seja por referendo... seja por emenda... constitucional... eleições aGORA... essa ideia de eleições agora É constitucional?	
		Marco Aurélio Mello	de início... eleições gerais aí... pressuporia uma renúncia coletiva... renúncia não só daqueles que ocupam cargos no executivo como também no legislativo... e isso é uTÓpico... e isso é algo irreal considerada a cultura brasileira... nós não temos como... implementar uma emenda... para alterar um processo em CURSO... e... ter-se portanto as eleições...	

64	05:00	Marco Aurélio Mello	gerais... essa emenda... <u>de início</u> ... <u>e aí o conceito é um conceito técnico</u> ... ela se mostraRia contrária aos ditames constitucionais...	Com as mãos abertas, próximas e paralelas, direcionadas para frente, distantes do corpo. Em seguida, separa um pouco as mãos, e, com as palmas para cima, faz movimentos repetitivos e curtos de cima para baixo, dando pausa a cada dois toques.
71		Augusto Nunes	Nêumanne...	
72		José Nêumanne	boa noite ministro...	
73		Marco Aurélio Mello	boa noite... Nêumanne...	
74		José Nêumanne	ministro... eu sou um cidadão direito... mas se eu fosse um bandido... eu adoraRIA ter foro privilegiado... porque o Supremo Tribunal Federal é MU:ito leniente... e eu... tenho provas históricas... por exemplo... Eduardo AzeREdo... cometeu o Mensalão mineiro e passou anos... impune... sob a égide do Supremo que nunca o julgava... NA hora que ele cometeu a estupidez de renunciar ao privilegiado porque ia ser pego... um juiz pegou e meteu-lhe VINTE anos de cana... o senhor tá aí se queixando aí do... do Sérgio Moro... (agora) o Sérgio Moro condenou sesSENta e Sete... éh:... réus... em dezesSETE processos... enquanto isso vocês estão LÁ:... o Renan Calheiros nove proce:ssos... o Eduardo Cunha:... seis proCE:ssos... RÉ:u... então ninguém é julga:do... então o Lulinha que é um grande malandro... tá lá sobre a sombra da impunidade de vocês... e vocês brincam... olha o Lula é isso... o Lula é aquilo... e o julgamento vai sendo postergado... né...	
92		Augusto Nunes	pergunta...	
93		José Nêumanne	a pergunta é a seguinte... é um GRANde negócio ter foro privilegiado no Brasil... não...?	
95		Marco Aurélio Mello	em primeiro lugar eu não critiquei o colega Sérgio Moro:....	
96		José Nêumanne	aCABOU de criticar...	
97				

98		Marco Aurélio Mello	não não... de forma alguma... eu então fui mal compreendido... como tenho sido mal compreendido em certos episódios... eu fiz... ah... uma constatação... ou seja... houve uma divulgação frontalmente contraria à lei... ah::::: a minha colocação é uma colocação científica... em segundo lugar eu <u>não posso concordar</u> de forma alguma... (...)	
99				<i>Com as mãos na altura do peito, com os dedos encostados ao avesso, para dentro, ao mesmo tempo em que balança a cabeça dando sinal de negativo.</i>
100				
101				
102				
103	06:58	Marco Aurélio Mello		
104		José Nêumanne	(...) sessenta e sete a zero...?	
105				
106				
107		Marco Aurélio Mello	com o enquadramento... com o enquadramento no Supremo... do Supremo... como órgão benevolente... nós temos um exemplo recente... que é o julgamento do processo que ficou conhecido como Mensalão... e impusemos uma condenação (...)	
108				
109				
110				
111				
112		José Nêumanne	TÁ todo mundo solto... inclusive PERdoados... com pena perdoada (...)	
113				
114		Marco Aurélio Mello	()	
115				
116		José Nêumanne	só os que não tem pri... só os que não tem foro privilegiado...	
117				
118		Marco Aurélio Mello	(com crime perdoado) pelo Supremo não... houve um indulto natalino... e nós temos que cumprir a LEI...	
119				
120		José Nêumanne	ah:::: mas... ô::ô: o Marcos Valério tá preso...	
121				
122		Augusto Nunes	(pera um pouco NêumaNNE...) o ministro precisa concluir a resposta (...)	
123				
124		Marco Aurélio Mello	não transfira (...)	
125				
126		José Nêumanne	não é porquê (...)	
127				
128		Augusto Nunes	()	
129				
130		Marco Aurélio Mello	não transfira essa responsabilidade para o Supremo... o Supremo é a última trincheira da cidadania... e a atuação dele é uma atuação vinculada.... vinculada à Constituição Federal... e fora disso não há salvação como já dizia Rui Barbosa	
131				

132	(?)	ministro (...)	
133	Augusto Nunes	mas sobre ()... é só... só um minutinho para a gente não perder a hora () o senhor não respondeu sobre o foro privilegiado... se é um bom negócio...	
134	Marco Aurélio Mello	todos sabem a minha concepção sobre a PRErogativa de foro... o privilégio... se é que é privilégio... porque há queima de etapas... tem-se penada única... mediante o pronunciamento do Supremo... de ser julgado pelo Supremo... eu so:::::u de concepção democrata... eu penso que todo e qualquer cidadão... independentemente do cargo ocupado... por que nós não julgamos o cargo... nós julgamos o cidadão... deve se::r julgado pelo juiz de primeira instância... como ocorre... por exemplo... e a nossa::::: o nosso judiciário foi criado à imagem americana... principalmente a suprema corte... nos Estados Unidos da América...	
135	Augusto Nunes	Gisele Vitória...	
136	Gisele Vitória	boa noite ministro...	
137	Marco Aurélio Mello	(oi) Gisele...	
138	Gisele Vitória	eu que.../éh::::: é o senhor na semana passada declarou essa frase... "se não houver fato jurídico que respalde o processo de impedimento esse processo se enquadra no figurino legal e transparece como golpe..." m::::: eu primeiro queria perguntar se::::: essa impressão de golpe que o senhor... se refere... ela pode agravar ainda mais a crise do que solucionar... porque que o/senhor vê esse...	
139	Augusto Nunes	sobre o impeachment... a frase...?	
140	Gisele Vitória	sobre o impeachment... éh::::: porque que senhor vê esse cenário... e:::: pegando uma caroninha também aqui pensando aqui que o rito de impeachment ele é muito mais de natureza política do que jurídica... éh::::: éh::::: realmente talvez não haja elementos jurídicos para uma ação criminal... mas pensando assim eu pergunto para o senhor	
141			
142			
143			
144			
145			
146			
147			
148			
149			
150			
151			
152			
153			
154			
155			
156			
157			
158			
159			
160			
161			
162			
163			
164			
165			

166			se o senhor também acha que o impeachment do presidente... do ex-presidente Collor... transpareceu como um golpe... já que ele foi::::... absolvido no Supremo depois...	
167				
168				
169		Marco Aurélio Mello	várias são as perguntas...	
170				
171		Augusto Nunes	pra aproveitar o tempo.... ((sorrindo))	
172				
173				
174				
175	10:13	Marco Aurélio Mello	vou começar... pela última... a resposta à última pergunta... houve uma decisão... houve uma decisão do Congresso Nacional quanto ao impedimento do ex-presidente Fernando Affonso Collor de Mello... e <u>eu tenho que pressupor</u> que essa decisão foi uma decisão correta... segundo o figurino... constitucional e o figurino legal...	<i>Com a coluna ereta, a face mais à esquerda, olhos mais abertos e sobrancelhas levantadas, direciona as mãos semiabertas para o peito com os polegares para cima.</i>
176				
177				
178				
179			agora eu sou mu::ito mal compreendido... <u>parece</u> que eu não falo bem o português... né/o vernáculo... porque:::::	((A imagem é capturada com o entrevistado de costas)).
180				
181		Augusto Nunes	a chance do senhor se explicar... e:::: esclarecer todas (as dúvidas) ()	
182				
183				
184				
185				
186	10:45	Marco Aurélio Mello	exatamente... exatamente... eu fui questionado por jornalistas... eu estou SEMpre pronto a falar aos jornalistas... quanto a uma frase da presidente Dilma... que <u>ela estaria a asseverar</u> ... como assevera até os dias atuais... que o impedimento... o processo de impedimento... que não deixa de ser um processo-crime... ele::::: é um golpe...	<i>Põe a mão direita na altura do peito e dá dois toques no ar com o pulso fechado e o polegar firme sobre os demais dedos.</i>
187				
188				
189				
190				
191	11:02		o que eu foi... o que foi que eu disse então... eu disse olha... <u>haverá procedência</u>	<i>Leva a mão direita semiaberta para dentro, que estava à frente para próximo do peito.</i>
192				
193				
194	11:03	Marco Aurélio Mello	<u>do que é asseverado pela chefe do executivo nacional</u>	<i>Estica o braço com a mão aberta, na vertical, dando dois toques no ar em escala de distanciamento do corpo.</i>
195				
196	11:07		<u>se não se tiver um fato jurídico</u> ... ou seja crime de responsabilidade... eu não admiti o processo que está em andamento... que eu inclusive não conheço o teor desse processo... as imputações em si... eu não parei para	<i>Com a cabeça elevada e a coluna ereta, o braço direito eleva a mão à altura do peito com as pontas dos dedos juntas para cima, dando vários toques no ar.</i>
197				
198				
199				

200			examiná-lo porque recebo por semana no gabinete uma média de cem processos novos... né... eu não conheço e não me atreveria... a antecipar essa visão de que estaríamos diante de um golpe... o que eu asseverei e assevero neste momento aos cidadãos em geral é que <u>se não houver</u> um fato jurídico... já que o processo ele tem uma mesclagem do político com o jurídico... <u>se não houver</u> ... aí sim... se terá um golpe político...	
201				((A câmera não mostra o entrevistado, ela dá foco ao desenho do cartunista Paulo Caruso))
202				((A câmera não mostra o entrevistado, ela dá foco ao desenho do cartunista Paulo Caruso))
203				
204				
205	11:45			
206	11:53			
207				
208		Augusto Nunes	o senhor acha que ainda não há?	
209				
210		Marco Aurélio Mello	não... eu não examinei... Augusto... Augusto Nunes... eu não examinei... não parei pra examinar e não antecipi... anteciparia um convencimento sobre essa matéria... sabendo que ela está submetida ao Congresso Nacional...	
211				
212				
213		Augusto Nunes	prefeito... Murilo...	
214		Murilo Ramos	boa noite ministro... tudo bem?	
215				
216		Marco Aurélio Mello	boa noite Murilo...	
217				
218		Murilo Ramos	ministro éh... nas... gravações com senhor acaba de mencionar que foram divulgadas pelo... autorizadas divulgação pelo... pelo juiz Sérgio Moro... há um trecho em que o presiden... o ex-presidente Lula diz que o Supremo Tribunal Federal tá acovardado... éh... o senhor concorda com essa:: afirmação? os ministros do Supremo Tribunal Federal eles terão condições de... BEM julgar isso... diante das pressão das ruas que tá... bastante... considerável...	
219				
220				
221				
222				
223				
224				
225				
226		Marco Aurélio Mello	Murilo Ramos porque a cadeira ocupada por um juiz no Supremo é uma cadeira vitalícia? é vitalícia para nós atuarmos com absoluta equidistância... é o que eu costumo sempre dizer... processo não tem CAp... processo tem conteúdo... tem articulação... têm causas de pedir que são examinados pelo Supremo presente apenas o figurino legal... (agora) julga os colegas por mim... você que acompanha a minha vida profissional a algum tempo... você acha que eu sou uma pessoa acovardada?	
227				
228				
229				
230				
231				
232				
233				

234		Murilo Ramos	acho que não ministro... mas os seus colegas talvez...	
235		Marco Aurélio Mello	não... de forma alguma... ao contrário... eles atuam com desprendimento e só se curvam à ciência e consciência possuídas... nada mais...	
236		Augusto Nunes	André...	
237				
238				
239				
240				
241				
242				
243				
244				
245				
246				
247				
248				
249				
250				
251				
252				
253				
254				
255				
256				
257				
258				
259				
260				
261				
262				
263				
264				
265				
266		Marco Aurélio Mello	não ficaria... se ocupasse uma cadeira no ministério das... da esplanada... ele não ficaria livre da persecução	
267				

268			crimINAL... ele:::: evidentemente teria esse foro que se diz como privilegiado... ou seja... ele teria o direito de ser julgado pelo Supremo... agora:::: eu não entendo como se possa imaginar um tribunal benevolente...	
272		André Guilherme Vieira	mas é mais lento né ministro... o senhor bem sabe disso...	
274		Marco Aurélio Mello	e nós não temos no país apenas um juiz... louvo o juiz Sérgio Moro que tem prestado grandes serviços à nação (...)	
276		André Guilherme Vieira	mas ministro (...)	
278		Marco Aurélio Mello	mas nós temos milhares de juízes também equidistantes e severos na observância da legislação...	
280		André Guilherme Vieira	mas o Supremo tá convertido numa espécie de câmara criminal... não é atribuição constitucional da corte né... atribuição é justamente do primeiro grau...	
283		Marco Aurélio Mello	não não não não não aí que está... nós temos uma competência muito abrangente... e o Supremo é clínica geral... ele se defronta com processo-crime... considerados aqueles que têm o direito de serem julgados pelo Supremo... e atua o Supremo com equidistância... e eu digo MAIS... eu penso... se fosse advogado... que:::: o crivo único... a partir do Supremo... ele é prejudicial à defesa... porque uma coisa é você percorrer com um processo-crime com acusação os diversos patamares do judiciário... outra coisa é você ter decisão em penada a única... pelo colegiado do Supremo... e hoje no tocante aqueles que são julgados pela turma não se tem mais os embargos infringentes... a pressuporem sempre sempre quatro votos vencidos... quatro votos na turma... que é composta por cinco integrantes... tem-se absolvição... do acusado...	
298		Augusto Nunes	Nêumanne...	
300		José Nêumanne	ministro eu vou insistir aqui na minha tese da leniência do Supremo... porque ele citou o Castelo de Areia... (que) foi (...)	

302		Marco Aurélio Mello	o Supremo não está em julgamento aqui...	
303		José Nêumanne	nã::o....	
304		Marco Aurélio Mello	e eu não sou advogado também do Supremo Nêumanne (...)	
305		José Nêumanne	desculpe ((rindo)) (...)	
306		Marco Aurélio Mello	e também não sou responsável aqui (...)	
307		José Nêumanne	eu preciso que (...)	
308		Marco Aurélio Mello	por tudo que o colegiado faz (...)	
309		José Nêumanne	eu preciso chegar aqui no meu argumento ((rindo)) (...)	
310		Marco Aurélio Mello	()	
311		José Nêumanne	senhor responde tudo que o senhor quiser... mas aí eu também () (...)	
312		André Guilherme Vieira	mas aí o Supremo tá protagonista....	
313		Marco Aurélio Mello	por que essa fixação... no Supremo? você não acredita na sua suprema corte?	
314		José Nêumanne	não... não acredito (...)	
315		Marco Aurélio Mello	olha...	
316		José Nêumanne	eu vou lhe dizer porque (...)	
317		Marco Aurélio Mello	isso é muito triste (...)	
318		José Nêumanne	ô-ô:::: a Operação Lava Jato... já houve antes (no) Castelo de Areia... por causa de um... uma/um erro de origem... cometido pelo Aristides Junqueira... a justiça... a ALTA corte da justiça brasileira... jogou no lixo... o castelo de areia	
319		Marco Aurélio Mello	não sei... não sei quem jogou no lixo...	
320		José Nêumanne	e foi toda retomada agora na Lava Jato...	
321				
322				
323				
324				
325				
326				
327				
328				
329				
330				
331				
332				
333				
334				

335		Marco Aurélio Mello	eu por exemplo... não apreciei essa matéria...	
336				
337		José Nêumanne	o Collor... o Collor foi impedido numa reunião... porque ele tentou fe... ele tentou usar o truque da renúncia... e... o Senado... sob a presidência do presidente do Supremo... não aceitou o truque dele e o impedi... o Collor VOLta e é absolvido pelo Supremo por um erro também éh::::: forMAL do processo... aí o Collor volta a delinQUIR... que é óbvio... porque a minha avó dizia... que o homem de bem falha... o canalha nunca falha... o Collor volta a delinquir e PROva... que estava CERto o Senado que o impidiu... estava ERRADA a justiça que o liberou depois... como acontece agora... o senhor diz... não Supremo não tem culpa... foi a... a Dilma que deu o indulto... só QUE o ÚNICO político está preso é o Zé Dirceu... porque reincIDIU... os outros que não reincidiram... agora por exemplo... o SÍLvio Pereira foi praticamente absorvido... e no entanto ele tava em plena prática do crime... (quer dizer) então... os exemplos históricos não têm favorecido... NEM o Mensalão favorece...	
354		Augusto Nunes	pergunta...	
355		José Nêumanne	porque o Mensalão houve.. houve realmente... eles foram... éh... foram todos apenados... MAS não cumpriram penas e depois... foram perdoADOS... então eu acho que no... do do que vai sair do Brasil... uma das coisas mais importantes é o direito de de da igualdade de todos perante a lei... com o FIM do absurdo que é o foro privilegiado... porque eu não admito (que um ser) porque tem um mandato... só por causa disso ele tem uma (justiça) que é diferente da minha...	
363		Augusto Nunes	pergunta (...)	
364		José Nêumanne	não... a minha pergunta é-é... eu tô-tô... tá certo?	
365		Marco Aurélio Mello	Nêumanne (...)	
366		José Nêumanne	a minha pergunta é essa (...)	
367		Augusto Nunes	discutir... é esse TEma...? né isso?	
368				

369	José Nêumanne	eu quero que o senhor faz () (...)	
370	Marco Aurélio Mello	que eu tô percebendo é você faz a pergunta (...)	
371	(?)	((trecho incompreensível, vários falam ao mesmo tempo))	((trecho incompreensível, vários falam ao mesmo tempo))
372	Marco Aurélio Mello	e você mesmo responde ((rindo)) (...)	
373	José Nêumanne	não... o senhor acabou de... ((apontando para o outro jornalista)) éh:.... acabou de nos dizer que é contra o foro privilegiado... eu gostaria muito de saber porque que o senhor é contra o foro privilegiado...	
374	Marco Aurélio Mello	não não não (...)	
375	José Nêumanne	não... eu quero basear a minha (...)	
376	Marco Aurélio Mello	não... eu estou (...)	
377	José Nêumanne	eu também sou contra (...)	
378	Marco Aurélio Mello	eu estou usando... eu estou usando o linguajar do leigo... que diz “oh:... é um privilÉgio ser julgado pelo Supremo...” eu não acho que seja um privilÉgio...	
379	José Nêumanne	mas eu PROvo que é (...)	
380	Marco Aurélio Mello	e por mim (...)	
381	José Nêumanne	acabei de dar prova () (...)	
382	Marco Aurélio Mello	por mim... por mim... claro que eu não sou legislador... não haveria ah:.... a prerrogativa de foro...	
383	José Nêumanne	por quê?	
384	Marco Aurélio Mello	não haveria porque não é democrático... não é republicano... republicano é o cidadão... pouco importando o cargo ocupado... ser julgado pelo juiz natural que é o juiz de primeira instância... seja ele Sérgio Moro ou não...	
385	Augusto Nunes	André...	
386	André Guilherme Vieira	ministro... por que que o Supremo não... não prende o Eduardo Cunha? porque ele já é réu por corrupção...	
387			
388			
389			
390			
391			
392			
393			
394			
395			
396			
397			
398			
399			
400			
401			

402			lavagem e já se tem indícios fortes de que até dinheiro da TELERJ ele tinha no exterior... numa offshore...	
403				
404		Marco Aurélio Mello	o Supremo não age de ofício... o Supremo age mediante provocação... e não houve pedido nesse sentido... o que se tem... aguardando apreciação... é um pedido para afastá-lo da caDElra de presidente da Câmara... e quem sabe até:::: afastá(-lo) o do exercício do mandato de deputado federal...	
405				
406		André Guilherme Vieira	nu::m... não incomoda o senhor o fato de um presidente de um poder ser réu... por dois crimes e tá no exercício desse poder... pelo uso do qual ele pode inclusive se usar pra... vamo dizer assim... em tese... falando aqui pra evitar... ah-ah-ah... a investigação?	
407				
408				
409		Marco Aurélio Mello	o contexto geral... eu não aprecio a situação apenas de:::: Eduardo Cunha... me é muito desagradável... agora nós precisamos observar a organicidade do direito... nós não podemos tocar a... a acusação que:::: ainda não se tem... em relação ao Eduardo Cunha já se tem apresentação de denúncia... não podemos tocar de cambulhada...isso não in... é avanço cultural... isso é retrocesso cultural... ou seja... não cabe... numa democracia... o justiçamento...	
410				
411		Augusto Nunes	vamos para:::: um rápido intervalo e voltamos já com o ministro Marco Aurélio Mello... do Supremo Tribunal Federal...	
412				
413		Marco Aurélio Mello	ô Nêumane você (...)	
414				
415		Augusto Nunes	ao Vlvo (...)	
416				
417		Marco Aurélio Mello	tem que facilitar a...	
418				
419				
420				
421				
422				
423				
424				
425				
426				
427				
428				
429				
430				

Apêndice B: Transcrição de entrevista - Vídeo 2

VÍDEO 2: PROGRAMA RODA VIVA – 18/ABR/2016				
Entrevistado: Gilmar Mendes		Tempo do 1º bloco: 21' 22"	Tempo total do programa: 1º 20' 10"	
Linha	Tempo	Sujeito	Transcrição de fala	Descrição das ações não verbais
1	00:11		boa noite... estamos ao vivo em todo país pela TV Cultura... pelas emissoras afiliadas e pelo nosso canal no YouTube... hoje a bancada de entrevistadores é formada por... Sonia Racy... colunista do jornal O Estado de São Paulo e jornalista da rádio Estadão... Pedro Dias Leite... editor sênior de política da revista Veja... Bella Megale... repórter de política do jornal Folha de São Paulo... Ricardo Setti... jornalista e escritor... e André Guilherme Vieira... repórter do jornal Valor Econômico... contamos também... como sempre... com os desenhos feitos em tempo real... pelo nosso cartunista Paulo CaRuso... agora você pode acompanhar o Roda Viva em seu celular... e também rever entrevistas anteriores... é só baixar o programa... ah de... ah... na loja de aplicativos do seu... aparelho... ministro Gilmar Mendes... muito obrigado pela aceitação do convite..	
16		Gilmar Mendes	boa noite Augusto...	
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25		Gilmar Mendes	sim...	
26				
27				
28				
29		Augusto Nunes	acompanhou pela televisão... éh:::: eu queria que o senhor resumisse... éh:::: a avaliação que o senhor faz DESTA::: sessão que aprovou o julgamento pelo senado... do impeach... do processo de impeachment da presidente	

30		Dilma Rousseff... de modo geral... o que é que o senhor achou do que VIU?	
31			
32	02:12		
33		eu temia <u>talvez</u> pela... pela... pelo que a imprensa dizia... e pelos ânimos... aparentemente muito conflitantes... eu temia que houvesse mais escaramuças... e <u>talvez</u> ... éh:::: mais conflitos... e isso felizmenTE... não houve... <u>eu acho</u> que esse é um dado:::: importante... <u>acho que/se</u> um dado:: importante... também éh:: dá pra perceber... é que... a presidente perdeu significativamente aPOIO... de fato nem chegou perto de obstruir... ah:::: a votação... a chegar perto dos cento e setenta votos... cento e setenta e um... ficou bastante distante disso... se nós computarmos também as abstenções e.... também ausências... mas é claro... todo mundo está se perguntando sobre aquelas diversas manifestações... num/é... pela... faMília... pelo: pela pela pátria... né... pelo combate à corrupção... e suma... éh:: eu tenho a impressão também que isso se deve a... às dificuldades que os parlamentares têm... eh:::: de se... se mostrar... né... de mostrar o próprio trabalho... né... são mais de quinhentos parlamentares que <u>certamente</u> disputam aquele pinga-fogo... o horário éh:::: especial... e ontem se sabia que tudo estava sendo televisado...	((Sem gestos representativos, mantém-se mais ou menos neutro))
34	02:25	Gilmar Mendes	
35	02:30		
36	02:33		
37			
38			
39			
40			
41			
42			
43			
44			
45			
46			
47			
48			
49	03:26	Gilmar Mendes	
50			
51			
52			
53			
54			
55		audiência de final de (...)	
56			
57			
58			
59			
60			
61			
62			
63			
		Gilmar Mendes	de copa do mundo... né... então isso explica um pouco... éh:::: essas manifestações... mas não deixa de ser curioso... éh... ainda hoje participei... aqui em São Paulo... de um seminário internacional e os nossos interlocutores... éh... se perguntavam muito porque que as pessoas falam tanto... em Deus... pátria... éh... e... família...
		Augusto Nunes	em dez segundos...
		Gilmar Mendes	éh.... ((sorrindo))

64		Augusto Nunes	em apenas dez segundos... ((sorrindo))	
65	03:58	Gilmar Mendes	mas isso num é... ah:.... <u>acredito que</u> de qualquer forma... que ocorreu... ah... dentro de um quadro de:.... normalidade... isso é positivo...	((Sem gestos representativos, mantém-se mais ou menos neutro))
66		Augusto Nunes	perfeito... Bella Megale abre a roda...	
67		Bella Megale	boa noite ministro...	
68		Gilmar Mendes	boa noite...	
69		Bella Megale	éh:.... gostaria de fazer uma pergunta sobre um personagem decisivo na condução do impeachment... que é presidente da Câmara dos Deputados... o Eduardo Cunha... quando que o Supremo pretende tomar... a decisão sobre afastamento do Eduardo Cunha... já que ele é réu por corrupção e lavagem de dinheiro... né... enfim eu queria saber se... o senhor avalia que há aí dois pesos e duas medidas... já que... o ex-presidente Lula... teve:.... a possibilidade de assumir como ministro: da casa civil suspensa pelo supremo também... sendo que ele é um investigado ainda...	
70		Gilmar Mendes	éh... em relação à situação a... a situação de Eduardo Cunha... nós temos aqui <u>talvez</u> alguma peculiaridade... em algum momento... você vai se lembrar... Bella... se falou que ele operava no sentido de... éh... dificultar as investigações... houve até uma busca e apreensão... nos... aparelhos... computadores da Câmara dos Deputados...mas a procuradoria NÃO pediu naquele momento o seu afastamento... também não pediu quando ofereceu a denúncia... éh...	<i>Com as mãos, na altura da barriga, abertas tocando as pontas dos dedos uns nos outros, como uma forma geométrica triangular e separa-os rapidamente com um movimento de abertura e retoma para a mesma posição, seguindo com o entrelaçamento dos dedos. Há durante esses gestos um movimento do olhar ora direcionado para o interlocutor, ora para baixo.</i>
71			passado um pouco o:.... ah:.... essa época... esse tempo... veio esse pedido... éh:.... num dia qualquer o procurador geral entrou com esse pedido alegando que... já havia... éh... <u>talvez</u> ... é:.... exceDIDO... os limites etc... e que era preciso pedir...	
72	04:45	Gilmar Mendes		
73				
74				
75				
76				
77				
78				
79				
80				
81				
82				
83				
84				
85				
86				
87				
88				
89				
90				
91				
92				
93				
94				
95	05:22	Gilmar Mendes		
96				
97				

98				
99				
100				
101				
102				
103				
104				
105	05:35	Gilmar Mendes	até agora o... relator... ministro Teori Zavascki... não... éh... entendeu... éh... caBível esse afastamento aqui... <u>certamente</u> precisa de haver uma justificativa...	<i>mais atrás, as sobrancelhas mais juntas e os lábios fechados mais firmes, enquanto com a mão esquerda aberta na vertical, bem mais a frente do peito, faz movimentos circulares repetidos de dentro para fora.</i>
106				
107				
108				
109				
110	05:39	Gilmar Mendes	<u>talvez</u> tenha passado até o momento...	<i>Com as mãos na altura da barriga próximas e abertas na vertical, com as palmas para dentro com dedos abertos e separados, faz movimentos repetidos com uma e depois com a outra de dentro para fora.</i>
111	05:41		<u>é possível que...</u>	<i>((No primeiro destaque não aparece a imagem de quem está falando, o segundo parece uma interrupção no fluxo de pensamento que é retomado a partir de "depois do oferecimento da denúncia...". em relação ao segundo destaque há o gesto descrito a seguir)) Eleva a mão esquerda aberta para cima, na altura da sua cabeça, como se estivesse se referindo a algo lá fora.</i>
112				
113				
114				
115				
116				
117				
118				
119	05:44	Gilmar Mendes	éh... o afastamento aqui <u>corresponderia um pouco</u> a uma prisão preventiva	<i>Com as mãos abertas e um pouco na vertical com palmas para dentro, faz movimentos repetidos entre as pontas dos dedos em formato circular, sobrepondo uma mão na frente da outra.</i>
120				
121				
122				
123				
124	05:49	Gilmar Mendes	por... obstrução da justiça... <u>seria um pouco isso</u> e...	<i>Direciona a mão esquerda aberta com a palma para cima para a interlocutora que lhe fez a pergunta.</i>
125				
126				
127				
128	05:54	Gilmar Mendes	depois do oferecimento da denúncia... da juntada de todas as provas... <u>talvez</u> <u>não se tenha visto...</u>	<i>As mãos com as palmas abertas para cima e os dedos entrelaçados, exceto os polegares que estão soltos e esticados. Vira levemente o rosto mais para a esquerda, enquanto também levemente mexe com a sobrancelha e o ombro esquerdo.</i>
129				
130				
131				

132	05:56	Gilmar Mendes	<u>pelo menos (fo)... imagino </u> que essa tenha sido a avaliação do... do relator...	Eleva as duas mãos para próximo da cabeça, com os dedos bem abertos e separados.
133				
134				
135	06:06	Gilmar Mendes	e em relação ao caso do... presidente Lula... é uma situação totalmente diversa... o que é que <u>se discute </u> aqui?...	As mãos estão com os dedos entrecruzados que se abrem para frente.
136				
137	06:11	Gilmar Mendes	ele não está sendo... éh... impedido de tomar posse... <u>pelo menos </u>	Move a mão esquerda aberta na horizontal, com a palma para baixo, de dentro para fora.
138				
139	06:12	Gilmar Mendes	<u>é o que se diz na minha </u> liminar... na decisão... que eu concedi...	Aponta para si com a mão esquerda aberta.
140				
141	06:19	Gilmar Mendes	por estar sendo investigado... simplesmente... o que <u>se disse </u> claramente... e essa foi a alegação dos mandados de segurança...	Com a mão esquerda elevada na altura do peito, faz uma espécie de pinça com três dedos, polegar, indicador e médio.
142				
143	06:23	Gilmar Mendes	é que <u>se nomeou </u> Lula... ministro... para fugir ao foro... ao juízo natural... que seria... Curitiba... e... também... e para não haver dúvidas sobre isso... éh... temos.... temos debates sobre isso... mas temos as provas... <u>que estão nessa::::: nessa::: </u> ... divulgação ... nessa::: ... nessa::: gravação...	Repete o gesto anterior.
144				
145				
146	06:41	Gilmar Mendes	em que claramente <u>se diz </u> que:::	((O mesmo gesto para as três marcações)) As mãos com dedos cruzados que se abrem e movimentam-se uma para cada lado em abertura e retomada à posição inicial.
147				
148				
149	06:47	Gilmar Mendes	<u>se estava </u> entregando um ato	Movimento de abertura das mãos pelo distanciamento dos antebraços, com as palmas abertas para cima ((imagem é cortada pelo foco da câmera)).
150				
151				
152	06:49	Gilmar Mendes	para que ele <u>usasse </u> talvez até como... <u>vamos chamar assim </u> ... um habeas corpus de caráter... preventivo... então são duas situações...	Com a mão esquerda mais à frente semiaberta com o polegar e o indicador eretos e demais dobrados, apontando para o vazio/chão.
153				
154				
155				
156	06:51	Gilmar Mendes	o que <u>se diz </u> aqui... é que o ato seria NULO por-desvio-de-	Mão abertas com as pontas dos dedos próximas, com as palmas para cima e fazendo movimentos breves, em escala de distanciamento do corpo, de dentro para fora.
157				
158				
159				
160				
161				
162				
163				
164				
165	06:58	Gilmar Mendes		Toca as pontas dos dedos uns nos outros, formando com as

166			finalidade... na verdade ele foi designado ministro... para fugir de Curitiba... essa é a alegação...	<i>mãos uma forma geométrica triangular.</i>
167				
168				
169	07:09	Gilmar Mendes	e isso que <u>se aceitou</u> e.... éh:.... a priori...	((A câmera não mostra o entrevistado, ela dá foco ao desenho do cartunista Paulo Caruso))
170				
171		Augusto Nunes	Sônia...	
172				
173		Sônia Racy	dando continuidade aqui um pouquinho a esse assunto... ministro... quarta... quarta-feira né... vai ser julgado esse caso...	
174				
175		Gilmar Mendes	depois de amanhã...	
176				
177		Sônia Racy	depois de a manhã... ah:.... eu queria saber se... há alguma... algum antecedente dentro do STF em relação a algum caso pareCIDo... ah::::... como/é que o senhor... ah::::... éh/é a primeira vez que isso aconTE::ce...	
178				
179		Gilmar Mendes	não... não como desvio de (...)	
180				
181		Sônia Racy	conta um pouquinho pra gente...	
182				
183		Gilmar Mendes	não como desvio de finaliDAde... éh:: a tese do desvio de finalidade é no/a verdade é... é um caso clássico do direito... mas... com essa:... concepção... caso de nomeação de ministro para fuGIR... éh:::: o cargo de ministro para fugir da questão do foro... sem dúvida nenhuma é... o (primeiro)... com TOda essa configuração... né:::: ah... to... inclusive... com afirmação que... que agora está sendo contestada... de que o documento estava sendo entregue para ele que... usasse em caso de... necessiDA::de... depois se disse não:::: o documento não estava assinado... se o documento estiver assinado... ou... ou estivesse assinado... e... e... foi uma... éh... éh::::... posse anteciPA::da... éh:::: fake... éh:::: seria falsidade ideológica (...)	
184				
185				
186				
187				
188				
189				
190				
191				
192				
193				
194				
195		Sônia Racy	como é que o Supremo vai tratar isso? (...)	
196				
197				
198				
199	08:40	Gilmar Mendes	não... o Supremo vai discutir isso no... no âmbito... dessa ideia da... do desvio de finalidade... se o ato poderia ser... nulo ou não... o próprio procurador-geral... que havia dado um... um outro parecer... para afirmar que <u>talvez</u> ele	<i>Eleva à altura do ombro a mão esquerda semiaberta, com o</i>

200			devesse tomar posse... mas ficar respondendo em Curitiba... agora mudou... e... veio comparecer de cinquenta páginas... dizendo que... de fato... o ato é NULO... fez até citação do depoimento da delação do:: Delcídio...	<i>polegar para cima.</i>
204	Sônia Racy		ministro e a interlocutora (...)	
205	Augusto Nunes		Sônia só () (...)	
206	Sônia Racy		não... só pra continuar (...)	
207	Augusto Nunes		(a pergunta pra...)	
208			e a interlocutora no... do caso... do presidente Lula? como é que o senhor vê esse processo dela... dentro dessa:: ah:... dentro dessa análise... dentro desse processo (todo)...	
211				
212				
213				
214				
215				
216				
217				
218				
219				
220				
221				
222				
223				
224				
225				
226				
227				
228				
229	Augusto Nunes		Ricardo Setti...	
230				
231				
232				
233	Ricardo Setti		ministro... o senhor tem uma carreira de jurista... impressionante... né... o senhor é formado pela universidade de Brasília... tem estudos posteriores inclusive na Alemanha... é procurador da república de carreira... foi	

234			advogado-geral da união... pra quem não se lembra... éh:... 235 teve acessori... uma assessoria jurídica na casa civil... ah... 236 está há doze anos no Supremo... corte que o senhor já 237 presidiu... portanto o senhor tem uma bagagem jurídica 238 considerável... eu queria lhe perguntar... nessas condições... 239 se o senhor viu irregularidades jurídicas... no processo... éh: 240 que tá em curso na Câmara dos Deputados... que tá em 241 curso no Congresso... de impeachment da presidente 242 Dilma? porque até juristas... outros juristas falam em golpe... 243 em golpe branco... em atropelamento da Constituição etc... 244 o senhor acha que houve... ah... o senhor... o senhor notou 245 alguma coisa indevida... ou... ou... algum ato... éh:... 246 reprovável... alguma injuridicidade... nesse processo todo?	
247	11:21	Gilmar Mendes	como... vocês sabem... eu acompanhei... éh:... de perto 248 também o processo do... presidente... Collor... ali... por 249 exemplo... na Câmara dos Deputados houve uma decisão 250 do presidente... éh... Ibsen Pinheiro de... transformar o voto 251 que deveria ser secreto em voto... aberto... isso foi objeto de 252 discussão inclusive no Supremo... houve mandado de 253 segurança e o Supremo... éh:... manteve a... decisão 254 éh:... tomada pela Câmara... aqui... a rigor o Supremo 255 acabou por regular todo o processo... aquela decisão na 256 ADPF... né... ao... ao dizer qual devia ser o rito que não 257 devia ter... éh... candidatura avu::lsa... estabelecendo... 258 éh:... minúcias... acabou por regular todo... o processo... 259 também <u>me pareci</u> que houve toda uma cautela em 260 relação a não receber... em relação a fatos anteriores... éh... 261 ao mandato que findou... éh:... em dois mil e catorze... éh: o 262 que é discutível... mas hoje é uma boa parte da doutrina que 263 considera inclusive que não há como se... tendo em vista a 264 emenda da reeleição... de fazer uma secção... né... uma 265 separação... do contrário seria um estímulo para que 266 alguém fizesse... cometesse abuso no último ano... né... 267 porque ele estaria isento de... responsabilidade... mas até	<i>Com os cotovelos apoiados nos braços da cadeira e as mãos na altura do peito, com a mão direita mexendo na aliança no dedo anelar da mão esquerda. Ao mesmo tempo está com as sobrancelhas baixas olhando para baixo.</i>

268			aí a própria Câmara () por bem separar... como também	
269			separou as pedaladas anteriores... <u>me parece</u> que	
270			houve... éh... cautela...	
271				<i>Ombros apoiados nos braços da cadeira e mãos para cima, abertas. Com a cabeça um pouco mais levantada, olhando para cima e os cantos da boca levemente puxados para baixo.</i>
272				
273				
274	12:03	Gilmar Mendes	e o Supremo até aqui... éh:::: <u>naquilo que entendeu indevido</u> !... determinou que se refizesse o rito como aconteceu nessa matéria da:::: da... da formação da:::: da comissão...	<i>Com as mãos na altura do peito, bem abertas e não juntas, faz movimentos de sobreposição de dentro para fora.</i>
275				
276				
277				
278		Ricardo Setti	e como o senh... como o senhor classifica essas afirmativas... inclusive de juristas... de que houve um golpe branco? absurdas () (...)	
279				
280				
281				
282				
283				
284				
285				
286				
287				
288	12:49	Gilmar Mendes	éh.... éh.... na... na verdade a:::: a aqui mistura-se um pouco a luta... ah... jurídica com a luta... política... num/é... e:::: alguns:... de vocês dos jornalistas... têm falado... os senhores... têm falado que... éh... se busca também uma narrativa... até com repercussão... éh:... no... no exterior... num/é... e aí se diz... ah:::: éh::: de fato isso é:::: é golpe... não se falou em golpe quando se falou em destituir Collor... por exemplo... num/é... <u>talvez</u> porque ele tivesse um partido... éh:... mais... fraco...	<i>Com os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, direciona as mãos abertas para cima rapidamente para o lado direito.</i>
289				
290				
291	12:53	Gilmar Mendes	e <u>talvez</u> tenha havido... éh:... até discussões jurídicas mais éh.... sérias... então eu tenho a impressão de que... nós estamos realmente a falar de... algo... que... não faz sentido no plano exclusivamente jurídico... mas se entende... no plano... digamos... da retórica da luta... política... num/é:::: de fato o impeachment é um processo... traumÁtico... éh-éh-éh... é uma intervenção éh... significativa... também o presidente quando não consegue obstar o impeachment é porque ele está numa situação muito... delicada... nós sabemos... porque você não consegue é... cento e setenta e um... cento e setenta e dois... votos...	<i>Com as mãos na altura do peito, um pouco próximas, faz movimentos de sobreposição de para outra, de dentro para fora.</i>
292				
293				
294				
295				
296				
297				
298				
299				
300				
301				

302	Ricardo Setti	em quinhentos e treze...	
303	Gilmar Mendes	em quinhentos e treze... num/é... eu até repito isso... até no sena... no plenário do Supremo... éh... acho que eu ouvi... éh... de um dos colegas antigos lá do tribunal quando se discutia o processo do presidente Collor... que dizia... “se o presidente não consegue... éh:... cento e setenta e um... cento e setenta e dois... votos... é porque... ele não tem mais condições de governar...” ele não vai ser agora... ser mantido no cargo... éh... por liminar do Supremo Tribunal Federal... em suma... então é... é uma opção muito:... séria... claro... mas também éh-éh... mostra uma debilidade... um debilitamento muito:... acentuado... éh... do executivo quando se chega a esse ponto...	
315	Ricardo Setti	do ponto de vista jurídico (...)	
316	Augusto Nunes	() Setti (...)	
317	Ricardo Setti	o senhor não tem reparo?...	
318	Gilmar Mendes	não vejo nenhuma... nenhum... nenhum reparo...	
319	Augusto Nunes	Pedro Dias Leite...	
320	Gilmar Mendes	ah:... desculpe... ((virando-se para o lado errado do entrevistador))	
322	Pedro Dias Leite	ok... ((ensaiando o riso)) ministro... éh:... o senhor mesmo mencionou agora que... a luta política tem se misturado muito à luta jurídica... nesses últimos tempos... parte dessa carreira que o senhor fez ao longo de décadas... aí no mundo jurídico... foi... éh... no governo Fernando Henrique Cardoso... do qual o senhor foi advogado-geral da união... e depois assessor jurídico da casa civil... foi ele inclusive que indicou senhor para o Supremo... em 2002... no meio desse ambiente conturbado o senhor teve decisões éh... que foram contrárias ao atual governo do PT... por enquanto atual o governo do PT... como... a suspensão da posse do presidente Lula como ministro... o que levou os governistas acusarem o senhor de alguma forma de ser... o líder da oposição no Supremo Tribunal Federal... como é que o	

336			senhor rebate esse tipo de acusação vindo do governo?	
337				
338				
339	15:15	Gilmar Mendes	ah.... se... se.... se... se for examinar... ah... se... proceder um exame das VÁRIAS decisões que tomei... ao longo desses anos... éh... <u>se pode classificar!</u> como decisão... éh... num ou outro:... sentido... mas de novo a gente tá num campo da retórica política... éh... as decisões que são favoráveis não são registradas... não é?... quer dizer... éh... no eleitoral tem lá N decisões... éh... um caso do indiciamento... por exemplo... do... ministro Mercadante... naquele episódio aqui de São Paulo... éh... éh... a decisão foi minha... éh... conduzir o tribunal... o... processo do Palocci... à época foi... mas isso não se registra... não é? portanto... éh:... e... éh:... é muito comum e isto... num/é... quem tá na luta política faz esse tipo de:... de guerra... porque... na verdade não tá muito interessado com a consistência dos argumentos... num/é... quer os militantes... né... alimentar os blogs que são pagos... a gente sofre muito com isso... num/é? eu espero até que esse quadro em algum momento... éh... se encerre... mas em geral buscam palavras de ordem para alimentar esses blogs que depois ficam xingando aí... etc... então isso faz parte da... da luta política eu entendo assim...	<i>Com os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, abre as mãos que estão juntas, direcionado para fora uma e depois a outra, e em seguida volta à posição inicial.</i>
340		Gilmar Mendes		
341				
342				
343				
344				
345				
346				
347				
348				
349				
350				
351				
352				
353				
354				
355				
356				
357				
358		Augusto Nunes	agora o senhor disse que ultimamente não tá lendo nem elogio... ((sorrindo))	
359				
360		Gilmar Mendes	uma brincadeira... né... eu leio... ((sorrindo)) elogio e crítica...	
361				
362		Augusto Nunes	André...	
363				
364				
365				
366				
367				
368				
369		André Guilherme Vieira	tudo bem ministro?... queria retomar um pouco a situação de Eduardo Cunha... né... éh... o fato dele ser deputado federal e inclusive ser presidente de um poder éh... deixa ele numa situação... éh... diferenciada... pelo que o senhor falou... no sentido... ah:... de... de ele ser responsabilizado... a denúncia ser recebida... enfim... isso depende do relator... a gente já entendeu... agora o que eu não entendo é o	

370			seguinte... no caso do Eduardo Cunha que têm VÁrias acusações GRAves contra ele... ah... já há indícios... claro que ele ainda não foi condenado... mas têm extratos de contas bancárias DELE... da mulher... da família... vários delatores confirmado ilícitos... vídeo de câmera confirmando encontro dele com o delator Júlio Camargo... enfim... queria perguntar ao senhor objetivamente... no Brasil tá todo mundo sujeito a lei... menos deputado porque tem prerrogativa de foro? e o senhor é a favor do FIM da prerrogativa de foro...	
380		Gilmar Mendes	iss:::: essa é uma controvérsia que:::: a gente tem que travar... sem dúvida nenhuma eu acredito.... André... que a prerrogativa de foro... especialmente foi radicalizada sob a constituição de mil novecentos e oitenta e oito... ministro Celso que é um pouco nosso historiador... além de eminente constitucionalista... ele diz que... jamais... em todas as outras constituições... tivemos um amplo rol... tão amplo de prerrogativa de foro como temos agora na constituição de mil novecentos e oitenta e oito... mas eu acredito que expectativa do constituinte... é que essas faltas seriam mais ou menos faltas e singulares não esperava algo sistemático como passou a ocorrer... hoje se fala que temos noventa... parlamentares investigados... e quarenta e cinco já acusados... portando com denúncia já... éh... formalizada... ora... isso é um número enorme... veja que no Mensalão nós tínhamos... quaRENTA acusados... e:::: tive... consumimos seis... sete meses julgando... vocês se lembram... o tribunal até hoje tem (...)	
398	Pedro Dias Leite	(cinco...)		
399	Gilmar Mendes	heim?...		
400	Pedro Dias Leite	parou pra fazer isso...		
401	Gilmar Mendes	parou pra fazer isso... né?... com sessões... éh... toda semana... e:::: e tudo mais... e hoje... o que que faz o tribunal? o tribunal está fazendo separação dos processos...		
402				
403				

404			quem tem prerrogativa de foro lá fica... quem não tem... o tribunal manda embora... embora às vezes quebrando... éh:... estruturas probatórias que deveriam estar... éh:... juntas... o:... a prerrogativa de foro é realmente... éh... uma questão delicada... eu também gostaria de... de... de reparar em que... sem... éh:... éh:... a prerrogativa de foro talvez nós não tivéssemos julgado o Mensalão... que é um caso importantíssimo... éh... não vamos esquecer... num/é? ali é que começa toda essa evolução... talvez a cobrança... éh... a... a punição... desses casos... mais graves... foi exatamente a junção... do contrário nós teríamos... éh... tido processos em todos os lugares... éh... teríamos tido habeas corpus e tudo o mais... e <u>muito provavelmente</u> esses processos não terminariam... tanto é que os processos envolvendo o Mensalão que estão na primeira instância até agora... não terminaram... então... éh... não se pode também maldizer simplesmente a prerrogativa de foro... mas eu acredito que nós temos que encontrar uma solução... hoje ve... é curioso... veja... seria muito fácil suprimir a prerrogativa de foro... e mandar todo mundo pra primeira instância... mas aí se diz... “poxa mas aí eu vou ter um encontro marcado com o Moro... e ele <u>pode</u> decretar a prisão preventiva...” então essa solução deixa de ser... interessante... os políticos hoje reclamam do quê? ah... no Supremo haverá uma decisão mas aí não tem mais porque... pra quem apelar... tanto é que no caso do Mensalão falaram de ir para a corte de Costa Rica... e coisa do tipo (...)	
416	19:08	Gilmar Mendes	Cotovelos apoiados nos braços da cadeira e as mãos, na altura dos ombros, se separam abertas com as palmas para cima, uma para cada lado do corpo. Ao mesmo tempo faz um leve maneio de cabeça.	
425	19:33	Gilmar Mendes	Cotovelos apoiados nos braços da cadeira e as mãos paralelas são rapidamente direcionadas com os dedos abertos para frente.	
432		André Guilherme Vieira	mas demora mais... em ministro?... pode até prescrever mais rápido...	
434		Gilmar Mendes	demora... por isso que eu estou dizendo o dilema... né?... por outro lado se o processo vai para primeiro grau e eventualmente ocorre... éh... uma prisão... as pessoas dizem... “poxa mas é desagradável... não é (a) prisão	

438			provisória..." né?... então... éh... éh... vive-se esse drama... eu sei que não dá mais pra manter o modelo como está... nós não temos capacidade... éh... de julgar... nós não podemos nos tornar uma corte criminal... quer/dizer... esse modelo foi pensado para uma situação realmente excepcional... aqui ou acolá julgar um senador... aqui ou acolá (...)	
445		André Guilherme Vieira	virou regra...	
447	20:33	Gilmar Mendes	virou regra... e... de forma tão massiva... num/é... e veja... e se nós não tivéssemos a jurisprudência do Mensalão... éh... mantendo toda a organização criminosa... <u>chamemos assim</u> ... todo um grupo... então... veja... nós teríamos que julgar... éh... éh... às vezes dezenas ou até centenas de pessoas... o tribunal não faria outra coisa... então tem que se pensar... éh... alguma outra forma... mas eu não considero a prerrogativa de foro um foro privilegiado... eu diria o seguinte... eu acho que pra fazer justiça ao próprio tribunal... não fosse a decisão do Supremo no caso do... Mensalão... (e) talvez nós não tivéssemos esse episódio que agora se desenvolve e desenvolve bem... éh... graças a Deus... éh... graças a Deus... e graças ao juiz Moro... claro... éh... em... Curitiba...	<i>Fazendo movimentos com os braços e as mãos em formato de grande círculo.</i>
461		Augusto Nunes	vamos para um rápido intervalo e voltamos já já... ao vivo... com Gilmar Mendes... ministro do Supremo Tribunal Federal...	

Apêndice C: Transcrição de entrevista - Vídeo 4

VÍDEO 4: PROGRAMA RODA VIVA – 22/AGO/2016				
Entrevistado: José Eduardo Cardozo		Tempo do 1º bloco: 23' 20"	Tempo total do programa: 1º 20' 54"	
Linha	Tempo	Sujeito	Transcrição de fala	Descrição das ações não verbais
1	01:33		boa noite... estamos ao vivo em todo o país pela TV Cultura... pelas emissoras afiliadas e pelo nosso canal no YouTUbe.... hoje a bancada de entrevistadores é formada por... JUlia DuaiLlbi... repórter da revista PiaUí... Vera Rosa... repórter especial do jornal O Estado de São PAulo... DAniela Lima... repórter de política do jornal Folha de São Paulo... Laura Diniz:... editora do site jota.info... e João Gabriel de Lima... diretor de redação da revista Época... contamos... como sempre... com os desenhos feitos em tempo real pelo nosso cartunista (Paulo) CaRUs... ministro:... José Eduardo Cardozo... muito obrigado pela aceitação do convite... é um (prazer) recebê-lo:: aqui no Roda Viva... pela segunda vez:::: a última foi em:: dois mil... e nove... acabamos de descobrir... (...)	
16		José Eduardo Cardozo	faz tempo... hein Augusto...	((não aparece imagem do entrevistado))
18			sobretudo numa::: semana... em que começa o epílogo de um episódio histórico que tem no senhor um dos protagonistas... é o processo de impeachment contra... a presidente... Dilma Rousseff... eu pergunto o seguinte... éh:::: o senhor tem afirmado que o processo de impeachment movido contra a presidente é um golpe... ah:... porque ela não... não cometeu nenhum crime que o justifique... que justifique o seu afastamento... mas eu lembro que... ah::: o seu partido... e::: acredito que com a sua concordância.. liderou o processo de impeachment contra o presidente Fernando Collor... Fernando Collor foi afastado e algum tempo depois foi absolvido pelo Supremo	

30		Tribunal Federal por falta de provas... eu queria que o		
31		senhor explicasse... éh... concisamente... é a primeira		
32		pergunta... já que vamos tratar desse assunto ao longo do		
33		programa... por QUE o processo de impeachment contra o		
34		Fernando Collor não foi golpe e porque o senhor vê		
35		configurado um golpe no processo de impeachment contra a		
36		Dilma Rousseff...		
37	José Eduardo Cardozo	eh:... boa noite Augusto... boa noite a todos que		
38		aqui estão... é uma honra participar novamente desse		
39		programa		
40	Augusto Nunes	muito obrigado...		
41	03:56	e... eu posso te afirmar Augusto... o seguinte... o caso do	((sem gestos representativos, mantém-se neutro))	
42		presidente Fernando Collor de Melo... ele teve uma CPI que		
43		antecedeu... ah:::: o próprio: processo de impeachment ...		
44		e nessa CPI foram reunidas provas que atestavam a		
45		ocorrência de crimes de responsabilidade...		
46		mais tarde o judiciário entendeu que não havia crime		
47		comum... mas o congresso entendeu que havia crime de		
48		responsabilidade... e no caso... <u>a meu ver</u> ...		
49	04:19	José Eduardo Cardozo	Leva as mãos com as pontas dos dedos juntas para área central do peito, seguindo o mesmo movimento, com dedos e mãos, para fora.	
50				
51				
52				
53	04:21	José Eduardo Cardozo	do que <u>aquilo que examinei</u> a época e vi ... nós tínhamos	Com as mãos abertas com as palmas paralelas entre si, no sentido vertical, dá dois toques no ar, primeiro à esquerda e depois à direita.
54			realmente provas claras e indícios de autoria e tipificação	
55			que recomendavam a configuração de crime de	
56			responsabilidade...	
57				
58				
59				
60	04:39	José Eduardo Cardozo	vamos lembrar que a tipificação do crime de	Maneia a cabeça rapidamente em sinal de negativo pondo
61			responsabilidade ela é mais ampla... até porque envolve o	as mãos à altura do peito, levemente fechadas, com os
62			juízo político... né... diferente da tipificação criminal... <u>eu não</u>	polegares para cima e demais dedos em direção ao centro
63			<u>vou entrar</u> <u>no mérito</u> ...	do peito. Em seguida, direciona as mãos abertas e com as

64				<i>palmas paralelas entre si, levemente afastadas para o canto direito.</i>
65				
66				
67	04:40	José Eduardo Cardozo	porque... até <u>porque não analisei</u> o processo criminal... em relação ao resultado...	<i>Com as mãos próximas em si e distantes do peito, ainda no canto direito, faz movimentos rápidos de fecha e abre os punhos jogando levemente as mãos semiabertas para frente. Em seguida, coloca a mão esquerda dentro da outra, fechando-as abaixo do peito direito.</i>
68				
69				
70				
71				
72				
73	04:45		mas no caso do crime de responsabilidade... é/a meu ver... ah... estava claramente configurado... mu:ito diferente do caso de Dilma Rousseff... ela não teve neNHuma investigação que antecedesse o processo de impeachment... não existiram provas que demonstrassem a ocorrência daquelas duas situações... mais ainda... nós temos afirmações que claramente demonstram que as acusações que são feitas contra a Dilma Rousseff... são acusações... éh:::: que não procedem primeiro porque não há ilícito... segundo... se houvesse ilícito não haveria má fé...	((sem gestos representativos, mantém-se neutro))
74				
75				
76				
77				
78				
79				
80				
81				
82				
83				
84				
85				
86				
87				
88				
89				
90	05:28	José Eduardo Cardozo	porque a visão dominante nas duas acusações... seja as pedalas... seja os decretos... é de que aquilo podia ser feito... então não há má fé... não há dolo... capaz de configurar um atentado à constituição... configurador de crime de responsabilidade... então diante de tudo isso... <u>parece MULto claro</u> e <u>indiscutível</u> que eu não tenho ilegalidade... se tivesse não tenho dolo... se não tivesse o dolo eu não teria a gravidade da conduta que deve configurar um processo de impeachment...	<i>Põe as mãos abertas e com as palmas paralelas entre si na vertical, na área central, porém distantes do peito, leva-as da altura do pescoço para baixo, como se delimitasse no ar um objeto. Em seguida, leva para frente as duas mãos com as pontas dos dedos juntas.</i>
91				
92				
93				
94				
95				
96				
97	05:43		então é por isso que eu afirmo com toda tranquilidade...	((sem gestos representativos, mantém-se neutro))

98			Augusto... não há crime de responsabilidade... e quando eu tento destituir um governo sem a configuração de crime de responsabilidade ... utilizando meros pretextos retóricos pra fazer isto...	
99				
100				
101				
102				
103				
104	05:55	José Eduardo Cardozo	diferente do caso Collor... claro que não eram pretextos retóricos... eu tenho o que nesse caso? um golpe... <u>no sentido amplo da expressão</u> ... um golpe sem armas... um golpe sem tanques... um golpe em que você pretensamente invoca a constituição pra poder rasgá-la depois	<i>Põe as mãos com as pontas dos dedos juntas para dentro, mas distantes do peito, para em seguida abrir as mãos direcionando-as em sentido contrário fazendo um movimento de abertura, indicando expansão.</i>
105		Augusto Nunes	Daniela abre a roda...	
106		Daniela Lima	boa noite ministro...	
107		José Eduardo Cardozo	boa noite Daniela... (...)	
108				
109				
110				
111				
112				
113				
114				
115				
116				
117				
118				
119				
120				
121				
122				
123				
124				
125				
126				
127				
128				
129				
130				
131	06:53	José Eduardo Cardozo	<u>na verdade Daniela...</u> vamos <u>tentar entender</u> esse processo de impeachment...	<i>Põe as mãos com as pontas dos dedos juntas de dentro para fora, abrindo as palmas para cima de deixando-as levemente curvadas, como quem oferece algo.</i>

132			
133			
134			
135			
136			
137			
138			
139			
140			
141			
142			
143			
144	José Eduardo Cardozo	se fosse um julgamento justo... e quando eu falo justo... eu falo justo pelo julgamento jurídico-político... porque não há impeachment puramente político no presidencialismo... JUSto é quando eu tenho o pressuposto jurídico... a configuração de um crime de responsabilidade e a partir dele eu faço uma avaliação política de que o presidente deve sair... eu não posso fazer a avaliação política sem esse pressuposto jurídico... porque senão... efetivamente... eu não estou diante de um presidencialismo... né... pois bem... se fosse um processo justo... as provas são claríssimas... evidentes... éh... de que não há esse pressuposto... eh... eh... é óbvio de que não há esse pressuposto jurídico... no entanto o que move esse processo de impeachment não é efetivamente uma tentativa de punição a uma presidenta que praticou crimes gravíssimos... não é isso... o que move esse processo de impeachment é a confluência de dois... duas forças políticas que se somaram e que até agora estão inabaláveis... apesar de toda a evidência de que não existe crime de responsabilidade... uma força foi... foram aqueles derrotados em dois mil e catorze... que nunca se satisfizeram com o resultado eleitoral... como se não fosse o povo que definisse resultado... desde o primeiro dia em que nós tivemos a divulgação do resultado eleitoral... pediram recontagem de votos... disseram que as maquininhas tinham sido fraudadas... não provaram NADA e saíram daí feitos... éh... loucos... procurando fatos para o impeachment... ou seja... normalmente você tem um fato e discute se tem impeachment... NÃO... eles queriam o impeachment e ficaram procurando fatos... a estes se somaram os insatisfeitos com a Operação Lava Jato... a estes se somaram aqueles que disseram que estava havendo uma sangria na classe política brasileira... e que era necessário	
145			
146			
147			
148			
149			
150			
151			
152			
153			
154			
155			
156			
157			
158			
159			
160			
161			
162			
163			
164			
165			

166			remover a presidente Dilma Rousseff... (...) e aí o vértice...	
167		Daniela Lima	ministro... mas entre os insatisfeitos com a Lava Jato nós temos muito... muitos no seu partido também (...)	
168		José Eduardo Cardozo	veja (...)	
169		Daniela Lima	no partido da presidente Dilma... inclusive o ex-presidente Lula... o senhor chegou a ser alvo de críticas...	
170				
171				
172				
173	08:32	José Eduardo Cardozo	<u>eu diria a você o seguinte...</u> que há muitos insatisfeitos... mas que esse processo de impeachment ele foi promovido em conjunto pelos insatisfeitos e pelo... por aqueles que não gostaram do resultado eleitoral...	((Não há registro de gestos, porque a câmera foca na entrevistadora Daniela Lima))
174				
175				
176				
177				
178				
179				
180				
181				
182				
183				
184				
185				
186				
187				
188				
189				
190		Augusto Nunes	Julia Duailibi...	
191				
192				
193				
194				
195				
196				
197		Julia Duailibi	ministro... apesar de tudo isso que o senhor tá falando... as pesquisas de opinião mostram que a maioria dos brasileiros quer a renúncia de Dilma e de Temer... caso Dilma voltasse... eh... isso mostra que de certa maneira existe um fora Temer e também não existe um volta Dilma... por que que a população interpreta dessa maneira então?	
198				
199		José Eduardo Cardozo	é absolutamente legítimo que a população interprete e eu não vou questionar a população... o que eu vou afirmar é que no processo político que nós tivemos... essas forças	

200			desestabilizaram nosso governo... justamente para tentar mostrar que nós não tínhamos condições de governar... e claro... isso criou um contexto que nós não podemos ignorar... dado pelas pesquisas... foi por isso que a presidente Dilma Rousseff... corretamente... exatamente para que nós não tenhamos nenhum governo no Brasil que não venha a nascer com a absoluta legitimidade... propôs um plebiscito... se ela voltar ela faz o plebiscito... a população decidirá se ela FICA no governo... ou se têm novas eleições... o que não pode acontecer num país que tem que honrar com a sua democracia... que é um estado de direito... é nós termos um governo onde o presidente nasce através de uma ruptura institucional... sem nenhuma base constitucional... aliás... no mundo inteiro isso fica evidenciado... nós temos tido manifestações no mundo inteiro... de intelectuais... de parlamentares etc... dizendo que o que ocorre no Brasil é um golpe... portanto... eh... não dá para nós ignorarmos essa ruptura constitucional... éh-éh:: essa ruptura institucional... não dá para ignorarmos que efetivamente () são pretextos que são utilizados pra afastar a presidente da república... isso é uma evidência total... então que se faça uma eleição... se há dúvidas em relação a se deve Dilma ficar ou não... que se faça uma eleição... esse é o caminho que a democracia coloca... e aí... eu coloco outro argumento... a própria pesquisa da Folha de São Paulo... depois da análise mais detida... mostra que a maioria da população quer eleição... por que então não se aceita a proposta da presidente Dilma Rousseff?	
228		Julia Duailibi	mas não é um pouco oportunista ela propor isso, este pacto pró-eleição depois do afastamento...?	
230	11:02	José Eduardo Cardozo	<u>eu diria a você</u> que mais oportunista é assumir um governo dando golpe... sem pressupostos...	Vai levantando a cabeça e o olhar que estavam para baixo, mantendo mãos abertas e juntas com as palmas paralelas na vertical, na altura da barriga. As mãos estão entreabertas e levemente afastadas pelas pontas dos dedos.

234				
235				
236				
237				
238				
239				
240				
241				
242				
243				
244				
245				
246	11:12	José Eduardo Cardozo	um presidente que fala... voltarei e proporei eleições... não tem nada de oportunista... <u>ela poderia</u> dizer... “VOLto... pra governar...” ela diz... “não... se querem discutir se eu tenho condições ou não de governar... que se faça um plebiscito...” é uma proposta ousada de uma pessoa que está efetivamente pensando na democracia... claramente na democracia... coisa que aqueles que defendem o impeachment realmente não têm interesse... querem destituir a presidente da república a qualquer preço...mesmo sem crime... cometendo uma violência democrática... por quê? porque quererem o poder que não conquistaram nas urnas	Leva rapidamente a mão direita para a altura do peito com o dedo indicador e polegar em forma de pinça e os demais fechados. ((Câmera muda de ângulo, pegando a imagem de perfil mais pelas costas)) Em seguida eleva o braço direito para a frente com a mão no mesmo formato.
247		Augusto Nunes	Laura...	
248		Laura Diniz	ministro... boa noite...	
249		José Eduardo Cardozo	boa noite... Laura	
250				
251				
252				
253				
254				
255				
256		Laura Diniz	éh... queria voltar ao... ao assunto do golpe... eh... por essa tese de golpe... queria saber qual avaliação o senhor faz do papel do judiciário... que foi chamado a se posicionar.... em alguns momentos... e não fez nada pra barrar o andamento do caso... o judiciário nessa hipótese seria conivente... com o golpe?	
257				
258				
259				
260				
261				
262				
263				
264				
265				
266				
267		José Eduardo Cardozo	veja... nos temos uma situação jurídica muito séria em relação ao papel do judiciário nos processos de impeachment... eh:::: Paulo Brossard por exemplo... ex-ministro do Supremo... que escreveu um dos melhores livros sobre o impeachment... disse que o poder judiciário não pode rever processo de impeachment... ou seja... que haveria um óbice a isto... eu não acho isto... não acho que o judiciário não possa rever... porque a Constituição federal diz claramente que nenhuma lesão de direito ficará afastada da apreciação do poder judiciário... então se há lesão de direito... se não há motivo para o impeachment... se não há justa causa para o impeachment... o judiciário Pode rever	

268			SIM... como revê processos administrativos... em geral... sem adentrar ao mérito... entendendo-se por mérito aquele campo de valoração política que eventualmente um governante tem quando decide... ou quando um congressista tem quando faz um juízo político... mas <u>Pode rever sim a meu ver ...</u> mas há magistrados da suprema corte que dizem claramente que não...	
269				<i>Com os olhos bem abertos e a testa franzida eleva os dois braços à altura do peito, com dos dedos polegar e indicador de ambas as mãos juntos (demais fechados) como se pontuasse algo ar por três vezes. Em seguida, com os punhos fechados direciona-os com os lados dos polegares para o peito.</i>
270				
271				
272	12:45	José Eduardo Cardozo		
273				
274				
275				
276				
277				
278				
279				
280				
281				
282	12:59	José Eduardo Cardozo	eh:.... se você por exemplo pegar... ah... a decisão do ministro Teori Zavascki na:.... no mandado de segurança que nos impetraram... ela... discutindo o desvio de poder no processo... dentre outras questões... <u>ele ... ele induz... ele sugere </u> que o judiciário	<i>Com a cabeça um pouco baixa e os olhos bem abertos e testa franzida, mexe a cabeça da direita para a esquerda enquanto está com as mãos na altura do peito com as pontas dos dedos de cada mão juntas entre si, fazendo movimentos circulares entre uma mão e outra, e ao mesmo tempo mantém os lábios fechados como se pretendesse pronunciar algo, mas mantendo-se calado. Em seguida, com as mãos ainda no mesmo formato, e cabeça elevada com os olhos bem abertos e sobrancelhas levantadas, eleva a direita e depois a esquerda para frente, separadas.</i>
283	13:01			
284				
285				
286				
287				
288				
289				
290				
291				
292				
293	13:03	José Eduardo Cardozo	não <u>poderia rever</u> aquela questão... mesmo que efetivamente nós tivéssemos a comprovação do desvio de poder praticado por Eduardo Cunha... e por outros... nesse processo... isso nos deixa numa situação curiosa... ou seja...	<i>Com a cabeça um pouco levantada e as sobrancelhas baixas, leva as mãos para frente, paralelas com as palmas para cima na horizontal. Em seguida põe um semblante de riso/ironia.</i>
294				
295				
296				
297				
298	13:15		quem entende que o judiciário não pode rever... permitirá que o judiciário... que o... perdão... que o legislativo... mesmo sem nenhum pressuposto possa afastar presidente da república sem que existam motivos... ah... e por razões	
299				
300				
301				

302	13:28	José Eduardo Cardozo	totalmente políticas... <u>claro...</u> é a opinião de alguns... agora que efetivamente isto não afasta a ideia e a dimensão de que impeachment sem crime de responsabilidade é ruptura institucional... é golpe... <u>me parece evidente...</u> se o golpe pode ser evitado pelo judiciário ou não... essa é a discussão jurídica que se coloca nesse ponto	((Não aparece imagem do entrevistado, a câmera dá foco ao desenho do cartunista Paulo Caruso))
303	13:40	José Eduardo Cardozo		<i>Com a cabeça mais à direita, olhos bem abertos, sobrancelhas levantadas e testa franzida, põe as duas mãos abertas na altura do peito com as palmas viradas para frente, direcionando-as mais para frente.</i>
304		Laura Diniz	e... o senhor pretende fazer essa discussão num segundo momento? eh:... (...)	
305		José Eduardo Cardozo	veja... se...(...)	
306		Laura Diniz	imaginando uma no senado...	
307	13:52	José Eduardo Cardozo	<u>eu diria</u> a você que caso passe o impeachment ... ou mesmo antes da decisão... aí é critério de uma estratégia de defesa... nós levaremos sim ao poder judiciário essa questão... e que se o judiciário avaliar que efetivamente não... ah não... pode examinar a matéria... ele que diga... e a história registrará... portanto... a posição de cada pessoa num momento em que a democracia do Brasil está em jogo	((Não aparece imagem do entrevistado, a câmera dá foco à entrevistadora))
308		José Eduardo Cardozo		
309		Vera Rosa	ministro boa noite...	
310		José Eduardo Cardozo	boa noite, Vera	
311		Vera Rosa	eh:... na sua defesa... o senhor disse que a presidente Dilma Rousseff não tem nenhum ato diREto nas chamadas pedaladas fiscais... eh:... isso não é uma... uma... uma contradição com o próprio estilo dela... porque o que se diz da presidente afastada Dilma Rousseff é que ela... é presidente... é ministra: da fazenda... ministra da casa civil... controla tudo... é um estilo centralizador... então como é que ela não sabia... eh... num... num... não sabia o que tava se passando?	
312		José Eduardo Cardozo	ôh Vera... aliás quem diz isso num é a defesa... é a perícia...	
313		Vera Rosa	sim a perícia diz também... (...)	
314				
315				
316				
317				
318				
319				
320				
321				
322				
323				
324				
325				
326				
327				
328				
329				
330				
331				
332				
333				
334				
335				

336		José Eduardo Cardozo	a perícia quem diz isso claramente... (...)	
337		Vera Rosa	mas a perícia diz que uma possível omissão tem que ser analisada pelos senadores...	
338			veja... não há ato C Omissivo... então não há ato... a grande questão é... a omissão... neste caso... existe? quando que alguém pode ser punido por omissão? quando há um dever específico que ele:... desrespeita... quando há um dever específico... dado aquela pessoa que efetivamente não... não... não cumpre esse dever... a presidente da repl... ah... da república... não gere todos o programas do governo federal... aliás: seria impossível que o fizesse isso... por mais centralizadora que seja uma presidente da república... nós teríamos a condição de afirmar que a presidente Dilma Rousseff sabe de tudo o que acontece e... ah... atua em todos os campos... sabe por exemplo o que é que faz um ordenador de despesa no ministério da justiça... no ministério da fa... não... não sabe... eh:... traça as grandes linhas do país... o plano safra que é onde ocorre as chamadas pedaladas fiscais... é um plano gerenciado pelo ministério da fazenda e os pagamentos são determinados pela secretaria do tesouro... estamos há anos-luz distantes da presidente da república... e aí o que eu digo... não houve nenhum ato dela e eu posso dizer que alguém é responsável por uma omissão quando não tinha o dever a cumprir? nem informada ela foi do que estava acontecendo sobre os pagamentos... até porque Vera... é tão engraçado... se acusa de haver um atraso de pagamento onde havia prazo... não havia prazo estabelecido... como é que alguém vai ser informada de um atraso de pagamento que não tinha prazo? no programa específico... na quantidade de programas que o governo federal tem... aliás... seria curioso que nós então disséssemos que... é criminoso um presidente centralizador e que não é	
339				
340				
341				
342				
343				
344				
345				
346				
347				
348				
349				
350				
351				
352				
353				
354				
355				
356				
357				
358				
359				
360				
361				
362				
363				
364				
365				
366				
367				
368				
369				

370			criminoso um presidente descentralizador dentro do mesmo comportamento... não é pela análise individual...	
371		Vera Rosa	não teria havido uma omissão então...?	
372		José Eduardo Cardozo	não... não há omissão... eu me omito quando eu tenho um dever a cumprir...	
373		Vera Rosa	mas ela não é responsável... ministro por esses () por gerenciar...	
374	16:40	José Eduardo Cardozo	bom... então aí (e) faço uma pergunta Vera... <u>se eventualmente</u> você no seu jornal pratica um ato delituoso... o:::: presidente do Estadão... ele vai ser punido? se ele não deu ordem... se ele não sabia? não existe isso... isso é uma afronta ao bom senso (...)	<i>Com as mãos juntas e dedos entrelaçados fortemente na altura do peito, leva a cabeça rapidamente para a direita olhando para o teto, em seguida olha para a entrevistadora continuando com as mãos na mesma posição.</i>
375		Augusto Nunes	nesse caso ah... () (...)	
376		Daniela Lima	nesse caso a empresa pode ser sim... claro (...)	
377		José Eduardo Cardozo	criminalmente? (...)	
378		João Gabriel de Lima	nesse caso é responsável (...)	
379		Daniela Lima	pois claro (...)	
380		José Eduardo Cardozo	não não... (...) () se ela cometeu... exemplo... se ela recebe um dinheiro por uma entrevista... um jabá... tá certo? como vocês falam na linguagem de vocês... o::: presidente do jornal não sabe... uhn... que ela foi comprada... ele vai ser PRESO?	
381		Augusto Nunes	NÃO não... ê/ele é responsável pelo que é publicado...	
382		José Eduardo Cardozo	muito bem... é isto que estou dizendo (...)	
383		Vera Rosa	pelo que é (publicado) (...)	
384		José Eduardo Cardozo	eu estou dizendo que ELA cometeu um crime... claro (...)	
385		Vera Rosa	mas ministro (...)	
386		José Eduardo Cardozo	ou seja (...)	
387				
388				
389				
390				
391				
392				
393				
394				
395				
396				
397				
398				
399				
400				
401				
402				

403	Vera Rosa	() (...)	
404	José Eduardo Cardozo	no caso específico da presidente Dilma Rousseff eu não estou falando dos decretos... que ELA assinou... eu estou falando das pedaladas... nas pedaladas não há ato... não há omissão... não há NA-da... absolutamente nada (...)	
405	Vera Rosa	a gente sabe que coisas no governo eram a... às vezes ficavam pendentes porque ela vê detalhes das coisas... (...)	
406	Laura Diniz	éh-e-eu... eu queria só reforçar o ((apontando para Vera Rosa)) (...)	
407	José Eduardo Cardozo	veja... você acha que o presidente da república (...)	
408	Augusto Nunes	eu só queria (completar) (...)	
409	José Eduardo Cardozo	Tem (...)	
410	Augusto Nunes	aí depois voltaremos...	
411	Vera Rosa	ah-haha...((sorriu))	
412	José Eduardo Cardozo	o que eu acho... que eu acho incrível (é) o seguinte (...)	
413	Augusto Nunes	o João Gabriel precisa falar... ((apontando para João Gabriel)) (...)	
414	José Eduardo Cardozo	uma presidente da república tem esse poder e insciência de tudo... né/am... ela sabe tudo... tudo que acontece no governo... então se o ministro da justiça eu... que fui durante muito tempo... ah-ah... emito uma portaria pra mandar a força nacional pra algum lugar e ela não sabe... ah ela é culpada porque o ato é ilegal... QUÉ/isso:... nós num podemos ter essa visão... o presidente da república ele é responsável pelo que lhe comPEte... o que não lhe compete ele não é responsável... alguém lhe dirá... ah...mas ela sabia... onde está a prova que ela sabia? não há neNHuma prova no processo que ela sabia... sabe qual é a prova que a acusação dá? afirma?... é até... chega até a ser engraçado... "a pro::va que Dilma Rousseff sabi::a e que praticou um ato... é que na verdade o secretário do	
415			
416			
417			
418			
419			
420			
421			
422			
423			
424			
425			
426			
427			
428			
429			
430			
431			
432			
433			
434			
435			
436			

437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450	18:26	José Eduardo Cardozo	tesouro... senhor Arno Augustin... conversava com ela diariamente... e se conversava com ela diariamente Augusto... <u>ela deve ter falado pra ele...</u> " onde é que tá a prova? uma situação curiosa... Arno Augustin não era secretário do tesouro em dois mil e quinze...	((No momento da verbalização do destaque a câmera está focada no entrevistador Augusto Nunes, porém após pronunciar o nome do entrevistador, o entrevistado faz uma pausa com o gesto que será descrito)) Com as sobrancelhas baixas e a boca com os lábios juntos e bem fechados, aponta com o dedo indicador esquerdo em riste para a entrevistadora que fez a última pergunta, Vera Rosa. ((a situação se assemelha a algo como: "descobri!", mas ele está ironizando o que para os outros seria um fato, uma prova cabal, algo incontestável. A ironia dá margem para a cara de riso do entrevistador Augusto Nunes, no momento em que a câmera está focada em si))
451 452		Augusto Nunes	ah:.... a Laura quer falar alguma coisa? depois o João Gabriel precisa perguntar...	
453 454 455 456 457 458 459 460 461		Laura Diniz	éh: eu... queria só éh-ê:.... corroborar o que... o que a o que a Vera tá falando... ir na mesma linha... as primeiras matérias sobre pedalada começaram a sair no começo de dois mil e catorze... teve uma sobre atraso no fi... dezembro de dois mil e treze... no Estadão... depois no comecinho de dois mil e catorze... o Estadão e o Valor começaram a dar várias matérias... e a partir do segundo semestre de dois mil e catorze a coisa cresceu... mas então como dizer que a presidente não sabia?	
462 463 464 465 466 467 468 469 470		José Eduardo Cardozo	não... os órgãos jurídicos diziam que aquilo não era CRIme...ou...mais... que não era operação de crédito... aliás... isso foi confirmado RE-cen-temente pelo Ministério Público Federal... que disse que não era operação de crédito... por isso não era vedada pela lei de responsabilidade fiscal... quando acontece a decisão do Tribunal de Contas... da União acerca disso? quando ela acontece no final... Dilma baixa uma ordem dizendo "não... não vamos fazer mais"	

471		Laura Diniz	mas então nesse período ela se certificou (...)	
472		Augusto Nunes	LAura. (...)	
473		Laura Diniz	de que aquilo tava:... (...)	
474				
475			os seus órgãos jurídicos... TÓdos... éh... eu dei inclusive... eu José Eduardo Cardozo junto com Luís Inácio Adams	
476			demos coLEtivas que vocês estavam lá... dizendo... nós entendemos que isto não é operação de crédito... mesma	
477			opinião do Ministério Público Federal hoje... e não É	
478			operação de crédito... não é... é um absurdo com o () o	
479			Tribunal de Contas dizer isso... maior parte dos juristas	
480			brasileiros dizem isto... nunca nenhum manual de direito	
481			disse que isso é operação de crédito... neNHUM... eu	
482			inclusive indaguei aos peritos... de onde vocês tiraram a	
483			posição de que isto é operação de crédito? NENhum soube	
484			responder... ah... éh... do Tribunal de Contas... no manual	
485			de conta... o manual de contabilidade tinha sido feito pelo	
486			Arno Augustin... então... ôh:.... vamos ser sinceros...? NÃO	
487			é operação de CRÉdito... nós defendemos até o final no	
488			Tribunal de Contas... pra mostrar nossa tese... perdemos...	
489			no Tribunal... perfeito... dali pra frente não se fez mais...	
490			quer se punir retroativamente? QUÉ/isso? é-é... é o FIM do	
491			mundo alguém ser responsabilizado por atos praticados	
492			quando se entendia que efetivamente não eram delituosos... éh-éh-ê... é o exemplo que eu dou... se tá em uma placa de	
493			trânsito velocidade é oitenta quilômetros... claro... aí de	
494			repente... alguém vem e diz... passa pra sessenta... a partir	
495			daquele momento você vai andar a sessenta... aí alguém diz	
496			NÃO não não... sabe o período que você andou (não) a	
497			setenta e oitenta? você vai ser punido... mas COMO? a	
498			placa era de sessenta... não importa... você devia	
499			saber...QUÉ/isso? é isso que acontece no caso Dilma	
500			Rousseff... (...)	
501				
502				
503		Augusto Nunes	olha só... (...)	
504		José Eduardo	nos dois casos (...)	

505		Cardozo	
506		Augusto Nunes	nada... nada... (...)
507		João Gabriel de Lima	ah: ministro... éh(...)
509		Augusto Nunes	nada impede que o:::: ah:::: o:::: o mesmo assunto... a gente saia do assunto... VOLte ao assunto... sem problema nenhum... é uma anarquia saudável (...)
510		João Gabriel de Lima	haha... ((sorriu))
511		Augusto Nunes	João Gabriel...
512		João Gabriel de Lima	ministro boa noite...
513		José Eduardo Cardozo	boa noite...
514		João Gabriel de Lima	eu que queria voltar um pouco a questão da estratégia de defesa e do discurso do golpe... éh... a palavra golp... golpista é uma palavra extremamente ofensiva... golpista é alguém que atenta contra a democracia...
515		José Eduardo Cardozo	e é...
516		João Gabriel de Lima	pra/um deputado... pra/um senador que foi eleito pelo povo... dentro dessa democracia... golpista é mais que ofensivo... é um xingamento... é um terrível xingamento... bom eu queria voltar um pouco aquela coisa que a Daniela falou... quando teve o pro... quando o processo de impeachment começou... todo mundo falou... é impossível que a presidente Dilma não consiga pelo menos um terço da... da Câmara pra barrar esse processo... ela não conseguiu... foram trezentos e sessenta e sete votos contra... aGOra... a gente vê no Senado que ela começa a perder votos... aí a minha pergunta é... xingar os deputados e senadores de golpistas.... um dos piores xingamentos que se () numa democracia... não é uma má estratégia de defesa?

539	José Eduardo Cardozo	veja... a presidente é acusada de criminosa... não é também uma calúnia? ou é gos...	
541	João Gabriel de Lima	uma acusaçāo... (...)	
543	José Eduardo Cardozo	ou é bom... ah:... e no caso de golpe não uma acusaçāo... qual a diferença? como é (...)	
545	João Gabriel de Lima	eu só (...)	
547	José Eduardo Cardozo	eu sou acusado de criminoso e digo....você está praticando um golpe contra mim... onde está a ofensa? ah:: se há ofensa é dos dois lados...(...)	
550	João Gabriel de Lima	((gesticula com a mão tentando tomar a palavra e com respiração mais marcada))	
552	José Eduardo Cardozo	quando eu boto a realidade sobre a luz... incomoda... dói... dói muito... na verdade eu fui repreendido até por um senador quando eu usei a palavra golpe... que-que não posso () ... COMO não posso utilizar a palavra golpe? está nos manuais de ciência política... destituição ilegítima de um governo é GOLpe... aliás... () (Said) fala... como sendo um dicionário de política que usa essa expressão nessa terminologia...	
561	João Gabriel de Lima	éh-ôh-éh... éh... ministro o senhor pode usar a palavra golpe quando o senhor quiser... tamo numa democracia né...?	
563	José Eduardo Cardozo	(...) CLAro...	
566	João Gabriel de Lima	(...) a minha pergunta é... não foi uma má estratégia de defesa	
568	José Eduardo Cardozo	(...) NÃO...	
571	João Gabriel de Lima	irritar os deputados e senadores xingando-os?	
572	José Eduardo	me diga o seguinte... dizer a verdade é sempre correto... eu	

573	22:37	Cardozo	nunca <u>utilizaria</u> uma estratégia de defesa que eu não diga a verdade... é o maior erro de um advogado é tentar ocultar a verdade daqueles que vão te julgar aos olhos da sociedade e da história... essa é a estratégia que efetivamente <u>me parece correta</u> [...] é um golpe? É... tem crime de responsabilidade? não TEM... vamos dizer o que é para que as pessoas que efetivamente estão assumindo a responsabilidade se explique...	((sem gestos representativos, mantém-se neutro))
574	22:50	José Eduardo Cardozo		<i>Com a mão direita em formato de Ó na altura do ombro direito balançando levemente para frente e para trás, desde antes da marcação da modalização verbal.</i>